



O

ALABAMA



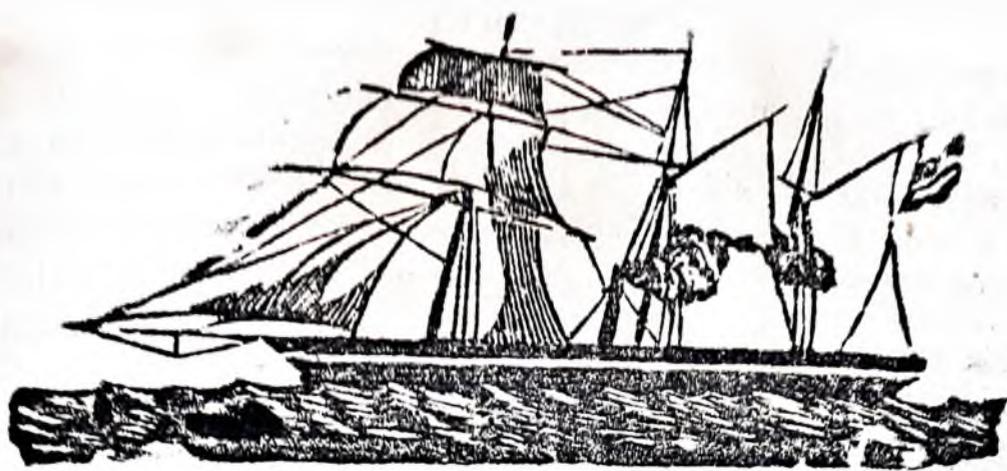
1865

A

1867



H. B.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 1.º DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 133 e 134

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de novembro de 1866

Offício ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para um espectáculo repugnante, que se presenciam ás tardes nesta cidade.

Um infeliz, atado á laia de macaco, pelos quadris, com uma comprida corda, segura a certa distancia por um pequeno moleque, com duas enormes folhas de Flandres presas por cordeis a cada um dos pés, passava por esta cidade, debaixo de pancadaria de um barbaro conductor, e dos trambolhões, vaias e pedradas dos moleques; o proprio conductor divertia-se em aqular a turba contra o desgraçado paciente.

S. S. comprehende, que semelhante scena não é condigna da illustrada capital da Bahia e que tal maneira de castigar, além de repugnar com os principios de civilisação, provoca a desordem o algazarra da malta que acompanha o *farrancho* O melhor remedio para quem tem escravos maus é vendel-os; e certos castigos em vez de corrigir descara.

Espera-se que S. S. mandan lo chamar o Sr. do miseravel, que nos in-

formam ser um tal Bastos, da Baixa dos Sapateiros, faça dosapparecer das ruas desta illustrada capital um tão vergonhoso quadro.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que nos informam que o Sr. Barros Lisboa, conhecido pelo Lisboa das bichas, recebe em sua casa, á rua do Bangala, a roupa suja do hospital de marinha, para lavar, sem que a referida casa tenha as necessarias condições para esse fim, do que resulta que os moradores soffrem constantemente de febres, e tem havido por alli, bastantes casos de morte.

Em bem da saude do povo, confiada ao zelo de S. S., pede-se, no caso de ser isso verdade, que, quando não seja o Sr. Lisboa coagido a mudar-se do centro da população, seja ao menos obrigado a ter desaguadores que dêem livre sahida as aguas estagnadas no pateo de sua casa, onde se faz o despejo, por que além do mais deteriora as propriedades da visinhança.

—Em Pirajá não ha fiscal?

—Pois não; o que não affianço é si elle lá pisa; porque?

—Porque dizem-me que ha lá, um individuo que adoptou por negocio, comprar pelo barato, bois mongos e

cançados o dal-os para consummo da população da freguezia.

—Ora, si aqui dentro da cidade ha disto, quanto mais por lá; é quem tiver escrupulo não comprar.

—E tudo vae assim nesta terra!

—Por mais caudalosa que seja a torrente de abusos, que innunda esta infeliz terra não é capaz de abalar, a quem tem obrigação de velar pelas necessidades do povo!

—Os padres são os primeiros a menos-presarem os actos da religião!

—Não diga.

—Si quer a prova disso vá á tarde á Cathedral; ha dias em que não com- pareço um so conego ao côro, em ou- tros tenho visto apenas o chantre; tem deixado de haver missa por falta de conego, e por ahi vae indo o deleixo.

—Mas a ser assim, parece-me, não affianço, o culpado é o Exm arce- bispo, por não usar de um pouco de energia para com os taes Revms., que não cumprom com seus deveres.

### Correspondencia enciclopedia do «Alabama.»

Foi pelo vapor *Guienne*  
Que me veio o *Alabama*  
Ora, pelo *North America*  
Lhe digo: fiquei de cama.

Ao ler o que vinha escripto  
Na minha correspondencia  
Confesso-lhe exacerbei-me  
Faltou-me a paciencia.

Encafuado na cama  
Vieram-me convulsões  
O corpo todo tremia  
Como si fossem sesões.

A каза me andava a roda,  
Cada olho, era um faixo,  
As tripas todas roncavão,  
Sentia um peso por baixo.

Felizmente uma parteira  
Que á resar seu terço ia  
Foi a primeira chamada  
P'ra me fazer companhia

Depois vieram dois medicos,  
Um barbeiro, um boticario,  
E os quatro reunidos  
Fizeram o—receituario.

Constou elle d'um clyster,  
Que em seguida tomei;  
E creio que me fez bem  
Pelo muito que obrei.

Julgando-me já melhor  
De nada mais quiz usar;  
Sobre as causas do meu mal  
Eu então puz-me a pensar.

Nesse estado eu estava  
Não era sonho, eu via;  
Suas caixas, o seu prelo  
E toda typographia.

Aqui me apparecia  
De thesoura o capitão

Destruindo meu tralho  
Como um cabo d'alcatrão.

Alli, os compositores  
Brincando com os papeis,  
Em vez de compor a carta  
So fabricavam—pasteis.

Vi la o paginador  
Errando a paginação  
Um paqué pondo por outro  
Sem dar pela alteração.

Vi tambem o revisor  
Com ares de estudante;  
Disse: pode saber muito,  
Mas no rever, é pedante.

Vi tambem o impressor  
Co'a mão coçando a virilha  
Diz n'lo ao seu batedor:  
*Osté falla la castilha.*

Vi tambem o Maximino  
Abalroando assignantes  
Dizendo: paguem as series  
Pra não chamal-os tratantes.

Tambem vi o Miguel Prates  
Sentado, e o Bugariun  
Esperando o *Alabama*  
P'ra entregar, no Boufim.

Na casa não havia ordem  
Era tudo um labyrintho,  
E da desordem que la ha  
Os effeitos cá eu sinto.

Então não ponde conter-me:  
Praguejei: sejam maldictos  
Quem no trabalho alheio  
Assim pratica delictos.

Disse, e me levantei;  
Apena logo empunhei  
Pra dizer-lhe, com decencia:  
Fica sem correspondencia

Pois que, eu mando o escripto  
Mutila-o a redacção!  
E depois manda imprimil-o  
Sem ter nenhuma attenção!

Escrevo um nome, o muda,  
Si é uma ideia, me corta,  
Si fallo deste, não quer  
Sempre acha uma porta.

Pois então não quero mais  
Para jornaes escrever,  
Eu ca fallo só verdades  
Não m'importa d'offender.

Leve a breca o revisor  
E mesmo o paginador,  
Não esque um só postilhão  
Sem soffrer d'indigestão  
Impressor e o batedor  
Nos dentes, só sintam dôr,  
E aos taes compositores,  
Em paga de seus favores,  
Recebam mil sipoadas  
Em troca das cassnadas.

Sirva pois isso d'aviso,  
E' uma amostra do panno  
Do contrario, fago ponto  
Não escrevo para o anno

Si não sabe o que escrevo,  
Pelo que sou responsavel,  
Me despeço e busque outro  
Que seja mais agradavel.

As verdades hei de dizer,  
Não terei condescendencia;  
Contra o pobre, ou o rico  
Goze ou não de influencia.

Si assim serve, muito bem,  
O que ha, lhe vou narrar,  
Publique como lhe mando  
Sem em nada a alterar.

Principiarei pois pela obra, que o grande Saraiva nos arranjou, o que tanto dispendio, de sangue, dinheiro e credito, nos tem custado; sem que, apesar disso, se possa saber quando teremos essa — empreitada concluida.

Ja vê que me refiro á guerra. —

A não ser uma armadilha, que dizem fizera o Polydorio agora, tudo seria pasmaceira.

O que porém não ha duvida é:

Que o sangue la vai correndo,  
O dinheiro, se gastando;  
O que em trez mezes fazia-se  
De dous annos vai passando.

Entretanto o empreiteiro  
Para Europa se largou  
Levando setenta contos  
Que para ajuda embeijou.

Capitão desingane-se, que este mundo é composto de uma corja de tratantes, patifes e expertalhões como Voce não ignora; e que o povo foi, é e hade ser, quem tem de pagar as differenças.

E no fim, quando morre um tratante, ahí vem a Sra. imprensa cantar-lhe as virtudes, e notar a pobreza, quasi sempre, do mais experto ladrão que teve o thesouro.

Agora mesmo deparo com os seguintes avisos, que são uma prova de cuidado, zelo e parcimonia com que se gastam os dinheiros publicos, que é o mesmo que dizer — o suor do povo.

« — Ao ministro da fazenda, communicando as nomeações do conselheiro José Joaquim Rodrigues Lopes, e Dr. José Joaquim Rodrigues Lopes, o 1.º para *commissario especial* do governo, a fim de proceder á medição das terras da ex-colonia de S. Leopoldo, vencendo (*além do soldo*) a gratificação mensal de 600\$000 e o 2.º para acompanhar aquelle commissario nos trabalhos a seu cargo, com a quantia de 160\$ mensaes.

Não fica o favor n'isso só.

« — Ao mesmo para que seja abonado ao conselheiro acima referido a ajuda de custo de 1:800\$, a fim de *vo-der seguir* para a provincia de S. Pedro do Sul.

Vai mais longe a proteção ainda.

« — Ao gerente da companhia brasileira do paqueta á vapor, mandando dar passagem do ré e *comedorias* até Porto-Alegre, ao conselheiro J. J. Rodrigues Lopes, ao Dr. J. J. Rodrigues Lopes e a Sra. deste!!!

Eis ahí por que se diz:  
O mundo é p'ra quem é  
O esperto anda de carró  
O bobo caminha a pé.

Na ultima que lhe escrevi, fallei do uso que se hia introduzindo de *meetings*, ou reuniões populares, das quaes tão mal sahiram os tribunos de Pernambuco, e nessa occasião fallei-lhe da que se projectava em Pelotas, cidade do Rio Grande.

Se o resultado desta não foi o d'aquella, por que ninguem foi a cadeia; com tudo não foi feliz em seus resultados com verã do que se segue:

« No domingo ás 4 horas da tarde, teve lugar no paço da camara municipal, a reunião popular, que em nosso ultimo numero dissemos.

A concurrencia foi numerosa.

O Illm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Garcez, iniciador dessa reunião, fez lavrar um acta em nome do povo, pedindo aos Srs. charqueadores o mais pessoas, que estivessem no caso de contribuir com alguns de seus escravos, (dando liberdade), para engrossar as fileiras do nosso exercito, ou mesmo com dinheiro para as despezas da guerra.

Foi então para isso nomeada uma commissão, que recahiu nos Illms. Srs. Dr. Antonio Ferreira Garcez, Dr. Gama Lobo e major Bastos commandante da guarnição.

Findo estes trabalhos, sahiu a illustre commissão, procedida de muito povo e da bella musica do Sr. Carlos John, que durante a reunião deixava nos fazer ouvir algumas bellas peças de musica, á cumprir essa missão.

Nesse mesmo dia, tiraram um feliz resultado; e, temos toda a convicção de que não se hão de arrepender.

No dia seguinte porém, a commissão encarregada de agenciar os donativos, embarcou-se em um carro (ja se sabe, pago á custa della) e proseguiu no

seu generoso e prático empenho, animada pelo bom exito da vespera.

Tão infeliz porém, foi no segundo dia que, ao entrar, na terceira casa (dizem de um tal Sr. Dr. Antonio Gonçalves Chaves, charqueador importante, valha a verdade!) fóra por elle tão mal e brutaemente recebida, que deliberou immediatamente, não dar mais um passo para a frente.

Realmente o tal Doutor começou dizendo: «que a commissão estava mal organizada, porque não tinha sido tirada das pessoas de importancia do lugar (como elle e seus amigos, provavelmente!) que ainda não estava enraizada nesta terra, emfim que não inspirava a menor confiança; tendo na vespera alarmado toda a cidade, aterrando as familias com a muzica e aos charqueadores com o povo.»

Correo risco a Commissão

Não acha meo camarada?

Foi bom o doutor só fallar,

Não dar couces, nem dentada.

O governo imperial, pela via do ministro da fazenda acaba de decretar a liberdade gratuita dos escravos da nação, com fim de aproveitá-los no exercito. Foi uma boa lembrança pela diminuição dos roubos que por ahí costumam haver. Em verdade, era lamentavel que, ao passo que os filhos do paiz são compellidos e recrutados para voluntarios, essas parasitas, isentas de todo onus social, estejam somente a amontuar fortunas, sem se saber a origem dellas.

Mas, vem ao caso uma pergunta:

Quaes são esses africanos, escravos da nação, áquem agora se manda libertar, gratuitamente?

Creio que foi no ministerio do ministro comprador do *Cotopaxi*, que egual medida se decretou; e se é certo, quaes são os escravos que ainda existem.....?

Este é o resultado

De fazer-se leis na perna

Como se fóra o codorio

Que se bebe na taberna.

Isso porem, não passa de uma reflexão minha e n. o censura.

Mais 850 brasileiros seguirão para

o exercito nos vapores *S. José e Galgo*.

E' escusado dizer, que S. M. e seus semanarios assistiram ao embarque.

Foram dispensados do serviço do exercito os tenentes coronéis Salvador e Carolino Tosta.

Não louvarei nunca o procedimento de qualquer que sollicitando licença depois de gosar-a; quando deve voltar, diz — não posso; principalmente quando, como estes, venceram soldos e mais vantagens no ocio.

Parece isso um modo feio de especular.

Me dá noticias do general commendador Dr. Evaristo? Vem ou não? A licença ja concluiu-se — *Oitocentos mil reis por mez!!!* sala.

É'ra mamarem da Nação

Cada qual é mais ladino;

Mas, regressar para o campo

Cada qual é mais molino.

Esquecia me dizer-lhe. O José Eurgenio andou aqui peraltando e por fim, vendo que nada fazia, lá se arranjou e como alferes regressou para o campo. Ah! quantos destes temos lá que o mesmo deviam fazer?

Ca, os recrutadores, deram uma noite no *celebre* Alcazar e fizeram uma colheita de vagabundos, que chegou para uma companhia.

Para refazer se dos trabalhos e incommodos, teve o Barão de Uruguayana seis mezes de licença com vencimentos. Para substituí-lo foi nomeado o conselheiro Nabuco.

O Barão de Melgaço, vice-presidente da provincia de Matto Grosso desistiu de seus vencimentos em favor dos cofres do Estado.

Quando tantos buscam empalmar por todo modo; este desiste. Um viva pois ao nobre barão de Melgaço.

Brasileiros, como este,

Que presa sua Nação;

Devem ser sempre lembrados

Com toda veneração.

Nas correspondencias do Pará para o Paiz, insertas no n.º 125, encontrei a seguinte noticia, que é uma prova da facilidade, com que todos os dias somos enganados, por qualquer qu-

dam, que se nos apresenta, como o conde JASIENSKI, que tanto barulho fez em Pernambuco e foi alli objecto de muita consideração.

« Uma longa carta dirigida, de Pernambuco pelo Sr. Jonquim d'Aquino Fonseca ao Dr. Francisco Castro, diz que o tal inculcado conde, que ali esteve e aqui, tratando da colonisação polaca, nada mais é que um aventureiro, visto como em vez de verdadeiro conde é o ex-lacaio da condessa Plater, Felix Jaworski, que o despediu por seu pessimo comportamento, e que nem se quer um Mr. Hube consentiu que elle casasse com uma sua cosinheira.

« Entre muitas outras informações que da Fonseca ao Dr. Castro, acerca do inculcado conde, diz que dirigindo se em carta ao principe Czartorwski chefe dos polacos emigrados e residente em Pariz, este lhe dissera, em carta de seu proprio puzho, que o conde Jasienski, é muito alto, louro, corado e casado com uma ingleza, signaes estes, que se não parecem com o inculcado conde, e que lhe não constava que aquelle conde houvesse deixado a Polonia, e que pelos signaes que lhe mandou o principe chefe dos polacos de Felix Jaworski, não restava duvida ser e le o que se apresentou na sociedade brasileira com o falso titulo de conde Jasienski. »

Não faz mal, qualquer *pé-leve*  
Pode vir neste Brasil,  
Dizer: nasci conde, embora,  
Vendesse agoa em barril.

Com isso nada elle perdo  
Tem logo consideração;  
Não faltam aduladores  
Que vão render-lhe oblação.

Esta vae sem noticia de importancia, mesmo porque como o que hoje dá que fallar é a encommenda que nos deixou o Saraiva; dessa nada ha á contar.

O governo está a braços com uma questão importante, si bem ella não merecesse tanto barulho na terra do Dr. Getulio; autor da bodarrada. Não querendo deixar de nella fallar o faroi

transcrevendo as proprias palavras, com quo o correspondente de Minas oscreve ao *Jornal do Commercio*.

Diz elle: « Ainda não foi decidida pelo Sr. ministro da justiça a questão Moutinho.

« Com effeito depois de uma certidão passada pelo vigario geral e rubricada por S. Ex. o Sr. bispo do Marianna, que prova ser Antonio Jorgo Moutinho, liberto, ainda será o mesmo conservado no posto de tenente coronel do batalhão 59 do termo do Marianna? »

Acho mau taes apuros neste paiz onde isso se dá a todas as horas.

Quantos neste caso haverão na nossa terra, exercendo empregos e em posições vantajosas? Mais de um conhecemos, e quando isso fosse crime o governo sabendo, para que os aceita? Não está no exercito, cingindo uma espada e as divisas de capitão o nosso Marcolino, e elle sendo liberto, ha pouco tempo, com que direito, distinguindo se e ganhando postos se lhe ha de depois dizer—sois liberto—despi o que vosso merecimento vos deu?

E' assim nosso paiz.  
Onde tudo igual se diz,  
Se precisam oh! de certo  
Não importa ser liberto.  
Mas quando s'está servido  
O traje lhe é despido,  
E por honra da Nação  
Vão ver na escravidão;  
O nome do inexperto  
Qu' é brasileiro—liberto.

Pela minha parte digo, caro capitão, são tantas as bandaleiras que vejo, que só me poderia vingiar dellas, se podesse realizar a ideia, consagrada no seguinte:

« Podesse uma só nau contel-os todos  
E o piloto fosse eu. . . . . »  
Na falta de louça propria, vamos ver o que ha pelas casas dos visinhos:  
O seguinte codigo militar, composto de 14 artigos, que se observa na China, é uma prova de que alli não se fabricam, unicamente, fogos e brincos para creanças. O dito codigo é expedido

por um *mandarim* o explica a origem da valentia dos povos do imperio ce-leste.

1.—Treze dias antes da batalha, os bra-vos comerão *geléa de tigre*, afim de se pos-suirem da cólera, da raiva, e da ferocida-de dos tigres.

2.—Doze dias antes da batalha, os bravos comerão *figado de leão assado*, afim de por esta forma se apoderarem da intrepidez natural do leão.

3.—Onze dias antes da batalha, os bra-vos comerão *pelle de serpente*; afim de adquirirem astúcia e astúcia d'esse reptil.

4.—Dez dias antes da batalha, os bravos hão de beber *licor de camaleão*, afim de deslumbrem os inimigos, mudando cons-tantemente de aspecto.

5.—Nove dias antes da batalha, os bra-vos tomarão *caldo da crocodilho*, afim de poderem perseguir o inimigo, por mar e por terra, assim como fazem os crocodilos, que se batem em ambos os elementos.

6.—Oito dias antes da batalha, os bra-vos comerão *moéla de jaguar diluida em vinho*, afim de se lançarem sobre o inimigo com a rapidez e a furia do jaguar.

7.—Sete dias antes da batalha, os bravos comerão *cabeças de milhafre*, afim de se lançarem sobre o inimigo com a rapidez e a furia desse animal.

8. Sete dias antes da batalha, os bravos comerão *intestinos de hemione*, para te-rem o grito terrivel d'este quadrupedo, e poderem assim atordoar o inimigo.

9.—Cinco dias antes da batalha, os bra-vos comerão *hippopotamo*, afim de com-municarem á sua pelle a rigidez d'esse am-phibio impenetravel ás balas.

10.—Quatro dias antes da batalha, os bravos comerão *rabos de macaco*, afim de sahirem ao assalto com a velocidade d'este ligeiro quadrupedo, e procederem em tu-do o mais com a finura que lhe é habi-tual.

11.—Tres dias antes da batalha, os bra-vos comerão *um prato de escorpiões*, afim de que todas as feridas que fizerem ao ini-migo sejam venenosas e mortaes, como são venenosas as picadas do escorpião.

12.—Dois dias antes da batalha os bra-vos comerão uma *fritada de linguas de saguins*, afim de tornarem medicinal a sua saliva, com que curarão qual quer ferida que receberem, como fazem com a lingua aquelles animaes.

13.—Na vespera da batalha, os bravos comerão *petto de panthéra*, a fim de se-rem despiedosos para os inimigos, como a panthéra,

14.—Na manhã do dia da batalha, os bravos tomarão ao almoço uma *chavena de sangue de leopardo*, afim de nunca se

voltarem, dilacerando um inimigo, o que é a virtude característica de guerreiro, ca-sinada pelo leopardo.

#### Disposições geraes.

Artigo unico:—Não comerão os bravos, em tempo algum, *carne de veado*, para que na occasião da lueta suas pernas não se lembrem de imitar ás d'este animal.—  
Tremão e obedição!

São estes os principaes artigos da guerra do celeste imperio.

Se elles em parte fossem observados em nosso campo de Marte no Paraguay, talvez menos longa tivera sido a guerra actual, e não tantos os que n'ella hão desaparecido.

Oh! que povo tão feliz,  
Sem rival no mundo inteiro;  
Em valentia—excede  
A qualquer nosso sendeiro.

O calor por aqui tem subido de mo-do espantoso. E' pena, que nos que es-tamos sempre promptos a imitar tudo que o estrangeiro faz, não façamos co-mo nos Estados- Unidos, se pratica, se-gundo a noticia que se segue, que en-contrei em um jornal d'alli.

«No dia 23 de junho o thermome-tro marcava em Washington mais de 36 grãos. No capitolio a temperatura era tão elevada que, os membros da camara estavam em mangas de camisa a discutir o bill dos impostos e clausu-las do bill dos creditos militares»

Devia ter graça, os representantes da nação a advogarem os seus interesses em mangas de camisa!

O caso é que, em camisa  
Fazem leis sem detrimento;  
Nossos cazacas não as fazem  
Sem rabo, o regulamento.

—Onde pararão os progressos da in-dustria moderna? Na America acaba de inventar-se uma machina de castigar, si dermos credito ao seguinte annun-cio, inserto em um jornal de New York:

«Aos mestres de escola—Ha para vender um machina de bater om bom estado, garantida, para castigar em 20 minutos uma classe de 50 dis-cipulos. O proprietario separa-se della por ter terminado os seus negocios, e pelos seus dous rapazes estarem já muito crescidos para serem castiga-dos »

Ah! s'ou a possuisse!

Fazia uma experiencia  
Havia principiar  
Por tudo qu'è excellencia.

Conta o *Jornal do Havre* que se acaba de observar um interessante phenomeno d'uma aldeia de cantão de Villefranche (França). Uma mulher, que foi impressionada pela vista de um negro, deu a luz uma menina, cuja metade do corpo é branca e a outra negra. O proprio rosto appareceu bipartido de negro e branco de modo que, vendo-o de perfil, é uma negra de um lado e uma branca de outro. Apesar d'esta singularidade, diz o mesmo jornal, a creança é bonita e a sua saude não deixa nada a desejar.

Ver gente de duas caras -  
Entre nos não admira,  
Ha tantos como sapatos,  
Chamados de sola e vira.

Exemplo, veja o Almeida  
Qu'era vermelho extremado,  
E hoje é mouro, é dia o  
Por que quer ser deputado!!

La vai o Souto, è um dos taes: dedicado, e amigo, intrepido e corajoso; *desinteressadamente* acudiu ao grito da patria e deu fundo nas enfermarias de Buenos-Ayres.

Paiz de ingratos, que não comprehendem a dedicação de seus melhores servidores!

*Seiscentos mil reis mensaes e outros pequeninos favores* que fazias á esse *benemerito*, te impobrecia, Brasil?

Ingratidão por ingratidão: Não reconhecestes o sacrificio que elle fazia, correndo risco de ser victima de uma balla quando Lopez *entrasse* em Buenos Ayres. Queríeis, sem duvida, que elle fosse por a *Corrientes, Tuyuty, Curuzú, Curupaty?*—Te enganastes.

Tão nescio não era elle.

Volta pois á sua provincia á cuidar nas bellas plantações de flores e capim do seu Passeio.

A Bahia, apreciadora de seu character de—*quebra mas não torce*—lhe fará justiça; e o sertão, não lhe negará, ainda que seja, uma *tripeça* para se assentar na *representação* nacional; como homenagem ás *suas luzes*, á seu *talento* e aos *grandes serviços*, que tem prestado á sua patria.

Quanto á mim, não podendo de outro modo, rudo-lhe de cá o meu tributo com a seguinte parodia.

Não lamentos, meu Souto, o teu estado  
Como tu, muita gente tem havido  
Milhões de Soutos ao Paraguay temido  
De lá, milhões de *bravos* tem voltado.

Não quizeram te ver, Souto, soldado,  
Ingratos, te roubaram essa c'roa  
Não importa, conserva tua prôa,  
Quem sabe, serás tu o deputado?

Quantos d'aqui, no *correr*, famosos  
Não tem visto seus nomes na gazeta  
Com pensões e titulos extrondosos!

Si Caxias tirou-te a grossa teta;  
Teu fino e conhecimentos espantosos  
Te darão, para entrares, um' outra greta.

O nosso Tamandaré ja passou o commando ao barão do Amazonas, e corre que ja vem, agoas abaixo, em procura desta Corte.

Ca estou para apreciar-o e oportunamente dar-lhe noticias delle.

O *Diario de S. Paulo* nos noticia o seguinte:

« Um brasileiro, o Sr. D. Francisco Alvares da Cunha, contrahiou o matrimonio pela undecima vez. Que vocação!»

Na Inglaterra o que ha de mais notavel é que um individuo, querendo cazar, annunciou precizar de uma mulher. No fim do dia, em que se leu o annuncio tinha recebido—desoito—cartas de maridos, que cediam-lhe suas charas metades.

Não erra quem afirmar  
Em Londres, mulher casada  
Quando o marido a enjôa  
E' como ca carne salgada.

Vou agora dar-lhe noticia de um facto curioso, que se dá no nosso exercito.

Si é verdadeiro, é digno de ser memorado como agradecimento á distracção, que elle offerece á nossos irmãos:

E' de uma carta do exercito, na qual entre outros episodios communica:

« Ha dias veio corrido do campo inimigo uma turma de veados perseguidos por um cão; a soldadesca immediatamente formou um circulo e conseguiram apanhar alguns veados e o cão.

« Um soldado teve a feliz idéa de escrever uma descompostura aos paraguayos, amarral-a no pescoço do cão e soltal-o para o campo inimigo; quando alegres e contentes tratavam do como teria sido recebida a missiva pelos paraguayos, eis que apparece do

novo o cão com a resposta. Repetiram-se as missivas e as resposta, cada uma dellas mais atrevidas. O cão, corréio, continua na sua missão, proporcionando mais este entretenimento aos pobres soldados; fazendo-os esquecer por momentos, as suas fadigas e os seus trabalhos. »

Louvamos a lembrança.

Vou fazer uma rectificação sobre o final da minha ultima missiva:

Pedindo-lhe noticias das vagabundas digo, das *ninphas*, escrevi:

Diga se está por lá

Palmira—a pernambucana,

Mulata velha e atôa;

Que quer parecer sultana.

Que meiguices ella faz,

Que troçeitos, que amores!

Qualquer homem não lhe agrada

Só quer receber *doutores*.

Entretanto, é mui ruim,

Não val nem uma *pitada*

Quer parecer que é cousa

Servindo p'ra cassuada.

E' como Judeu errante,

Tem corrido todo mundo;

De syphilis é armazem,

Ou antes poço—sem fundo.

Isso tinha eu escripto, porem veiu alterado de modo que, não se entendia.

Agora me dê noticias

Da Anastacia—foveira

Onde está Calú—boneca

E a Lourença—fateira?

Diga-me, Antonia das Vellas

Ainda é mãe de terreiro?

Inda faz feitiçarias

P'ra ter moços de dinheiro?

A Maria—aborrecida,

Martiniana—canario

Inda andam em S. Bento

De noite no seu fadario?

Amalia—olhos de sapo;

Felicidade—gaguinha

Inda fazem sua roça. . . .

Com a tal Aninha—galinha?

A grande Serapiana,

A Maricas—boa obra,

Dizem, que para vagarem

Sempre tem tempo de sobra?

Finalmente, dê noticias  
Do nosso Foló-madrasso  
Aquelle que é casado  
Com a filha do Saubasso.

Fallei de bota e sapato  
De tamancos e chinellos  
Bê-me novas, eu lhe peço  
Do ruído Vasconcellos.

O Patusco.

## VARIEDADE.

### CA' E LA' MAIS FADAS HA.

Enviaram-nos a seguinte e curiosa peça:

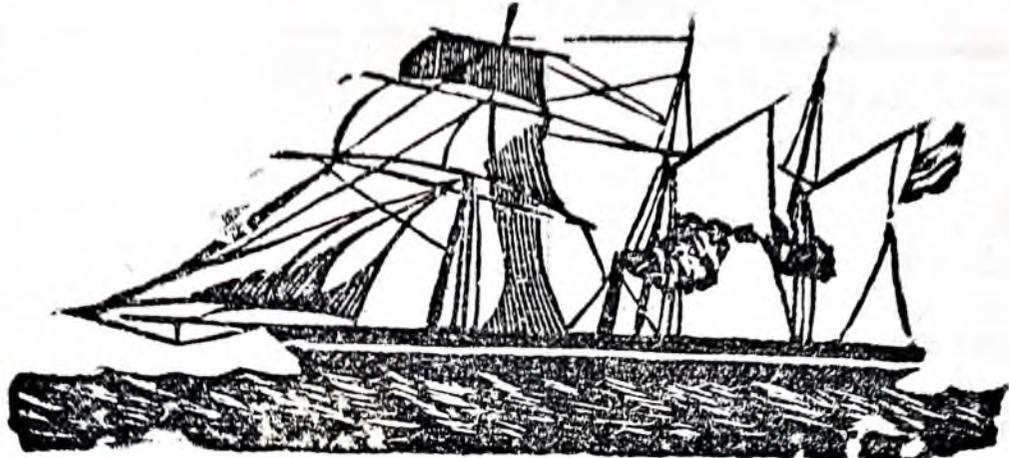
Termo de *penhora*.—Aos 12 de Agosto de 186. . eu a baixo assignado, Official de justiça, com o meu escrivão tão bem assignado, em *virtude* do despacho *recto* do Sr. juiz de. . . procedi a *penhora* nos moveis seguintes de E. . . .—Hum *commoda* de jacarandá—um armario de amarello—uma duzia de cadeiras de sóla—Hum espelho com sua meza de pedra—uma cama de casado torneado.—um oratorio com seis imagens, a saber—um cavallo de estribaria—dois porcos—uma bacorinha—dois carneiros. Eu etc. etc.

Se *alguem* se propuzer a compôr um novo formulario, recommendamos-lhe o modello acima.

Um alceião sabendo que tinha envinado certo filalço seu compadre, julgou dever ir dar-lhe os pesames; o que fez desta maneira:—Sr. *compadre*, as cousas que a gente mais estima, são as que mais depressa leva o duobo, a Sra. *commadre* já lá está, ora, console-se que, tambem V. Exc. a ha de ir acompanhar.

Sir John T\*\*, membro da camera dos commons era conhecido por vender seu voto ao ministerio. Um dia em que elle ia fallar a favor de uua proposta ministerial, um seu collega de differente opiniao, puchando-lhe pelo vestido, lhe diz: «Ora pois, meu amigo, todos os vossos sete filhos já estão empregados.—He verdade, respondeu sir. John, mas he que minha mulher está pejada.

Sup. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 4 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.<sup>a</sup>—N. 135

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de dezembro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que dê providencias, afim de que seja sem demora tapado um buraco, em frente ao Caes do Pedroso, onde, ainda ha poucos dias, foi um descuidado, sem vontade, medir-lhe a profundidade.

—Não sei para que certa gente tem escravos!

—Para trazel-os espancados e mortos a fome, pedindo que comer pela visinhança.

—Como uma pobre negrinha, esqueleto ambulante, que anda pelo Gravatá. A miseravel traz um fragmento de saia sobre a pelle retalhada pela correia e um trapo enrolado ao resto do corpo; anda por alli a esmollar dos moradores um pouco de comida, e algumas pessoas charidosas, condoidas do estado da miserranda, matam-lhe a fome com algum bocado de pirão; o corpo dessa coitada vive coberto de sevicias, produzidas pelo latogo do azorrague.

—Quem é o senhor dessa desgraçada?

—Para fallar verdade não sei quem

é: vou ver se consigo do *Ernesto* me dizer quem é o sujeito.

—Pois vá e volte para dar-se providencias.

### A PEDIDO

—Que desaforo! Ah! desavergonhada negra! Porém a culpa é de teu senhor moço, que é da tua eguala; si não fosse, não estarias á mandado d'elle, lançando quanto nome injurioso ha sobre a pobre mocinha de defronte, porque ella se nega a corresponder ás finezas desse marmanjo!

—A culpa é do chefe da familia, que deixa sua casa andar á matroca. Não é aquelle velho que *ensina meninos da Ilha do Valor* quem mora alli?

—Elle mesmo.

—Eu creio que nesta rua do *Dono do Zé* nem inspector ha, para ver aquillo.

—Elle fia-se em ser amigo do *Porphyrio*, que *faz gloriosas* piruetas áquelle advogado da rua *Torta*, muito chegado a igreja.

—Porém o muxingueiro, que não tem condescendencias, de taca fará a festa na cara desse bigorrilha, bem como na sua negrinha *Damiana*.

—Por toda a parte injustiça e patronato!

Quem é que deixa de confiar um rebanho a um pastor zeloso, cuidadoso e providente e que o leva todo dia a beber nas agoas cristalinas do *certo rio*, para entregal-o a outro desregrado, immoral, bebado e devasso, que anda sempre de cara *azeda!*

—Eu do enigmas, entendo pouco.

—Não ha enigmas; é que havia ali para fora uma freguezia, onde existia um rebanho confiado aos cuidados de um pastor, que falleceu; dois individuos, que exercem a profissão de pastores, requereram ao dono do rebanho o logar; um, apesar de, como homem, ter defeitos, cuidadoso de suas obrigações, morigerado etc., outro, tendo tudo de ruim em si, já conhecido por perverter as ovelhas, abandonat as e deixal as desgarradas em vez de conduzi-las ao aprisco. O dono do rebanho mandou os pretendentes ao seu intendente ou provisor de logares. Qual dos dous acha que elle escolheu?

—O moralizado, é claro.

—Enganou-se; escolheu ao perverso debochado.

—Então é que tem desejo de ver perdidas as ovelhas de seu amo, e não quer seguir o preceito do Evangelho—*apascentai minhas ovelhas.*

—E' que nesta terra predomina em tudo o nepotismo e o patronato, meu charo.

Spiritismo é chîmera,  
E' tolice, é baudalheira;  
E' a sciencia dos cegos....  
E' uma completa asneira.

Certo francez pretendendo  
Debicar a humanidade.  
Ideiou e poz em pratica  
Semelhante necedade.

E logo mil idiotas,  
Em adeptos se arvoraram;  
Baniudo assim, temerarios,  
A crença, em que se criaram.

Um delles, pobre pateta!  
Viu o anjo do Senhor:  
Um outro a Moysés—e onde?  
Na montanha do Tabor.

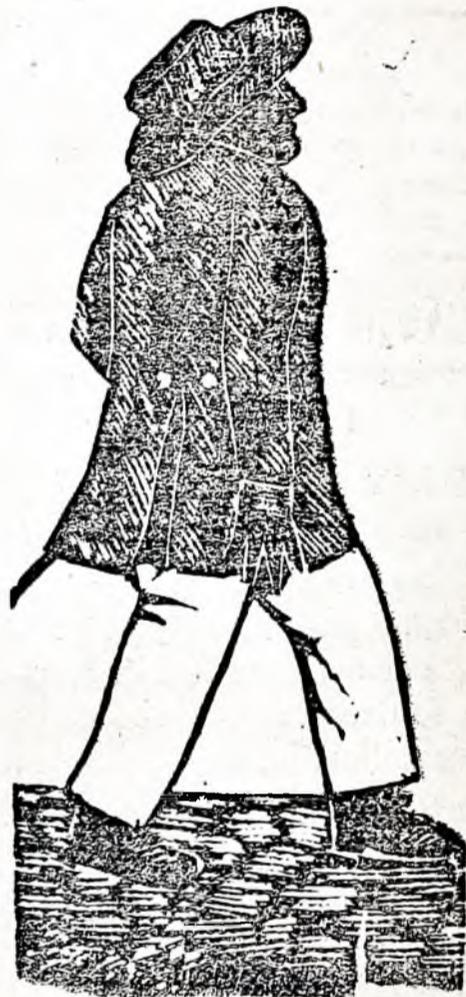
Veem tudo quanto querem  
La no mundo da verdade;  
São felizes os taes bichos....  
Sabem tanta novidade!..

Dão seus *camdomblés* á noite  
A moda da inquisição;  
E malucam todo dia,  
Forjando nova invenção.

Fazem chapéus, á galope,  
Correrem a casa inteira;  
Mezas fallarem; em summa  
Tudo quanto é brincadeira

E assim levando a vida,  
Nessa ridicula illusão.  
Enganam a toda hora  
Tudo quanto é *toleirão.*

Allan Kardec.



—Queijo encetado, vae acabado.  
Já que principiei a relatar as proezas e traficancias do infame e endiabrado *Medonho*, não ha remedio sinão ir até o fim.

Por tanto, entro na materia.

—Porém antes de começar, é preciso desfazer um engano seu. O sujeito para quem *Medonho* diz que alcovita o casamento, não é o *pharmacopola*, que *pratica* n'um hospital de *afflictos*, e sim um individuo, que o mesmo admittiu, como seu ajudante, com pena d'elle, e por empenhos do *Procopio*, amigo intimo do tal ajudante, que por gabolice diz pela rua a quem não sabe, que elle é quem *pratica*,

quando está alli somente por commiserção.

— Aceito a rectificação, e sem mais commentarios continuo a decifrar as façanhas do dosfaçado *Medonho*.

Logo que osse *mameluco* sem vergonha, conseguiu que a Joaquina do *André Gallinaceo* se transferisse para sua toca ou caserna, levando toda pacotilha e escravos, que possuía, fructo do commercio illicito e immoral da carne humana, em que traficava n'uma *costa* o tal *Gallinaceo*, e cujo producto mandava a lasciva negra para ella esbanjar com seus amantes, tratou de animal-a com mentidas palavras e enganadores subterfugios para assemporear-se do animo do velho cação, e constituir-se administrador de seus bens.

Tinha Joaquina alguns contos de reis em uma *caixa* por *economica* que era. *Medonho* sem authorisação da negra propoz-se a levantar o dinheiro, allegando ser procurador; porém, nessa ladroeira, foi esbarrado por um dos directores do estabelecimento, que tambem ja tinha sido amante de Joaquina, o qual mandou consultal-a por portas travessas, si annua a que *Medonho* tirasse o dinheiro, e como leve resposta negativa, quando o harpya apresentou-se na caixa, passou-lhe uma tremenda descalçadeira, o enchoitou a trote, chamando-o espertalhão, tratante e rapina, e esse salteador de raça ethiope, sabiu com uma quente e duas ferventes, pela porta do estabelecimento afora.

Vendo o tratante escapar-lhe essa occasião de montar se nos cobres da preta, cogitou um meio mais seguro por onde fosse roendo molle, molle, a chelpa da ignorante preta velha, que apezar da tratantada de *Medonho*, ainda depositava nelle grande confiança pelas palavrinhas doces com que a soube illudir.

Tinha ella uma propriedade bastante arruinada; *Medonho* persuadiu-a a que a mandasse concertar para não vir abaixo, e encarregou-so da obra,

Tomou logo 600\$ rs. para comprar materiaes, e os poz no peito; depois apresentava todos os sabbados uma folha de trabalhadores de 80\$ e 100\$ rs., sem que tivesse ainda dado principio á obra!

E nessa chuchadeira levou mais de tres mezes; até que a negra descoufiou da graça, achou que o concerto da casa vinha a ficar exorbitante, e fez ponto. Averiguado o facto soube ella, que sua casa estava no mesmo, ou em peor estado do que d'antes.

*Medonho* ajoelhou-se aos pés da velha preta, verteu lagrimas do crocodilho, e disse que atrapalhado por uma letra tinha lançado mão do dinheiro, porém que assim que estivesse desembaraçado, fazia o concerto á sua custa, e ella comeu a pilula e continuou a crer no gatuno *Medonho*.

— Eu comprehendo: essa gente, que faz vida de lograr os outros, tem labias, que qualquer cahe na esparrela.

— Passado tempos não escarmentado o velho coirão das peças que lhetinha pregado o ladrão, ainda cahiu em outra. Disse-lhe elle que andava á venda um excellente terreno, por 4:000\$ rs., o que era de graça; que ella, comprando-o, podia edificar duas ou tres excellentes propriedades, que lhe dariam nm bom rendimento, e tanto cantou, que a negra mettu o pé na ratoeira e deu-lhe os cobres. Elle, com effeito, comprou o terreno, porém em seu nome e ficou de posse delle. Dessa occasião em diante principiou ella a ficar arrepiada com *Medonho*, vendo que esse corvo só trabalhava para sugar o que era seu.

Depois disso, fingiu-se aleançado em um negocio, e propoz-lhe que vendesse alguns escravos, bem como a hypotheca de duas raparigas livres, que ella tinha em seu poder.

Desta vez Joaquina não esteve mais pelos autos e levantou o banco, deixando o covil da panthera e indo para sua casa, com o que era seu bem diferente de quando para lá tinha ido.

Entretanto Luiza, sua antiga aman-

te, apesar de estar na *quebradeira*, ainda tinha alguma cousa.

Medonho somente por *pirraça* à Joaquina, mandou-a buscar para casa; porém foi para piorar de sorte, por que o ingrato *Medonho* tratava a peor do que a um cão, e ella desesperada do sua má sorte, dilacerada por ver o mau pago que tinha, pouco durou e morreu.

Dizer as angustias, os dissabores que sofreu a miseranda em tres mezes que esteve de cama, as privações que passou, o desamparo em que se viu, causa horror, e seria um nunca acabar; o melhor é deitar um veu sobre esse quadro lugubre e aterrador.

A desgraçada foi enterrada miseravelmente; expirando em uma imunda marquezia, sobre uma simples esteira, passou-a para um velho caixão e dahi foi conduzida ao cemiterio por 6 soldados do quartel que tem *palmas*, sem ao menos lhe mandar o padre *encommendar*!

Luiza morreu á mingoa, sem um medico, sem os soccorros da religião, e entretanto, dias depois de sua morte, *Medonho*, apresenta um testamento em que Luiza o instituirá herdeiro do que deixara! (Continúa.)

—Celebrou-se no sabbado um *Te-Deum*, na matriz de Santo Antonio....

—Já sei; para pedir a Deus que cesse a guerra que nos flagella.....

—Enganou-se.

—Então foi para que barateassem...

—Não Sr., foi por que o conego Pedro de Campos foi nomeado pelo arcebispo provisor do arcebispado.

—Ora,.... que vão bugiar.

Muito banaes são esses padres, que cantam um *Te-Deum*, por tal motivo.

—Não, o auctor foi o padre Uzeda.

—Ah, comprehendo, elles lá se conhecem e la se coçam.

Padre Uzeda fazendo *Te-Deum* ao vigario Pedro de Campos!

Ah! manes de D. Romualdo.

Bem diz o Sr. arcebispo que: depois do porco morto é que se vê o toucinho.

—Esta nossa terra é fertil em extravagancias.

—Isto já não admira; e até já aborrece fallar nellas.

—Mas, ha cousas que se não podem callar. Ora veja: no sabbado, foi um padre francez, que mora no convento de S. Francisco, e que alli como em todas as egrejas diz missa, celebrar na capella de Nossa Senhora d'Ajuda por mandado do franciscano, que alli é capellão.

—E o que houve?

—Os irmãos reuniram-se, fizeram o padre desvestir-se; o povo *encommo-dou-se*; o padre teve uma *syncope*, e o resultado foi os fieis sahirem sem missa, e feixar-se a igreja.

—Mas, porque fizeram isso os irmãos?

—Ora porque? Por ontenderem que o padre não é padre.

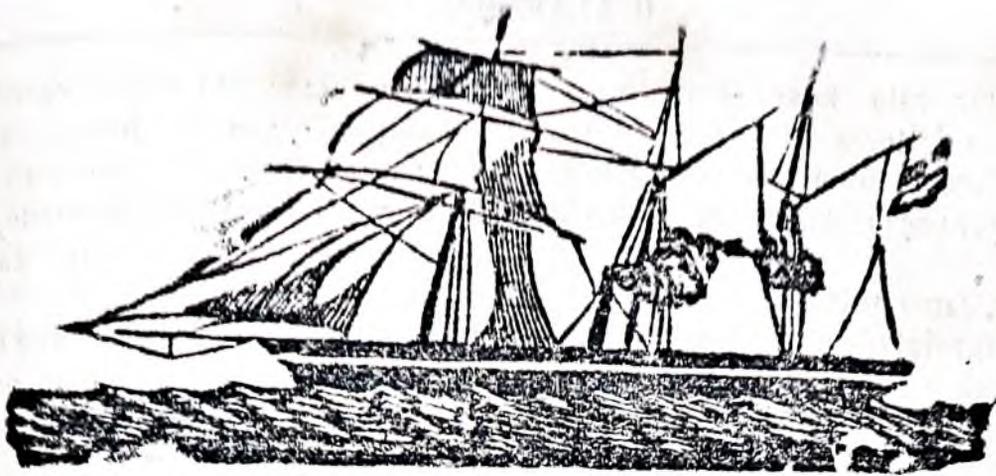
—Homem, isto é uma patifaria, pois uma irmandade pode prohibir a um sacerdote de celebrar! Isto não é da competencia do arcebispo?

Si o padre celebra, é naturalmente por ter licença; já deve ter sido examinado, e como tal reconhecido; e como se pratica assim?

—Muxingueiro, vá á uma laverna, que não fica no principio nem no fim da subida do *Carmello* e diga ao vendelhão que deixe de consentir alli *baldernas*, principalmente do escravo do Jacintho, que vae la fazer *pipocas*; mandando elle vendelhão patoar e insultar quem passa, como aconteceu no dia 26 do p. p., em que elle mandou esse mulherengo apupar uma mulher, do que resultou um grave conflicto, no qual sahio o cujo bem convidado de chinellas pelos beiços, porem em que muito soffreu a moralidade pelas palavradas que choveram de parte a parte.

## VARIÉDADE.

Perguntou um Persa a um ecclesiastico christão si satanaz era casado: ouvindo a resposta negativa, exclamou elle: Infeliz de mim! Que grande delicto terei eu commettido para merecer mais castigo do que elle?



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

7 DE DEZEMBRO DE 1866.

SERIE 14.<sup>a</sup>—N. 436

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para a ladeira das Veronicas, onde moram algumas mulheres de vida irregular, as quaes, á noite, levam a encommodar a vizinhança com desordens e palavradas etc.

—Ao Illm. Sr. subdelegado em exercicio de Pirajá, pedindo-lhe que tenha preso seu cachorro, já que elle por ser cachorro d'authoridade, está isempto das boillas do Evaristo, para não andar mordendo a quem o vae procurar, como ainda ha poucos dias aconteceu a um pobre velho. Isto espera-se em bem do *serviço publico*.

Portaria ao grumete Evaristo, ordenando-lhe que va deitar a bola n'um renitente cão que ha na casa n.º 69, ao Cabeça, que investe para morder a todos que por allí passam. Cumpra.

—O Dr. Gustavo faz vezes de mulher?

—Anda sempre o Sr. com graças pesadas!

—Não sou eu que digo, é o *Jornal a Bahia*.

—Onde está isso, homem?

—Leia aqui.

—« Outro tanto folgo de dizer á respeito do digno official maior Dr. Gustavo Adolpho de Sá, por mim nomeado, em reconhecimento de seu *marido*, para substituir o fuzado Dr. José Moreira do Pinho. »

—E então?

—Homem, si isso é verdade, estava reservada ao Sr. Leão Velloso a gloria dessa descoberta.

—Dá licença que faça uma rectificação?

—Pode fazel-a.

—Não é exacto o que diz o =á perdido= do numero passado á respeito do padre francez não ter celebrado missa na igreja d'Ajuda, sabbado. O motivo foi unicamente por ter elle soffrido um incommodo na occasião em que ia celebrar. E' verdade que espalhou-se entre o povo o boato de que a irmandade se oppozera a que o padre celebrasse; porem foi falso.

—Bem; da irmandade que hade se achar *formalisada*, accete a retificação como uma satisfação.

### Apontamentos á lapis.

PRIMEIRA PAGINA.

E' cheio de pezar e tristeza, é longo de todo o qualquer preconceito, que

vamos encetar osto nosso trabalho, mostrando aos leitores um facto, que demonstra á toda evidencia o mais alto gráu da depravação da moral e dos costumes.

Esse facto, como outros muitos, será, já o dissemos, relatado e analysado com toda franqueza e lealdade.

Na apreciação justa e imparcial d'elles não pretendemos, nem tão pouco temos em mira systematisar principios, afim de que d'elles se infiram illações rigorosas e necessarias para a execução de qualquer acto.

Alternativamente indulgente e rispido, condescendente e austero, não negaremos a verdade, scentelha do Creator.

Sem mais ambages entramos em materia, narrando em primeiro logar o facto promettido.

Esse facto é o recrutamento das freguezias de fóra.

O acto de recrutar-se n'esses logares se faz de um modo absurdo e arbitrario.

Não são só absurdos que se commettem, não são só arbitrariedades que se praticam; praticam-se e commettem-se actos immoraes, torpes e vergonhosos, actos que aviltam ao homem, amesquinham o seu fim e polluem a sociedade.

Nada mais triste, sombrio e doloroso, que vêr-se o modo austero e barbaro porque se faz o recrutamento em taes logares, entristece, enlucta e até compunge o coração o mais corrupto e perverso.

O quadro d'aquelle espectaculo é horrivel de vêr-se e terrivel de contar-se.

Não é preciso que se lhe carreguem as côres.

Aqui é um pae, que, cansado pelo pezo dos annos e pelas lides do labor, como um animal irracional, é arrancado de sua humilde e pobre habitação, deixando suas pobres e innocentes filhas no abandono e na miseria!

Alli é um filho, que, sendo o unico arrimo de seus paes, por meio de uma força torpe e vilmento empregada; é tirado do lar paterno, ficando elles gemendo sob o peso da fome e da molestia!

Mais adiante é um esposo, que é c-

brigado a deixar sua esposa carregada de filhas, entregue aos braços da saudade, do desespero, e, o que mais é, do infortunio, porque não mercadejou a sua honra na hastea publica da demoralisação!

Mais adiante é um irmão, que forçosamente abandona á sua irman, porque tambem não consentiu, que a virgindade della fosse enxovalhada e perdida no lodaçal torpe e immundo da prostituição!

E, afinal, filhas, mãe, esposa e irman são lançadas ao torvelinho impuro da perdição, deixando por essa forma impresso na fronte d'aquelles entes, que ll es eram mais charos, o stygma da infancia, do aviltamento e da deshonra, porque infelizmente os homens assim o quizeram, porque a miseria bateu-lhes na porta, porque não tiveram uma pedra onde repouzar a cabeça, nem um pedaço de pão para matar a fome de alguns dias!

Esses e outros factos não se dão somente nas freguezias de fóra. Ao passo, porem, que taes cousas se dão, ao passo que homens, que tem grande prestimo na sociedade, são por essa forma maltractados e vitipendiados nos seus mais nobres e puros sentimentos por essa casita de safados, e mandados para o theatro da guerra; outros, que estavam, sem contestação alguma, no caso de la ir, homens que, como vulgarmente se diz, *não tem officio nem beneficio*, andam, como todos os dias estamos vendo, perturbando o socêgo publico com palavras immoraes, torpes e obscenas, e praticando actos maus publica e escandalosamente.

E dizem que esta cidade é policiada, que a policia tem grande actividade, quando taes factos se dão, ficando os seus authores impunes.

Não sabemos em que se occupa a policia, permittam-nos que tal absurdo digamos, porque em toda hora do dia e da noite ha desordons, e ella não apparece, fica muda e taciturna, como o somno da indifferença, está mergulhada em um profundo lethargo, d'onde é impossivel sahir, pela inepecia, indo-

lencia e crassa ignorancia dos seus principaes agentes.

«O governo, que devia reprimir com toda força e energia, que devia refrear esse cataclysmo, que ameaça derribar a sociedade desde os seus mais firmes e solidos alicerces, infelizmente não pode, porque elle é o proprio, que escolhe para esses cargos, alias onerosos, homens, que tem tanto prestimo como a quinta roda de um carro, homens vis, mercenários e libidinosos.

E esses homens não se envergonham, não tem pejo de não poderem desempenhar bem o seu dever!

E não coram perante a opinião publica!

Mas porque?

Porque, infelizes, já tem o coração corroido pelo vicio!

Porque, desgraçados, a semente da corrupção, que nos seus peitos germina, já tem raizes bem grossas e profundas!

Porque, miseraveis, já nem distinguem o bem do mal, conhecimento indispensavel para os bons actos!

Basta: tudo isso indigna ao homem o mais reprobro e malvado.

Tambem na guarda nacional tem se commettido escandalos e abusos.

Para dar uma ideia basta ler o seguinte no expediente da presidencia do dia 24:

«Officio ao marechal commandante das armas communicando que, em vista das informações do commandante superior deste municipio, do commandante do 1.º batalhão de artilharia e da sociedade — Monte pio dos Artifices provando ser menor o GUARDA NACIONAL Martiniano da Rocha Gravata dado como contingente do dito batalhão, resolveu a presidencia que seja elle posto em liberdade com baixa do serviço do exercito.

«—Ao mesmo, communicando que, em vista dos documentos com que requereu Maria Silvina Correia de Mello, provando ser de menor idade seu irmão Manuel Valleriano de Mello dado como contingente da guarda nacional deste municipio, resolveu a presidencia que seja elle posto em liberdade

com baixa do serviço do exercito.

«—Ao commandante superior da Feira do Sant'Anna, communicando-lhe que, tendo sido julgado inapto para o serviço do exercito, por NÃO TER A EDADE LEGAL o GUARDA NACIONAL João José Baptista, que remettera por conta do contingente que deu o mesmo municipio se mandou pol-o em liberdade.»

Vamos a outros assumptos.

No dia 25 do mez p. p. tomou posse da presidencia o Sr. Dez Ambrosio Leitão da Cunha. A' noite do dia seguinte houve no theatro de S. Joãa o beneficio do actor Salles Guimarães, e a elle compareceu o Sr. Leitão. Notamos e muito, que ao apparecer S. Ex. no camarote, a orchestra tocara o hymno nacional.

Com effeito o Sr. Leitão da Cunha já teve as honras do nosso monarcha!!! Quando nunca S. Ex. pensara n'isso!!! Mas pensamos e firmemente acreditamos que tal facto se dera assim de insullal-o mais, porque em toda parte e para tudo ha aduladores. S. Ex. que não se deixe levar por essas cousas ridiculas e fugaces, não queira que do Capitolio, onde se acha, seja precipitado á rocha Tarpeia. S. Ex. sabe que d'aquelle logar a este dista só um passo!

S. Ex., pelos actos que já tem practicado em tao curto espaço de tempo, parece vir predestinado a melhorar o estado desta provincia, infelizmente tão desprestigiado pelos seus dous predecessores, Dantas e Velloso.

Os actos de summo alcance e de melhoramento por elle practicados são os seguintes:

Officiou ao commandante do corpo provisorio de policia, determinando que nenhum individuo poderia ter praça no serviço do referido corpo sem previa authorisação sua.

Ao mesmo, ordenando-lhe que diariamente mande para a presidencia mappa demonstrativo do serviço do referido corpo.

Ao inspector da thesouraria provincial, ordenando-lhe que sobre-estivesse no cumprimento de todas as ordens para pagamentos, que não importassem

despezas com o caracter do ordinarias, devendo ella informar quaes aquellas, que, sem inconveniente, poderiam ser adiadas, reduzidas ou supprimidas.

Essas ordens, repitimo-l-o, são de summo alcance e valor, em consequencia das arbitrariedades, que se dão na admissão de guardas para o corpo policial, e tambem encarando-se sob um aspecto grave e serio o modo porque se acham os cofres provinciaes, infelizmente devastados pelos Srs. Dantas e Velloso.

Enfim:

O Leitão é grande coisa  
É um soberbo senhor,  
Pois já teve na Bahia  
As honras de imperador.

Depois desses factos vamos referir um outro que demonstra o estado mesquinho e degradante a que se acha reduzido o nosso commercio. Os nossos negociantes já não sabem mais o que hão de fazer. Estratagemas, escamotagens e toda especie de ladroeira, que ha, elles practicam.

Ainda no dia 25 do mez p. p. dizem que o Sr. Costa Alves commerciante desta praça encontrou o proprietario de um dos trapiches alfandegados a tirar de cada pipa de vinho seis canadas e substitui-l-as por agoa destillada.

Oh! que baptismo atrevido! Baptisar deste modo só é privilegio de certos mysteriosos, que enriquecem enigmaticamente.

E este facto, nós o esperamos, ha de passar impune, porque nessa epocha é impossivel refrear-se qualquer acto por mais revoltante e anti-humanitario que seja.

O seculo actual é o do progresso e da civilisação. Até ja se inventou calçado de papel. O sabido principio de Eugenio Pelletan está sempre em pé.

«Chegou o reinado do papel, serve a todos e para tudo. Presentemente fabrica-se na America uma grande quantidade de calçado desta materia; e esta uma das novidades do dia. Este calçado é feito de papel combinado com o tecido chamado mersellina.

Na realidade deve ser commodo para o dia chuvoso.»

Em vista desse novo invento, é preciso que a humanidade não esmoreça. Abraçada com essa maxima caninha

ella sempre. A desesperança e a descrença são o suicidio d'alma.

Houve no dia 25 do mez p. p. um passeio á ilha de Itaparica.

Foi um vapor levando para mais de duzentas pessoas, indo tocando durante a viagem a philarmonica Therpsicore bellas e variadas peças.

Apreciamos pela primeira vez o adiutamento, a ordem e a bella educação d'aquelles jovens, que se dedicam com todo esmero e luxo á tão bella quão sublime arte. O povo portu-se com a maior siseudez e criterio que é possivel ter-se.

Voltamos á tarde penborado sincera o verdadeiramente dos bellos sentimentos dos itaparicenos e das maneiras polidas e delicadas com que souberam tractar a todos e entre elles ao

*Agrippa.*

## A PEDIDO

— Ora o que havia de fazer aquelle leitão!

Metteu o focinho naquella Cova de Caco e descubriu tanta podriqueira!

— Si elle revolve-se mais a terra havia de encontrar uma alluvião de ninhos de ratos.

Pede-se ao Valette de Copas que deixe de perseguir a mocinha da casa da modista.

Pergunta-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, si podem dous escravos deitar casa de negocio com distico na porta, sem licença.

*A formiga da casa n.º 17 a baixa do Mau-fim.*

— V. aqui em pé no adro, é novidade!

— Estou aqui de vedeta para agarrar negras de peixe e multal-as sem contemplação, ainda que ellas me peçam por Sant'Anna.

— V. é inflexivel, pois não cedo nem ao nome da inclyta Avó de Christo?

— Eu sou das virgens, si alguma se lembrar dellas, e me pedir eu cedo; do

contrario tudo hoje fica sem peixe e paga \$5000 rs.

— Não sei, meu charo, não tenho condescendências; *si p'ra o anno* eu for demittido, neste hei de fazer o que poder.

— Capitão, trago-lhe uma nova triste; a morte de um bello character social.

Morreu e está sepultado no cemiterio do Campo Santo o Dr. Gasparino Moreira de Castro.

— E' sensivel a perda para o partido conservador.

— E' uma verdade; assim como deixou na indigencia numerosa familia.

— Meu charo, do governo não espere ella nada; mais dos cotreligionarios, estou certo que se hão de lembrar que, o finado era um dos que em politica não transigia; e que dedicado de coração prestou-lhes valiosos serviços.

— Gosto de o ver assim, capitão. . . .

— Não, aqui faz se justiça; sova-se os patifes, mas elogia-se os homens de bem.

— Capitão, as suas ordens.

— Mandei chamal-o para perguntar-lhe, si conhece aquelle sujeito que está alli blasonando valentia?

— Muito. Tem até o meu nome.

— Então chama-se Cerqueira?

— E' verdade. Aquelle sujeito offereceu-se para marchar como voluntario, e depois de ter comido bastantes cobres do governo, no dia do embarque, atirou-se dentro de um buraco em Nazareth, quebrou uma perna e um braço afim de não seguir!

— Que cobarde!

— Casou-se, deixa a mulher em casa, sem ter o que comer, e um dia porque ella reclamou essa maneira de proceder, agarrou-a pelo braço, e atirou no lamaçal da prostituição!

— Que infame!

Muxingueiro, vai ao *fortinho* onde tem *lagortixas*, procura lá o Cerqueira que fabrica charutos, amarra-o em

uma das peças da mesma fortaleza, para que todos os tabareus, que por alli passarem, cusпам-lhe na cara; depois leva-o para dentro de casa e mette-lhe a cabeça dentro do cano, obrigando-o a comer toda trampa, que dentro d'elle existir.

— Serão cumpridas as ordens, capitão!

— Aquelle hon em está possesso? Só doudo faz aquillo!

— Quem é aquelle cujo?

— Diz-me aqui o *Pedro* que é um tal *Joaquim*, official da guarda civica, eleitor da freguezia do *Chaveiro do ceu*.

— Que destino!

Entrou por casa da *Tintinha* e cortou os trastes todos a navalha, fez um berreiro dos seiscentos, deu pancada, apanhou, e por fim não foi preso.

— Edificante exemplo para um homem casado!

— *Cruz padre!* . . . . Esse demonio, isto é a escoria da classe.

Não ha taca na cara deste desfaçado relapso, que o faça endireitar.

Quem vê este sevandija ruim, andar de cabeça baixa pela rua, com ar recolhido, não ha de dizer que aquella peste é um safado seductor, um deflorador infame, um abutre da honra das familias.

— Deixe o; são fraquezas humanas.

— Pois ha de andar este demonio de corôa, a perder e prostituir innocentes meninas, que tem a infelicidade de ouvir suas torpes labias?

— Creio que elle já se deixou disso.

— Quem lhe disse? Agora mesmo anda elle a seduzir uma inexperiente menina da casa 17.<sup>a</sup> á rua das *Estampas*, que incauta, ignora as manhas da hedionda besta e dá lhe ouvidos, quando seu pae sahe para o trem e os irmãos para seus empregos.

Vá a rua das *Estampas* que ha do vel-o todo dia a bordejar para ver se emboca.

— Quem tem a culpa de tudo isso?

— E' a authoridade ecclesiastica, que consente; si elle fesse punido desde

que teve a insolencia de deflorar uma moça dentro da sacristia de um templo, si tivesse corrocção, quando, encontrado n'uma casa à ladeira dos Gatos, deu-se o escandalo do ser espancado publicamente na rua, e outros muitos factos, que tem praticado, não continuaria em tão irregular e descarado procedimento.

—Já que não ha quem se importe o procure prevenir os desmandos deste infame aza preta, vamos escrever uma carta anonyma ao pae da moça, fazendo-o sabedor do que se passa em sua casa, ao menos para prevenir a desgraça de mais uma infeliz.

—Si quizer faça; eu cá por minha parte vou mandar o muxingueiro, retalhar a cara desse abjecto e immundo padre, em cujo corpo, á despeito da Cruz, Satanaz vive encarnado.

—Agora não foram capadocios, foi gente de colarinho em pé. Bem se diz que em toda classe ha moleques.

—Que foi?

—Tres sujeitos, que estavam alli na Ladeira do Aljube a insultarem e quebrarem as janellas de uma moça por não lhes querer abrir a porta.

—Quem eram?

—Não era canalha; era gente de gravata e posição, empregados, etc.; creio que havia até um engenheiro.

—Para esses é desnecessario policia, porque ainda que houvesse não os levava presos.

—Por fim, oh, cabocolinha,

Cabiste no alcapão....

E contra tua vontade

Foste presa pela mão.

E por tamanha fortuna,

Os amantes da melgueira

Fizeram tanta armadilha

Que cabiste na visgueira.

—Ahi temos novo Patatiba, a fazer versos.

—E' uma poesia que arranjava para recitar nas bodas de um casamento; mais infelizmente não pude, porque a policia não me deixou entrar.

—O Sr. está padecendo da bola; o que

se importa a policia com convidados de um casamento?

—Vm. é que anda, pelo que vejo, muito atrazado com as novidades de sua terra. Então não sabe que, cassou-se o Dr. Aberem debaixo de um apparato todo militar?

—Ignoro.

—Pois saiba.

—Que motivo houve para isso?

—Eu bem digo que o Sr. anda a tã; por ventura não ouviu tambem fallar nos episodios, que antecederam ao casamento do Dr. Aberem?

—Não sei nada absolutamente.

—Pois vá ouvir o.

Sabe da eccleuma, que levantou-se ha pouco nesta Latronopolis por causa da fortuna deixada por um celibatario mellionario, na qual todos quèriam metter o queixo, tomando por alvo algumas filhas naturaes do mesmo, que até essa data tinham vivido esquecidas ou até despresada.

—Estou ao facto; appareceram cincoenta mil pretendentes; uos alegavam até que namoravam as meninas desde o tempo de eschola.

—Pois sim; a posse dessas meninas, ou antes da fortuna dellas, foi posta em hasta publica, os pregões annuenciaram a venda do objecto e cada pretendente, por intermedio de seu corretor, apresentou sua proposta, cada qual mais vantajosa. A vista da concurrencia o agio subiu e as transacções tornaram-se difficeis; houve pretendente que passou letra de 40:000\$rs. fora o que deu a seu agente.

Realisaram-se as transacções, e os fardos foram cedidos aos que mais lucrativas condições apresentaram: ficando apenas um fardo em ser, que foi depositado n'uma casa de barro na freguezia de Itaparica.

Somente para esse haviam 83 pretendentes!

Entre elles havia um *Valertanno*, essencialmente protegido e que provavelmente seria o feliz, que alcançaria o premio dourado, si o Dr. Aberem que se achava n'um rio desde Janeiro não se apresentasse incontinentemente, trazendo cartas do ministro, que anima e dá incremento á industria para o pae dos orphãos. As cousas mudaram-se desde logo, como que por encanto; a menina foi trasladada logo da casa de barro em Itaparica para a casa de umas *trmans*, isso não por *charidade*, mas para proteger ao Dr. Aberem.

O pae dos orphãos, desejoso do bem

estar de sua tutelada, foi em pessoa aconselhada, levou-lhe o retrato do seu futuro, e entregou-lhe uma carta do mesmo para responder com urgencia.

Ao saber ella dirigio-se à *irmã* mais velha da casa, que era superiora ás outras, e prohibiu que alli tivesse communicação com a moça outra pessoa que não fosse o Dr. Aberém, ou quem trouxesse um bilhete assignado por elle.

Preparado o terreno, foi assiduo o Dr. Aberém em visitar a constrangida moça, que depois de cansada da impertinente visita teve um dia a franqueza de lhe dizer:

«—Nas condições em que me acho, não posso ser esposa de outro homem, sinão daquelle a quem me dediquei, serve-lhe?

«—Serve, minha senhora.»

Foi a resposta.

Entretanto o *pae* dos orphãos foi tomar a resposta, e não a obtendo impoz para o outro dia impetritavelmente, declarando que no caso de ser negativa, ella ficaria reclusa 5 annos!

Nesta contingencia, não havia remedio si não ceder, e o sim fatal foi proferido.

Os preparativos andaram accelerada e mysteriosamente, sem embargo do que, o facto divulgou-se; e para evitar duvidas foi conduzida em segredo debaixo de todo apparatus militar para o *Mata-eu*, onde os foi unir o padre *Pés de Cujú* que caminhou a pé até lá.

Eu que era amigo do Dr. Aberém tencionava ir la recitar a minha poesia, porém ao chegar fui esbarrado pela força militar.

—Vamos bem á respeito do segurança do propriedade!

A excepção de uma ou outra venda que amanhece arrombada, da porta desta ou daquelle casa que apparece aberta, o estado de segurança, é o mais satisfactorio possivel.

—Não diga.

Só na Roda da Fortuna nestes ultimos dias amanhecera abertas a porta da venda do Daniel de Mattos Guimarães, e no dia 3, a do Antonio José de Miranda Junior, levando os sujeitos toda moeda que acharam nesta.

Até a propria Virgem Santa Barbara não ficaria isempta, a não ser o proprietario do hotel das Nações, que *gradou* um soldado da guarnição que

fazia viagem com a caixinha das es-mollas da Santa.

Estado peor do que esse, só si os ladrões andarem de punhal, atacando quem passar na rua.

—Tambem V. não quer que se dê um ou outro facto, n'uma terra tamanha e onde não temos policia.

—Diga isso que eu lhe creio.

—Toda noite, quando von,  
Caminho do *Gravata*,  
Um vulto constantemente  
Passa de cá p'ra lá.

—Quer que lhe diga o que faz?

—Si me disser não faz mal;

—Faz horas para *embocar*  
N'uma casa de quinta l.

O sujeito é militar,  
Pois que ja o vi fardado:  
E mesmo mandando a guarda  
Por alli ja tem passado.

—Em horas tão solitarias  
Que vae na casa fazer?

—Creio que com certa dona  
Doce entrevista vae ter.

—Entrevistas a taes horas!  
Devem ser ben. perigosas.....

—O que se hade fazer,  
Si ella as acha *gostasas*?

—Os phariseus em outro tempo mercadejavam apenas á porta do templo, os de hoje traficam descaradamente com o culto divino.

—Naquelle tempo o divino Mestre os expelliu a azorrague, hoje serão tangidos á taca pelo muxingueiro.

—O Sr. sabe que a irmandade de *Santa Abre a Vista* festeja a sua padroeira na capella da *Cidade da Judea*.

—De tempos immemoriaes.

—Sem que nunca soffresse o menor obstaculo. Pois agora um relapso hypocrita lembrou-se de impor á essa devoção o onus de 50\$000 rs. pagos adiantados, si quizer celebrar festa na dita egreja, ou um fiador á seu contento.

—Isso é nma miseria. Preterir a celebração do culto, por uma ridicula questão de dinheiro!

—E' para ver os santarrões da epocha, que vivem na egreja a bater

nos peitos, e a bajular as irmãs de charidade!

—Affectam a charidade do Job quando nelles está incarnada a hypocrisia de Poncio Pilatos! Andam cabisbaixos com ares de contrictos beatos, quando nos corações de leão lhe refervem os sentimentos de torpe sordidez!

—Em resumo fica a Santa este anno sem novenas e festa?

—E' verdade; si não pagar o aluguel do templo, nem a porta da egreja se abrirá.

—Infames mercenarios!

—Mas creio que ainda ha recurso no Sr. prelado, que é o interessado e incumbido do—Culto Divino.

—Nemem, elle saberá entrar no negocio.

Emfim, esperemos e veremos.

—Si eu conhecesse o fidalgo — Nós—do *Diario*, mandava a esse presumptuoso palhaço o seguinte pedacinho, que encontrei no *Echo Popular*:

«*Licção aproveitavel.*

«Extrahimos do «*Correio Paulistano*» a seguinte noticia:

«Um dia passou por certa rua o immortal Washington, presidente dos Estados-Unidos e chefe dos exercitos da grande republica.

«Acompanhava-o um amigo e aproximou-se um negro escravo, que respeitavelmente saudou o presidente, tirando o chapéu.

«Washington respondeu ao cumprimento, tirando tambem o chapéu, com grandes mostras de consideração.

«—Como, disse o amigo de Washington, saudou com tanto respeito um miseravel preto?

«—Pois, então, respondeu o general, queria que achassem esse a quem chama «miseravel preto» mais bem educado do que eu?

«Eloquente licção para certos figurões que se envergonham de cumprimentar qualquer honrado homem do povo.»

## VARIÉDADE.

Certo doutor foi chamado á pressa a casa de um doente seu, que em razão de um recatado pela sua filha.

Quando chegou, já em casa do doente estava um dos precedidos collegas, a quem dirigio os cumprimentos do estylo, e entre elle e o doente começou o dialogo seguinte:

—Oh! o senhor está muito peor.

—E' verdade, senhor doutor.

—Pois olhe a culpa é sua.

—Muba? então por que?

—Por que, prescrevendo-lhe em restricta diéta, o senhor foi comer laranja.

—Ai! E' verdade, Sr. Dr., peço perdã, mas eu tinha tanta sede, e foram só dois gomos, bem vê V. S. que não nego.

—Poderá negar aquillo, que eu vejo, olhe (mostrando a bacia), ainda aqui está, as cascas; com doentes assim, o que se deve fazer é deixal-os, e retirou-se.

O collego que tinha chegado primeiro, e que já estava impaciente, prescreveu ao doente uma *laranja-da*, sahindo em seguida, visto não ter chegado o terceiro; e, com as ideias ainda frescas do dialogo, que acabara de ouvir, entrou em casa de outro desgraçado doente, que tambem estava um pouco peor (talvez por lhe mudarem a roupa, e mocherem a cama, cujas palhas se viam ainda no chão) tomando o pulso ao doente, a seu turno começou assim:

—Oh!, então o que é isto?

—Ah! meu bom doutor, estou muito mal.

—Isso sei eu, queixe-se de si.

—Queixar-me de mim?...?

—Sim, de si; pois eu pouho-o a caldos, e você põe-se a comer *palha*?!—

—Oh! S., Dr., por Deus, não cassue comigo.

—Heim! Eu cassuar, ora essa; pois eu não vejo ainda *algumas palhas* no chão?

## ANNUNCIOS.

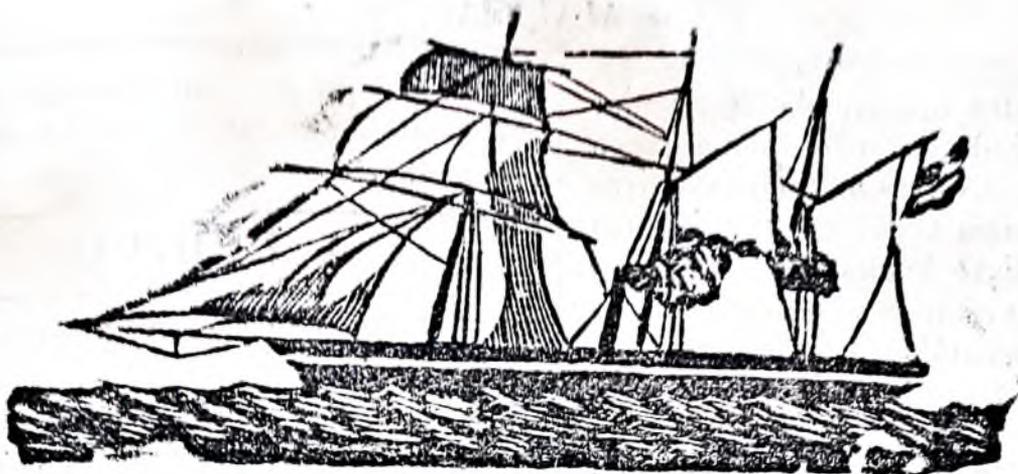
Amanhan terá logar na Cathedral os festejos de Nossa Senhora da Gloria dos Meninos. Espera-se a concurrencia dos devotos.

Na rua da Louça casa n.º 32 3.º andar—reforma-se, e concerta-se chapéus para meninas e senhoras com perfeição e por preço commodo; e faz-se flores de todas as qualidades.

## AOS SRS. ASSIGNANTES.

Este numero, apezar do sahir com duas folhas é contado por um.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



# O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

11 DE DEZEMBRO DE 1866.

SERIE 14.<sup>a</sup>—N. 137

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que em um callogi, nas Quebranças, freguezia da Victoria, sob a direcção dos crioulos Adolpho e Gregorio escravo do Sr. Pessoa poeta, reune-se uma caterva de individuos, de toda catadura, para o uso de jogos prohibidos; ha constantemente desordem alli, principalmente na occasião de dividirem os despojos dos inexperientes; por aquelles lados dão-se sempre furtos, que são attribuidos aos individuos, que frequentam essa casa, por que abi vae gente de todo quilate. Espera-se que S. S. encarregue a um agente de sua confiança, (e não a algum interessado em eleições), a captura de semelhante quadrilha, aonde poderá fazer uma boa colheita, para mandar de presente ao marquez de Caxias.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, recommendando a S. S. um desavergonhado moleque, de nome Horacio, cuja vida é nos assentos de S. Bento a atirar pedras. Nas noites das novenas a Conceição, divertia-se em atirar as

pela rampa do theatro abaixo para ir bater no povo que subia a ladeira; tem o desaforo de escrever cartas a meninos de escola, convidando-os para fins libidinosos e assignar-se Horacio da Fonseca e mandal-as levar ás casas dos paes dos referidos meninos, como se poderá apresentar a S. S. uma das mencionadas cartas.

Portaria ao aspirante pedreste João de Deus, ordenando-lhe que previna ao official de justiça Xavier, que, quando tiver de ir ouvir missa, não leve o seu cachorro selpudo, para com seus latidos se pôr a encommodar o povo, perturbando o silencio e acatamento que se deve guardar na Casa de Deus, sendo elle o proprio a puchar os seus cabellos (do cão) para ouvil-o dar uivos; sob pena do Evaristo, dar conta delle. Cumpra.

—Celebrou-se a festa da Immaculada Padroeira do imperio, com a pompa devida a tão Excelsa Senhora.

—Na Conceição da Praia houveram novenas com todo luxo, sermão, boa musica e illuminação; no dia houve festa, procissão, fogo de planta, etc.

—A companhia do olho vivo tambem aproveitou-se, muita gente ficou sem relógio, lenço nos bolsos, chapéu de sol e o mais que poudo bifar.

—Tambem deram-se algumas de-

sordens; entre outras, do 3.º andar de um sobrado chamado *portão*, em que moram diversas marafonas. atiraram um homem ao pateo, o qual homem ficou em petição de miséria; sendo para admirar que estando a casacer cada, ao amanhecer os authores da rascada tinham se posto ao fresco!

—S. Ex. o Sr. presidente foi na quinta-feira á novena acompanhado de seu ajudante, e de lá, consta, que deu um passeio inesperado até o arsenal de marinha, visitando o hospital.

—O que achou por lá?

—Não sei.

—Continúa elle a dar de vez em quando desses passeios, que ha de encontrar muita cousa boa por essas tocas.

—Além das innumeradas buraqueiras, que ha ahí pelas ruas, ainda a camara municipal encarrega-se de augmentalhes o numero!

—Não diga tal.

—Lá está a rua dos Adobes, freguezia de Santo Antonio, toda esburacada em consequencia de uma obra que a Illma. principiou e deixou em caminho.

—Ha de continuar, quando houver dinheiro nos cofres.

—Já sabe que nunca se concluirá.

—Consta-nos que o Sr. commandante superior Carvalhal foi encarregado pelo governo da provincia de crear uma companhia de zuavos, sendo designado para isso o quartel do Barbalho.

—A escolha foi acertada; o Sr. Carvalhal é amante da disciplina e tem genio organisador.

—Era boa occasião de aproveitarem a idéa de crear-se um batalhão ou companhia de libertos.

—Si S. Ex. quizer, bem pode.

Ao menos fariam livres desses pretos que andam a furtar gallinhas pelos quintaes.

—Tentou suicidar-se o caixeiro do Manuel da Cunha Lima, com venda ás Portas da Ribeira n.º 71, —A. B., desfechando uma pi. tolada nos queixos.

—Que pressa tem essa gente em abbreviar uma cousa que ha certeza de acabar!

## A PEDIDO

—Vossê, meu caro, vem mordido de cobra.

—Venho na verdade desapontado, vendo a figura triste que esta terra faz entre os demais paizes civilizados; a ponto de, aquillo mesmo que sempre foi objecto de veneração e respeito em todo tempo e logar, nesta terra serve de brinco a meia duzia de individuos, que, por meio do ridiculo, se querem celebrar de tal modo.....

—Explique esta parabola; aqui se faz e consente-se tanta patifaria, que quasi, ja nada é admiravel.

—Porém, capitão, isto é desaforo...

—Ora! desafores se veem todos os dias; agora, pode ser que esse seja de nova especie. Divirta-nos com a narração delle.

—Pois bem o Sr. sabe que morreu o Dr. Agrario?

—E' muito antigo.

—Que morreu o Dr. Alvares da Silva?

—Tambem é velho.

—Que morreu o bravo tenente-coronel Galvão?

—E o filho tambem, ambos no campo da honra.

—Muito bem; assim como o padre Assis e, ha pouco, o chamado—Capitão Caboclo?

—Mas... a que vem esse catalogo de mortos?

—E' sobre isso que trato. Onde cre o capitão que essas almas estarão?

Ora, esta é sua. No seu, ou aonde Deus as collocou, segundo as boas ou más obras, que ea fizeram.

—Pois esta enganado. A alma de um reencarnou em um principe da Inglaterra; a do outro, anda errante no espaço.....

—Homem, deixe-me pelo amor de Deus; onde vossê descobriu isso?

—Attenda-me: a deste encarnou-se em um cão, a daquelle em um burro.

—O Sr. faz favor de não massar-me

com tanta asneira!

— Espere, ainda não é tudo: o capitão Caboclo — está aboletado na bodega do 65!!!

— Meu amigo; estou quasi jurando que vossê está doudo!

— Não, o que ha de V. Ex. dizer, é que isso é uma patifaria, é um esearneo feito aos manes dessas creaturas, que se finaram; é um insulto á Religião, que professamos; é um desacato a humanidade; é.....

— E' tudo; mais onde vossê descobriu isso?

— Isto sabe de uma casa em, que se reúnem muitos homens brancos, os *spiritas*, atraz de um muro. Diz-se que ha lá uma mulher, chamada — *medium* — que é o *spirito* ou o *diabo*, que diz essas cousas aos que a cercam.

— Meu charo, não creia nisso. Si assim fosse a policia, que prende os negros porque praticam aqui os costumes de sua terra, que chamam feitiçaria, não havia de consentir que feiteiros brancos se reunissem para o mesmo fazerem; e, depois, ahí está o Sr. arcebispo, que zeloso, como é, da religião, não consentiria tambem que a desacatassem por tal modo; porque isso ou é um desacato, ou então, é muita estupidez.

— Mas, capitão.....

— Não creia nisso; e, para certificar-se si é exacto, vá ao 65 e elle que lhe deixe ver o logar por onde entrou-lhe o capitão Caboclo. Veja e venha dizer-me por que, só assim acreditarei na bruxaria ou spiritismo.

O Spiritista Rozalvo

Do meio da multidão,

Ergueu-se altivo, arrogante,

E fez uma *evocação*.

Todos olharam p'ra elle

Com a maior attenção.

Foram correndo os segundos,

Minutos e depois horas,

E como o bicho *evocado*

Poz-se co'as suas demoras,

Rufaram o *Spirita*

Ao som de vibrantes foras!

Que tristeza! que vergonha

Para um Spiritista,  
Que não despreza umas luvas,  
Depois que acclamou-se artista!  
Daria elle o cavaco?  
Seria tão regressista?!

A medium tambem largou-se,  
Com medo da pateada,  
Nem ao menos respeitaram  
A triste *Pompa* coitada!  
Queira Deus que ella não morra  
Desta vez, apaixonada!

Mas eu que sou bom sujeito,  
Conhecendo que isto é duro,  
Corro a evitar lhe a morte  
Por um modo bem seguro  
Reenviando a Pombinha  
Um pastel de pé de muro.  
Allan Kardec.

**Para o Exm. Sr. presidente da  
provincia ver, apreciar, e  
syndicar.**

Na presidencia do Exm. Sr. senador Causansão do Sinimbú, mandou-se demotir a capella de Nossa Senhora de Guadalupe, em consequencia de ameaçar ruina, por causa da excavação que se fez nos terrenos adjacentes para a construcção do encanamento da rua da Valla; sendo ordenado nessa occasião que os materiaes, utensis e mais objectes da capella demolida, fossem recolhidos aos armazens da repartição de obras publicas.

Entre esses objectos, que deviam para alli entrar, havia tres sinos, que possuía a mencionada capella.

Nesse tempo accumulava Lazaro da Silva Medões os logares de mestre geral das obras publicas e almoxarife da repastição de obras publicas, por ter o cidadão, que exercia este ultimo emprego, passado a ocupar outro; e foi necessariamente elle quem, na qualidade de mestre da obra em demolição, retirou, os sinos da capella, e, como almoxarife os recolheu ao deposito.

Desses tres sinos, consta que um foi mandado para o cemiterio do Bons Jesus, e os outros dous, não se sabe por encantos de quem, desappareceram d'onde estavam guardados; tanto

que, quando presidente o Exm. conselheiro Sá o Albuquerque, mandando que alguns objectos da extincta capella fossem dados para a capella do Senhor dos Milagres, que se edificava no largo do Paranhos, já os sinos não existiam!

A' vista do exposto, pede-se á S. Ex. que mande syndicar minuciosamente onde existem os mencionados sinos, e mesmo ouvir o referido Medões, si é exacto que em seu tempo foram elles transferidos para os ditos armazens, provando o mesmo com documentos como alli os recolheu, e a quem os entregou, quando se retirou, afim de que a fazenda não venha a soffrer alguma lesão, podendo até acontecer que elles estejam lá mesmo na repartição, tão bem guardados, que de guardados não appareçam, ou mesmo que tivessem algum destino legal, o que por se ignorar, faz-se este appello a S. Ex., para que elucide-se a verdade tão somente, não havendo desejo de affectar o credito de ninguem.

(Continuação)

—Correram os tempos, Sr. *Madeira da Suecia*; o hypocrita ladravaz, estava quasi esquecido, quando emprehendeu nova viagem ás *lavras* de diamantes; desta vez não quiz levar fazendas. Dedicou-se a nova empresa. Emprehendeu negociar nas *lavras em canarios e papeis pintados*.

Atupetou algumas latas e caixotes de papeis pintados, munuiu-se dos *taes canarios* e seguiu sua aventureira derrota.

Chegando ao lugar de seu destino, dedicou-se ao giro de *trocar* papel pintado por diamantes, gado etc., e asseverava a todo mundo que aquelle papel era de muito *boa qualidade*, tanto que o governo o garantia.

No fim de poucos mezes tinha feito um negocio! Tinha *trocado* todo o *papel* por objectos preciosos, e ganhou uma soffrivel centena de contos de reis, que mandou pôr a bom recato, na capital, surrateiramente e de forma a não ser porcebido.

Bem sabe, que nessas empresas, som-

pro ha socios, agentes, commissarios etc., para desemponho de certas commissões.

Tratou então de arrumar sua trouxa e empurrar-se antes que o descobrissem, porque todo o *papel* que levava era *falso* na pintura.

Depois de ter em segredo dado todas as providencias, simulou uma viagem repentina á Feira *d'Avó de Christo* para tratar de um negocio extraordinario, e disse a todos, que sua ausencia era por poucos dias.

Largou-se *escoteiro*, deixando sua casa e negocio em estado de não causar desconfiança, e ainda hoje lá estão esperando pela volta do sagaz traficante.

Quando deram pelo logro era tarde. Nada se podia fazer.

O Sr., mais do que ninguem, sabe como se fazem essas couzas, como se arranjam a não deixar vestigios nem provas, a não ser que o tratante seja pegado em flagrante, com a mão na ratoeira.

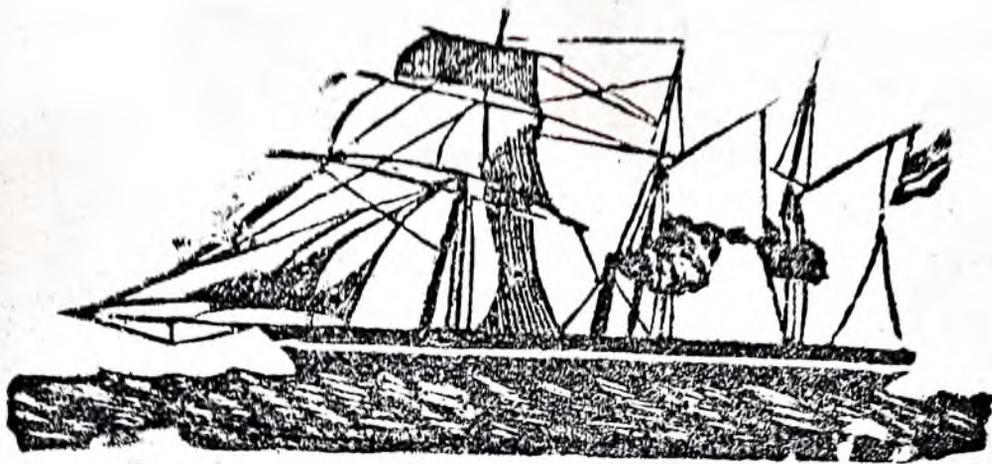
O Sr. ha de estar ansioso por saber como é que esse insigne patife pode arrajar tamanha quantidade de *papel* pintado, *falso* que chegou para, reduzindo-o a dinheiro, enriquecel-o.

Vou dizer-lhe. (Continúa.)

## ANNUNCIOS.

Pede-se á pessoa que na occasião do Te-Deum na Conceição da Praia, levou um chapéu de sol de senhora, paragon de beiras achitadas de vermelho, queira ir restituil-o á sua dona moradora na rua d'Ajuda defronte da porta do Senhor dos Passos, si não quer passar pela vergonha de ver seu nome nesta folha.

Fugiu da abaixo assignada, no dia 20 do p. p. o escravo Manuel, crioulo, bastante fulo, alto, grosso, com uma perna meia torta, a vista um tanto espantada; é natural de Sergipe, entendo de trapiche e intitula-se do padeiro, quem o apprehender o leval-o ao Pilar, caza n. 91, será recompensado com 20\$000.—*Candida Monteiro Alves*.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.<sup>a</sup>—V. 138

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de dezembro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, levando ao seu conhecimento o lamentavel estado em que se acha, segundo nos informam, o cemiterio de Brotas.

Dizem-nos que os ossos andam dispersos pelo campo, que os animaes entram e vão lá pastar, que no caminho da *Fonte* existem seis caveiras abandonadas, que ha até quem vá alli desacatar o sanctuario dos mortos, que sobre as sepulturas satisfazem-se necessidades corporaes etc., enfim que aquillo de cemiterio só tem o nome.

S. Ex. zeloso e previdente, como é, pelos deveres á seu cargo, não ficará, por certo, indifferente á vista de tão rasoavel reclamação, e procurará inleirar-se da verdade, para providenciar como for de justiça.

—Ao Exm. Sr. D. abbade geral da Ordem benedictina, communicando-lhe que no portão de ferro contiguo á portaria do mosteiro, commetem-se a noite actos indecorosos, devendo isso a fazerem delli as *conhecidas* dos famulos dessa casa seu ponto de visita aos mesmos. Na noite do 10 houve até bordoadas em grande escala originadas, por zelos ou arrufos, entre

um dos taes e sua *amavel*, sem que a policia ouvisse os gritos de soccorro, que dalli partiam. Pede-se por tanto, que em bem da moralidade e por amor da disciplina religiosa, digne-se S. Ex. providenciar para que não continue a reproduzir-se o exposto.

—Não sei entender; dizem que ha abundancia de gado, e a carne exposta á venda estes dias tem sido diminutissima para o consumo.

—Si até agora muita gente ficava sem comer carne, o que será actualmente, em que a que tem ido para os açougues é visivelmente pouca!

—Si não houver uma providencia á respeito, vamos bem mal.

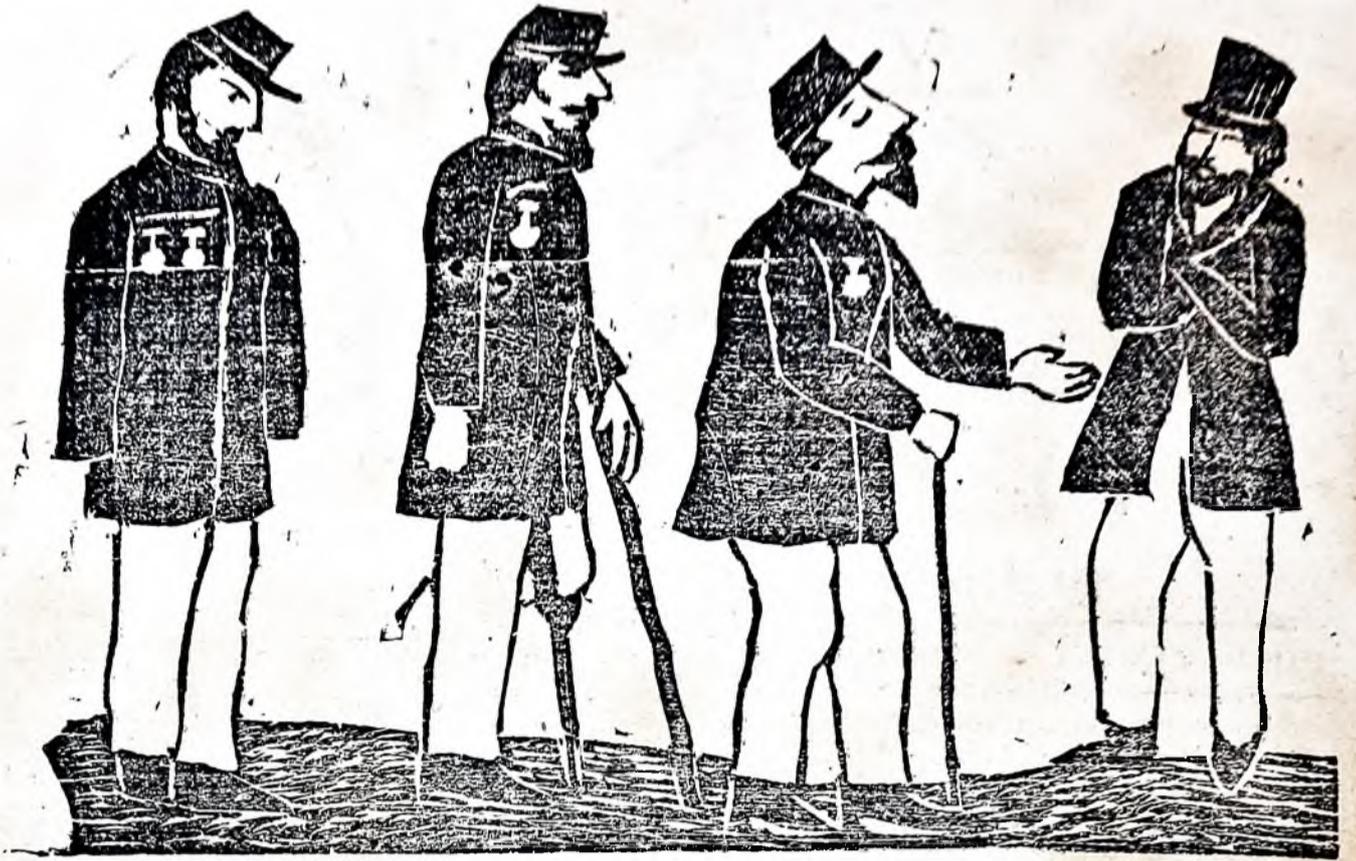
—Está o que aquelle padre descarado andava procurando!

Ser atrozmente esbofeteado na rua!  
*Cruz!*.....

—Não é a primeira vez: na *ladeira dos Gatos* ja o Eloy meteu-lhe os pés.

—Mas o que quer? Aquelle exemplo vivo de torpezas e impudor não acha repressão aos seus lubricos e damnados instinctos, em quem os devia reprimir, por amor da propria classe; encontra na rua a paga de suas libidinosas façanhas.

—Veremos si elle ainda passa na rua das *Estampas*.



### Uma esmola pelo amor de Deus!!

Deixae passar a turba de *mendigos*. Cobri-lhes o peito da blusa esfarrapada uma fileira de fitas multicores, que attestam o seu valor no campo de batalha! Aquelles fragmentos de farda, occultam cicatrizes honrosas obtidas na defeza da patria ultrajada!... Deixae passar os *mendigos*!

Este que arrima-se a um pau informe, e caminha quasi de rastos, perdeu a perna no acto de plantar nas trincheiras inimigas o pendão nacional; aquelle que traz pendentes as mangas de sua blusa, deixou os braços ambos nos banhados paraguayos, quando cumpria o dever de bom soldado; e quello outro, cujo rosto está transformado em medonho crivo, acha-se cego: uma descarga á queima-roupa privou-o dos olhos, mas não fel-o calar-se, não conseguiu que elle deixasse de bradar: *Viva o Imperador! viva a nação brasileira!*

Oh! deixae passar essa turba, ha dias festejada, e agora atirada ao supplicio da mendicidade! Não lhe recuseis a esmola pedida, pois que o seu estado valetudinario dá-lhe direito á percepção do obolo da

charidade; não lhe volteis o rosto, pois que naquelles destroços humanos escerram-se a honra, o denodo, e o patriotismo desinteressado!

Dessem pernas, braços, olhos aos *mendigos* da patria, e elles não vos estenderiam a mão supplice; por Deus, vol-o juro, não o fariam: correriam de novo ao seu posto honroso, affrontariam ainda uma, cem, muitas outras vezes a selvageria brutal do inimigo fanatisado, e não voltariam ao paiz natal sinão depois de haverem cantado victoria nos arraiaes da superstição.

Dai-lhes a esmola que resignados vos pedem! Os altos poderes do Estado esqueceram-se dos seus compromissos; mas esses poderes, só por si, não constituem a Nação: a Nação é o povo, e o povo brasileiro é essencialmente nobre e generoso para ver com indifferença tanta ingratitude quanta crueldade! Deixae, pois, passar incolume a turba de *mendigos*, e no seu trajecto doloroso e afflictivo dai-lhe uma esmola pelo amor de Deus!...

— Si este homem continúa assim, não agrada; parece que conhece os patifes pelo faro!

— Longa experiencia, muito tino.

— Um dia destes um certo meliante quiz ver se empurrava uma *gamada* do desapropriação de certa propriedade á custa da fazenda, em beneficio particular; porém o homem sacudiu a cabeça, o mandou o sujeito á

tabua.

— Acho justo: quem quer criar bezerras, compre vacas; nem sempre haviam de achar quem concedesse com suas tranpolinadas.

— Que faz tanta gente reunida alli na curva da Estrada Velha?

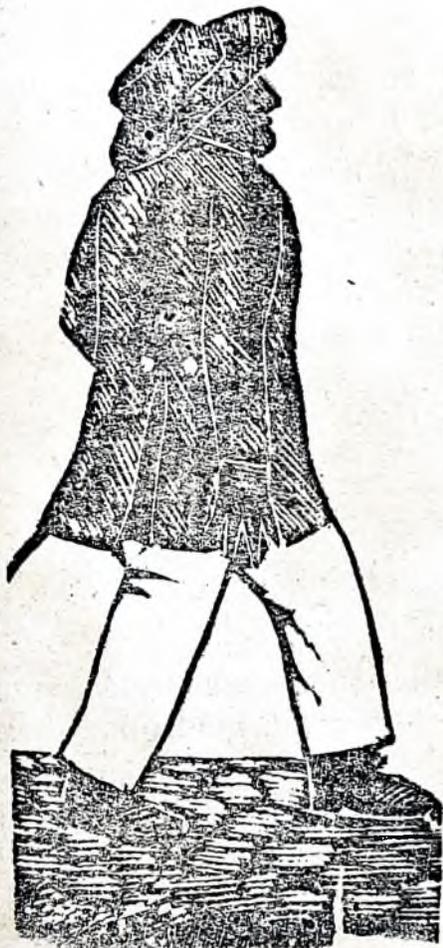
— Assistem a um espectáculo bem triste. E' o sobrinho do barão dos Ca-

ranguijos, que mandou por dois escravos do dito destelhar uma miseravel casinha, em que habita uma pobre mulher doente.

—Alma do ferro! . . . . . Quo differença pode fazer o aluguel de uma pequena casinha de barro áquelle Creso, que possui tão soberbas propriedades.

—Bem me diz o Affonso que aquelle cujo é digno sobrinho de seu tio, no que é usura.

## A PEDIDO



—As ladroeirias de Medonho são tantas, que difficilmente caberiam em um grosso volume, si quizesse enumerar-as de uma vez.

—Porém, como diz o adagio—devargar se vae ao longe—irei aos bocadinhos contando as proezas desse audacioso ladrão, mais perigoso do que o atrevido salteador, que na estrada, de punhal em punho, assalta o viajante para apossar-se-lhe da bolsa; esse ao menos arrisca a vida.

Medonho não; rouba na praça publica descaradamente sem nada arriscar, á não ser a honra, si a tivesse.

Esse sicario da fortuna alheia rouba com o maior cynismo dez-

lostões da pobre viuva ou do desvalido orphão com a mesma desfaçatez, com que enche as insaciaveis algibeiras no cofre do mais opulento, ricasso quando pode.

A p ova está no que praticou agora esse abutre com a infeliz viuva do André, que plantava *carvalhos* com licença da *camara*. Essa senhora teve a infelicidade de possuir um pequeno terreno visinho da vibora, que aproveitou se disto para usurpar-lhe uns palmos de terra, onde safadamente mandou assentar alicerces para edificar.

—Não se admire, por que me disseram que esse gavião sem azas já quiz se appossar de um terreno do Senhor dos *Affligidos*, e, si a irmandade não se pozesse a testa, o ladrão ficaria na posse do que não era seu.

—E o que faz pasmar é quo, commettendo esse desfaçado tratante tantas trampolinias, ainda uma não lhe custasse caro.

Agora mesmo a familia de um titular em *S. Francisco* moradora á rua *Torta*, encarregou-o do concerto de uma propriedade. Sabe este rapina o que faz? Toma dinheiro para comprar madeira, come-o, e emprega a madeira podre na obra, deitando betume nos funchos.

—Que harpya!

—Esse safado rato de comúa é tão infame, que manda até os escravas roubarem.

—La isso não creio; por que elle deve receiar que o feitiço não vire contra elle.

—Peis eu lh'o provo: a semana passada, mandou elle por um seu escravo roubar do *Jorge*, homem *franco* quanto pode ser, uma cabra, na rua dos *Pés de manga*.

O negro desempenhou a missão como lhe tinha mandado a boa chita de seu senhor, porém, por mais que apertasse o pescoço da cabra, o bichinho persistia em gritar, de sorte que não pôde elle levar-o ao deposito de roubos de seu senhor.

— Então esse salteador tem deposito para roubos?

— Pois não; na rua sem Dependencia tem esse atrevido gatuno uma espelunca, aonde guarda os roubos, que faz, de madeiras, cal, telha, tijollos, fazendas e tudo quanto por artimanhas pode bifar.

(Continúa.)

— Muxingueiro, vae dar uma leção de civilidade o polidez ao *Mané Ferrabraz*.

Amarra esse infame mariola a um grosso pé de *carvalho* e mette-lhe a taca na sebosa e immunda cara, com viração. Dá-lhe vergalhadas, até que eu mande o *José* com um ramo de *oliveira* dizer que basta.

— Capitão, esse machacaz será um que anda a blasonar, que por milagre da *Conceição* é juiz, sem nunca ter sido magistrado?

— E' esse infame mesmo, o qual teve a insolencia de n'um templo desfeitar uma respeitavel senhora, julgando, que com isso agradava a alguem de alta posição.

Não tenhas contemplação com essa malcreada besta, que não se pejou de agredir uma inoffensiva senhora, merecedora de alta consideração.

— Não é preciso recommendar, por que, com animaes dessa ordem não costume ter condescendencias.

— Vem cá, *Julio*!

— Estou ao seu dispor, capitão.

— Dize-me para que has de metter meretrizes dentro de casa, sem respeito á tua irman donzella e á tua mãe?

— Ora, eu tracto a ellas bem, logo não devem fazer caso disso, que é proprio de um rapaz solteiro.

— E' proprio de um rapaz devasso de tua eguala, meu safado!

Bem me disse o *Cezar* que tu eras maluco, e é esta a razão por que não mando o muxingueiro escovar-te o pello.

— Capitão, quem lhe veiu contar isto foi o *Oliveira*, que me ouviu conversando em um botequim sobre minhas estravagancias.

— Até que ponto chega a tua descação, meu maluco, que vaes contar em um botequim o desrespeito que tens á tua mãe e irman! Tufé, infame!

— Que diabo de *tribuzana* é uma á esta hora, na rua da *Larangeira*? São 11 da noite, não se pode dormir!

— E' um fulano Cruz, que não quer que o *Gonçalo*, guarda do 6º, entre em casa da *Maria Meia noite*.

— E vai alli um paisano correndo de bayoneta empunhada.

— E' o *Laurentino*, que faz parte da rascada.

— Olhe que é uma *corticeira* dos diabos, a tal *Meia noite*!

— A policia ainda não quiz acabar com aquelle cortiço, aonde se encauam: *Maria meia noite*, abelha mestra do alcouce,

*Idalina*, immediata do cortiço,  
*Angelina*, quarteleira,  
*Victoria*, fachineira,  
*Joanna*, porteira.

— Capitão, pode responder-me a uma pergunta?

— Qual é ella?

O *Valleriano*, de que trata no seu numero passado; que tambem pretendeu a *Cabocolinha* é um moço, cujo nome é...?

— Não sei o nome; sei apenas que é um menino gamenho, que tem contratado um casamento no *Cruzeiro* de *S. Francisco*; que ja tem para isso os padrinhos fallados; que o enxoval está prompto, bem como a casa &.....

— Mas, capitão.....

— Não ha mais nem menos do que isso.

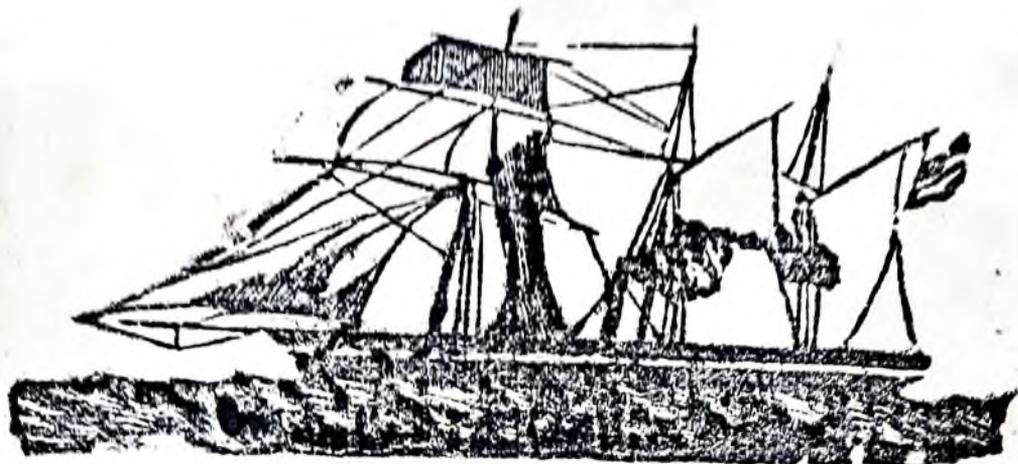
— Homem, eu acho incrivel tal cousa.....

— Tambem eu; porém ha tanto patife nesta terra, que em tudo se deve crer.

— Capitão, se é exacto, esse cujo devia entreter-se um pouco com o seu muxingueiro.

— Esta é tambem a minha opinião.

Typ. de *Marques, Aristides e Igrapiuna*.



# O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.<sup>a</sup>—N. 130

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia, n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de dezembro de 1866.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe, ainda uma vez, que mande tapar uma bocca de lobo, que ha na subida do Gravata para a rua do Bangala, a qual acha-se destapada e coberta de capim, o que é uma perfeita armadilha para uma perna Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá *in continenti* á venda n.º 7, á rua de D. José, e, além da competente multa, faça deitar fóra um immundo e pessimo vinagre, que o magano dono dessa venda impinge ao povo; esse sujeito, parece que faz timbre em negociar com generos damnificados, tanto assim, que só nesta semana o fiscal da freguezia, impoz-lhe tres multas, mas que, não sabe-se porque diabo de contemplação, contentou-se apenas com a de uma porção de carne podre, relevando-o das outras. Cumpra.

—Quer ouvir um factó, que me contaram?

—Porque não?

—No domingo 9, foi deshumanamente despedido do hospital, pelas

charidosas irmans, que governam aquelle estabelecimento, João, rapaz de 15 a 16 annos, filho de Marcellina de tal, que alli o deitou, pelo seu extremo estado de pobreza. A razão, que deram, para isso as *piedosas* mulheres, foi que João *não queria ficar bom!!!...*

O infeliz foi arrastando-se até a Soledade, onde cahiu exausto e desfallecido. Compadecida, a Exma. Sra. do Sr. Paulo Pereira Monteiro mandou conduzir o infeliz em uma cadeira para a casa de um tal Moreira, parente do mesmo, á Estrada das Boiadas, aonde expirou miseravelmente!...

O cadaver ficou insepulto, porque Moreira, homem pobre como Job, não o poudo enterrar; depois de 40 horas, o levaram para a roça do Mendonça nos Mares, e, graças, á charidade do diguo coadjutor da Penha, foi sepultado.

Ora, si isto é verdade, não me dirá o que entendem estas Sras. irmans de charidade?

Onde já se viu se despedir de uma casa de charidade, um docente, porque sua molestia prolonga-se?

Julgão ellas, que o hospital de charidade é sua feitoria? que são senhoras absolutas daquella casa?

—Homem, narre o factó sem commentarios, e entregue-o á apreciação do Sr. Figueiredo Leite, apesar de

quo, permitta ello que com franqueza digamos, parece que se deixa fanatizar pelas laes irmans, porque sendo tão previdente em attender ás reclamações que se lho faz, somente quando ellas dizem respeito ás irmans do charidade, fica impassivel.

— Quo novidade é aquella?

A bandeira nacional hasteada á meio pau, no hotel Figueiredo?

— Dizem, que é por causa da sogra do proprietario do hotel, que falleceu.

— Muito bem! A sogra de um estalajadeiro já tem honras da familia imperial!

Nesta terra se vê cousas!

## A PEDIDO



— Que vem ainda fazer este diabo aqui?

— Este safado, apesar da esfrega que levou, não toma geito, continúa a embebedar-se e tratar da vida alheia.

— Olá, meu burro velho, então não tens pena de tua pelle?

— Ora qual, capitão! cinquenta bo-

fetadas com as armas seraphicas, para mim é polvora; não é cousa que me faça móssa.

— Dizes isto de descarado que és, velho labrego, porque, apesar de estares na tua terra acostumado com a canga, ha muito que de lá viestes, e este corpo immundo devia ter soffrido alguma modificação, e depois, quem tem brio sente o mais diminuto castigo que se lhe dê.

— Eu cá estou callejado, não me abalo com cousas poucas.

— Bem; de hoje em diante levarás diariamente 300 açoutes, com uma boa correia de couro crú e depois se te applicará nas cicatrises um picante molho de pimenta e sal.

— Arre! Tambem isso é muito, capitão.

— Só te eximirás de tal castigo, si prometteres deixar em paz a vida alheia.

— Bem que isso me custe muito, vou ver se contrafaço meu genio.

— Pois vae, infame, certo de que, á mais leve falta, que commetteres neste sentido, serás amarrado e açoutado em frente ao sobrado maior que ha na praça, até o diabo te levar.

Pede-se ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, que lance suas vistas para uma espelunca de jogo, que ha no becco do Jogo, freguezia da Victoria, pertencente a um tal Cypriano, o qual entende que deve viver á custa dos pobres filhos familias e escravos, que vão alli com o dinheiro das compras de seus paes ou senhores com o fim de augmental-o, e de la sabem depenados, como si fossem gallinhas, não só pelo dono da casa, como por uma sucia de larapios, que ahi se reuñem, que não saptisfeitos nos gamados, que por ahi fazem, ainda vão se ajuntar nessa casa para com o titulo do jogo usurparem o suor d'aquelles, que Deus sabe o quanto terão soffido em suas casas.

Illm. Sr., este individuo, não satisfeito do que usurpa, mandou fazer tres caixinhas com o fim de adquerir esmollas para certas devoções, do tal sorte, que ainda algum ganhando sabo



Barboza

A.

Dor Espeque

65

Anjo da Telles

Fructa de Embuseiro

Mom bom

Telles

Reis

Campos

Ze Couto

Rozalvo curu.

Uma scena da epocha.

Abyssmo do Pediculo



Barboza

A.

Dr. Espeque

65

O Anjo do Felles

Espiritismo

Fructa de Embuseira

Mom bom

Telles

Reis

Campos

Zé Couto

Rozalvo curu.

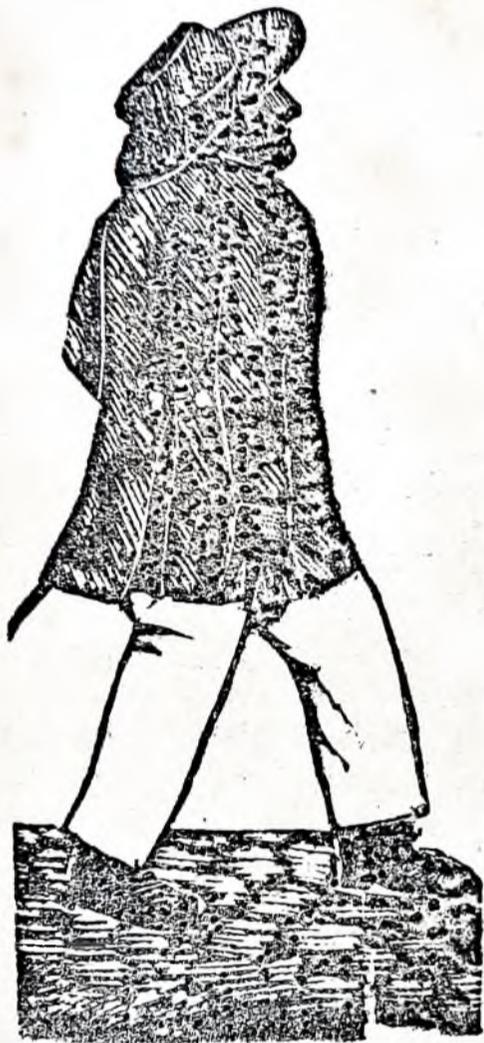
Abysmo do Prediculo

Uma scena da epocha.

sempre com differença, por ter do dar o seu contingente para as taes dovoções, ao passô, que essa quantia já serviu para passagem de *alguem* à Pernambuco.

Assim, pede-se a S. S. queira dar cabo d'aquelle foco do perdição.

*O visinho encommoado.*



—Dá licença, capitão?

—Pode chegar, meu amigo.

—Li na sua folha um annuncio convidando a quem soubesse alguma proeza do safado e bigorriha *Medonho* a fazel-a chegar ao seu conhecimento.

—E' verdade.

—Pois eu como magoado, porque sou um dos lesados por esso ladrão de raça malabar, venho trazer meu pedacinho.

—Então sente-se e desabafo seu peito.

—Apezar do que, é o mesmo que nada; porque esse asqueroso ente não tem pejo de que lho ponham a calva á mostra.

Creio que nem cincoenta mil cusparadas, applicadas pelo mais ralé cangueiro, fariam aquella cara deslavada tomar brio.

—Peco-lho que abrevie seu recado, porque ha mais reclamantes.

—Antes de tudo, V. Ex. não sabe, que aquelle castre tambem foi pretendente a uma das *cabocolinhas*?

—Era melhor, que elle pretendesse um bom relho no costado.

—Pois foi; agora não sei fiado em que! Aquellas moças, por causa do seu dinheiro, tinham um milheiro de pretendentes, pessoas de posição e não iam lá dar fé do biltre de *Medonho*, sevandija immundo, mais nojento que o persevejo, e mais calinguento que um bode no cio, em pino de meio dia.

—Tambem este demonio com todo mundo quer casar, é com pretas africanas, crioulas, pardas, brancas, etc., até o diabo.lhe apparecendo em figura de mulher, elle quer; o ponto está em que tenha cobres.

—Com as pretas não sabe porque é? E' para illudil-as e roubar-lhes a prata, ouro e tudo, que ellas tenham; e quando as vê bem depennadas, abandona-as e vae procurar outras.

A proposito de fallar em casamento com pretas, ouça esta:

Quando a Joaquina do André Gallinaceo era zeladora da irmandade do *Redemptor*, na igreja aonde ha um *corpo santo*, guardava tambem a prata de Nossa Senhora no *encontro* que fez. O rato *Medonho* formou o projecto de apossar-se da prata e deixar Joaquina compromettida; primeiro persuadi-a a que mandasse limpar a prata, que estava muito suja e que elle tinha um amigo, que arranjava aquillo baratinho; porem ella *tirou o pé do caminho* e não cahiu na *corriola*.

Vendo que era baldado o expediente, simulou abreviar o casamento projectado com Joaquina, para melhor engodá-la, e valeu-se da boa-fé do Rev. coadjutor da freguezia d'*Avó de Christo*, para provar, que o casamento ia em bom caminho e seria realisado breve; ella acreditou na mascarada e ficou contentissima; então *Medonho* aproveitou a oportunidade para pedir-lho a prata, mas Joaquina que andava *resabiada*, varreu fora e elle ficou magado.

— Brincando, brincando, anda entre nós este Lucas de nova especie, sem que a policia lhe passe as garras!

— Aquella besta é a figura de Sata-naz; não tem lei com ninguém.

Não vê como elle quer, á faca de ponta, roubar ao Thomaz 3:000\$ rs., dizendo que o homem lhe deve, quando este até o gratificou, por uma obra que lhe mandou fazer?

Este malvado já está ardendo nas profundas do inferno, em vida.

As unhas desta harpya estão sempre promptas para surripiar.

— Porem agora eu reparo que o Sr. tem dito cobras e lagartos, e ainda não tocou no ponto que lhe diz respeito.

— Capitão, quando fallo neste infame, fico fora de mim e para me desabafar vou dizendo o que sinto. Porem, tenha mais um pouco de paciencia, que lhe conto minhas queixas contra esse sicario.

— Agora deixe para outra occasião, porque sua palestra vae muito comprida e eu tenho que fazer.

(Continúa.)

— Vejam como é este mundo!

Fallavam do Sr. major Pereira ser engenheiro exclusivo da decantada estrada da Valla; hoje, dizem-nos, o Sr. major Aguiar é o engenheiro unico da estrada do Campo Santo, de que é arrematante o Sr. Magalhães, seu contra-parente.

— Este mundo é assim mesmo; quem faz hoje, paga amanhã.

### VARIÉDADE.

Um inglez, em um momento de furor, matou em um hotel um criado, que o servia.

Alborotoa-se a gente da casa, chegaram os vizinhos, e a policia invadiu a habitação do filho de Albion.

— Que doudice é esta? Tanto barulho por uma cousa, que não vale a pena, disse o inglez; mettam-me o moço na coute, e acabem com isso.

Um genetteleman dormia perfeita-

mente, quando o seu creado entrou no quarto a despertal-o.

— Senhor, senhor, vossa esposa acaba de expirar, disse o creado com voz pavorosa.

— Ah! sim, sim; grande será o meu sentimento amanhã, quando acordar, respondeu voltando-se para o lado opposto.

### PROVAS DE LOUCURA.

Traduzimos o seguinte:

« Dizem que está louco um meu amigo, e parece-me, que tem razão os que o asseguram.

Porque? Ouçam.

— O homem acreditou na boa fé de alguns escriptores.

— No amor da mulher.

— Na homeopathia.

— Tem sido fiador de muitos amigos se emprestado dinheiro sem exigir recibo.

E' hespanhol e nada escreveu para theatro.

— Bateu-se em um duelo por uma actriz.

Nunca pensou em ser ministro.

— Para salvar uma mulher, que se afogava, atirou-se ao rio: quando esforçava-se por fazel-a tornar a vida, chegou o marido e metteu-lhe o cacete com prodigalidade.

— Exalta-se em defender os amigos por questões, que elles olham com a maior sem cerimonia.

— Faz versos.

— E casou ultimamente.»

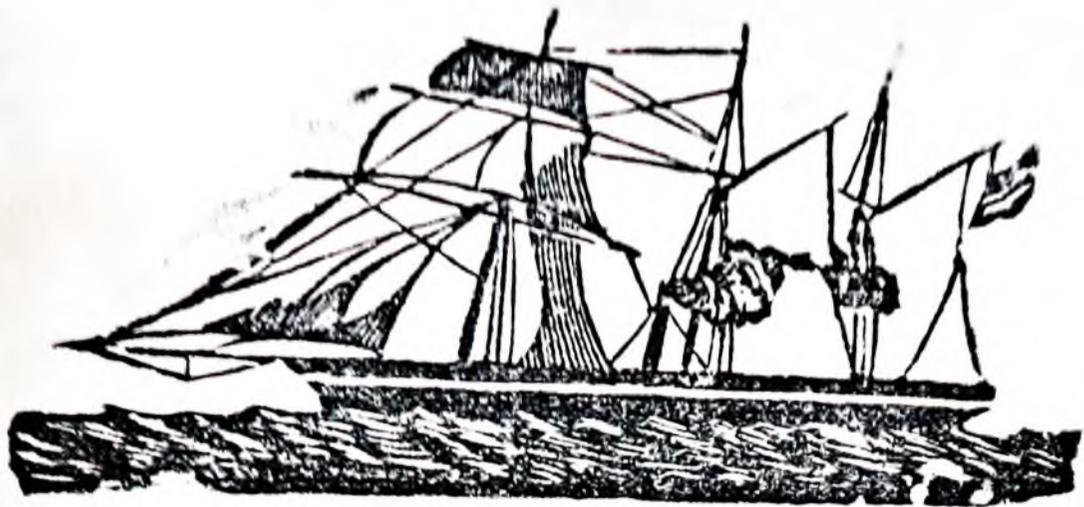
### ANNUNCIOS.

O abaixo assignado, havendo mudado a sua casa do pharmacia para a cidade de Valença, vem por este jornal despedir-se dos seus amigos, offercendo alli os seus prestimos, e como o não pode fazer pessoalmente, attento o grande trabalho, e pouco tempo, que houve nessa sua resolução, pede desculpa aos mesmos, reiterando naquella cidade os seus protestos de estima. Bahia 14 de dezembro de 1866. O pharmaceutico, *Marcellino dos Santos Lima.*

### A'S PESSOAS DE GOSTO.

Está exposto á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha brasileira intitulada

— Nada possuo neste mundo, — por José Bruno Correia. Preço 1\$.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 19 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.<sup>a</sup>—N. 140 e 141

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, participando-lhe, que nos informam, que um Sr. Evaristo Gomes, morador ao Neves do Castro, tem em sua companhia uma menina, sua aggregada, de nome Martiniana, que causa dó e lastima, pela maneira porque é tratada. Dizem-nos que os indicios do mau tratamento são visiveis pelos signaes de espancamento, que apresenta em seu corpo, além de ser horriavelmente maltractada a respeito de vestiario, e alimento. Assim como tudo isso pode ser exagerado, pode tambem ser verdade; e portanto pede-se a S. S. mande syndicar para, no caso de ser exacto, minorar o pesado soffrimento, da sorte daquella infeliz.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, chamando sua attenção para alguns capadocios, que querem reduzir a fonte dos Coqueiros, á noite, a um foco de immoralidade, nem só com palavras como com obras. Espera-se de S. S. providencias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que leve ao conhecimento da ca-

mara, para dar providencias, o estado immundo de um cano, que da casa n.º 26, á rua do Bangala, sahe para a rua a communicar com o cano do quartel da Palma. Cumpra.

—Quem usa de nome supposto que crime tem?

—O codigo no art. 301 diz:

«Usar de nome supposto ou mudado.....»

«Penas—de dez a sessenta dias e multa correspondente á metade do tempo.»

—Neste caso está o proprietario de uns carros, que andam por ahi a vender agoa.

O taful deu na especulação de deitar nas pipas o letreiro—Agoa do Terroró—mandando-as encher no chafariz do Terreiro e tocando a embahir o povo. Isso é usar da mais requintada má fé para com a população; e a companhia do Queimado, em credito seu, não devia combinar com essa esperteza, que denota, que as suas agoas são inferiores ás do Terroró, tanto que para serem vendidas aproveitam-se deste nome.

—Meu amigo a gloria deste mundo é dos espertos.

—Os moradores da casa n.º 13, á rua Direita do Palacio, são renitentes!

—Porque?

—Por que teimam em dar todas as manhaes banhos em quem passa por baixo de suas saccadas, com o diabo de um pessimo systema de molhar plantas.

—Meu charo, queixe-se dos fiscoes, que só veem o que lhes faz conta.

—A companhia do olho vivo anda desenfreada estes dias. Acastella-se na Baixa dos Sapateiros, lugar muito concorrido, e toca a fazer proezas.

—E' tempo de festas, precisam de dinheiro.

—Admira ver o arrojo com que essa gente abalroa qualquer homem para lhe safar a carteira. Felizmente la estão dous na gaiola, por causa de uns 110\$ rs. que roubaram a um tabareu; e creio que vão ser processados, por que achou-se-lhes nos bolsos papeis pintados fingindo dinheiro, moedas galvanizadas de prata, cartas, dedaes, etc.

—Elles não estão em bons lençoes, porque o Sr. Valença, honra lhe seja feita nesta parte, é inexcusavel e não brinca com semelhante gente.

—Consta que não obstante estarmos em vesp ras de eleições, indo dous magnatas interceder pelos maganos, elle se mostrou inexoravel.

—Si todas as authoridades procedessem assim, a cousa andaria melhor.

—Com tal gente não deve haver contemplação. Na semana passada, trouxeram um pobre homem de fóra, á pretexto de ver si conhecia um molque, que estava preso, e lhe bifaram perto de 200\$ rs.

—Sim, é preciso um pouco de rigor para ver si atemorisa um pouco tão audaciosa gente.

### Apontamentos á lapis.

SEGUNDA PAGINA.

*A verdade reage contra todos os obstaculos.*

Quando a mentira e a ignorancia tentam com o seu poder elevar-se ao sublime e magico, ou antes pretendem á toda força mostrar o brilho e o fulgor da ver-

dade, esta, calcando-as nos pés, assenta-se triumphante no solio que, até ali, não poderia occupar.

As gerações succedem-se como os seculos, e com ellas as utopias tomam o enlho indelevel da verdade, ou, consideradas ainda sob o mesmo aspecto, somem-se no abysmo do passado, desapparecendo por essa forma da face do mundo.

A intelligencia humana, superando os mais fortes obstaculos, caminha, e no seu continuo e incessante caminhar, com os arrojados vôos de sua imaginação ou com o poderio da razão, descortina muitas vezes o véu sombrio e espesso da ignorancia e do erro, ou mostra *ab ovo* verdades inconcussas e irrefragaveis ante o espirito vacillante e inquieto de toda uma geração.

O genio avança destimido e affeito, qual outra aguia, arrojando-se com o seu vôo altivo e soberbo para as regiões ethereas.

E porque vemos todo isso? porque, na eloquente e sublime phrase de um escriptor contemporaneo, o genio tem o sestro de nunca parar, é de sua propria natureza o caminhar, afim de que algum dia empolgue os louros para remontar-se á gloria.

Basta de exordio, tomemos o ponto principal d' esse novo escripto, que versa sobre a nova sciencia chamada *espiritica*.

O espiritismo será uma chimera, um sonho, uma utopia, ou uma verdade, uma realidade, um meio razoavel?

Dada a hypothese de ser elle uma verdade ou antes um complexo de factos veridicos na restricta accepção da palavra—sciencia—pelo grandioso e sublime facto de ser o homem, o rei da *ereação*, um composto de duas partes, uma material—corpo, outra immaterial—alma, terá elle a sua razão de ser?

O silencio seria por certo a melhor resposta, que poderiamos dar a tal respeito.

A humanidade, quanto a nós, ainda conhece impossiveis.

O fanatismo encarado sob qualquer ponto de vista e a superstição ainda reinam n'esse seculo *de luz e civilisação*.

Grandes e indecifaveis são os arcanos de quasi todas as couzas.

Mysteriosos e muita vez de todo inexplicaveis são os phenomenos do pensamento humano.

Mas para avaliarmos essas duas questões, que ao correr da penna se nos apresentaram, e para podermos inferir d'ellas illações logicas e necessarias, preciso so

faz que digamos algumas palavras.

O spiritismo não é mais nem menos, que a sciencia dos espiritos.

Pelo seu objecto não lhe podemos negar a sua importancia e utilidade, ou antes o fim grandioso a que se propõe, no quadro das sciencias philosophicas.

Mais para o estudo d'alma não é preciso que a estudemos em sua natureza ou antes em sua essencia, como faz a psychologia na sua parte racional, porque sabemos que por mais prescurador, laborioso e paciente que seja o espirito humano, elle jamais poderá penetrar na essencia ou natureza de cousa alguma.

A essencia das couzas para elle é um sigillo sibyllino.

Pelo que acabamos de dizer, já se está vendo que a *nova sciencia* é infundada.

Ainda mais: Os *spiritas* ou os novos adeptos d'essa sciencia, quaes outros metaphisicos, parecendo-lhes sonlar semelhante segredo, julgam-se spiritualistas *ad extremum* e não passam de materialistas e atrevidos.

Não queremos dizer que sejam materialistas na accepção etymologica da palavra, mas em um sentido mais amplo.

Quem no seculo actual, no seculo em que quasi todas as luzes se tem derramado por sobre todos nós, nesse em seculo que a intelligencia humana, progressivamente desenvolvida no aperfeçoamento das idéas, combate exforçada nas lides honrosas da sciencia e das artes, n'esse seculo emfim de *civilisação*, admite, qual outro Pithagoras a metempsychose ou a transmigração das almas é digno de lastima e compaixão.

Quem diz que, quando o espirito se separa da materia, si está puro, vae para os Ceus, e si impuro, vai de novo animar um corpo humano ou um corpo de um animal irracional, ignora sem duvida os principios mais comensinhos das sciencias philosophicas.

E' preciso ou antes é de necessidade que, entre nós, o chefe d'essa doutrina, como Pithagoras, use da impostura; que depois de algum tempo de ausencia, appareça pallido e desfigurado, qual outro spectro, ou demonio, que venha dos infernos, que conte aos credulos o que vira, em que corpos se encarnara,

E o spiritismo, que tal doutrina admite, que dogmatiza taes absurdos, vae por essa forma com passos agigantados, porem incertos, ganhando terreno na in-

greme e tortuosa vereda da nossa *illustração*.

E tendo por armas essas idéas, proprias dos epicuristas e stoicos, idéas que a consciencia e o bom senso repelle, vae elle a firmando o seu assento: porém *com tanta firmeza*, que o sopro do nordeste ha de desmoroná-lo e derribá-lo por terra.

Queríamos, verdadeiramente fallando, desenvolver este ponto, não só dizendo mais alguma couza, porque o campo é vasto; mas, sendo a foice pequena e pequeno tambem o periodico, em que estamos escrevendo, não o fazemos.

Cordialmente tambem desejavamos encerrar esse ponto sob um aspecto grave e serio, porém tantas já são as desgraças, tantas as misérias causadas por essa doutrina, que nos é impossivel termo-nos sempre n'esse circulo, alias de grande utilidade.

Os idiotas abundam com essa doutrina e na sua inexcedivel abundancia vae ella deixando homens de talento e capacidade inaptos á tudo.

Com tal doutrina as superstições tem apparecido, n'essa epocha, que, bem se pode denominar, nova idade de ferro.

A nossa religião está sendo profanada por taes homens, n'esta epocha terrivel e assustadora.

Não ha logar infecto, não ha hotequim, não ha tasca, aonde o spiritismo não se ponha em pratica, como uma arte.

Não podemos acabar o nosso escripto, visto a pequenez do jornal, finalisaremos em outro numero, pedindo aos leitores que diguem-se desculpar ao

*Agripa.*

## LA VAE VERSO.

### Metralhada

A um moderno Quixote, que pretende descompor o «Alabama» por causa do spiritismo.

Depois que a bella Pombinha  
Sua bombada tomou,  
Coitadinha! ah! que levou  
Todo dia em pranto, em ais,  
O Rosalvo ainda mais  
Cavaco deu co'a historia:  
Ganhamos essa victoria  
Só com uma *Alabamada!!!*  
Avante! rapazeada!  
Acabemos co'a gaiola.

Agora, medium, spirito  
Tudo vae p'ra o *Alabama*;  
Võe aos annos da fama,  
Do Idelfonso a memoria!  
E' dos pedantes a gloria,  
Hoje em dia o spiritismo;  
O mundo, de idiotismo  
Jaz todo contaminado,  
Vae ficando endiabrado  
Tudo quanto é mariola.

Mas o caso é outro, vamos  
Com elle para diante;  
Já que da Pomba o amante  
Quer sanjar de D. Quixote,  
Esperemos pelo bote:  
Recuar, não! não havemos;  
Boas chronicas sabemos,  
E si as calamos agora  
E' que aguardamos a hora  
Do combat.

*Allan Kardek.*

### A PEDIDO

No expediente do governo do dia 11 do corrente, vê-se um officio ao Sr. Dr. chefe de policia, sobre a irregularidade com que se reerutaram deshumana e iniquamente nesta provincia, menores para a companhia de aprendizes marinheiros, contra o decreto n.º 1543 de 27 de janeiro de 1855.

Bom é que S. Ex. vá reprimindo os abusos de certas authoridades policiaes, que, ignorantes de suas attribuições, commettem os maiores absurdos e desvarios em nome da lei. Quantos infelizes foram victimas desta prepotencia brutal!

Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo.

*Alarma.*

¶ Uma novena assistir  
Tendo ido um presidente,  
O juiz lhe foi levar,  
Um pão-de-ló de patente: ]  
Duas hojudas garrafas,  
Contendo do Porto vinho:  
«Petisque vossa excellencia,  
«E chupe lá um traguinho.  
—Sr. —disse o president',  
Amigo da temperança,

No templo só adoro Deus,  
Não admitto *chupança*. —  
Não sei como o *Ferrabraz*,  
Autor desta caçoada,  
Não lembrou-se de offerter  
Logo uma feijoada.

— Então, foi hontem á revista?

— Fui.

— E não viu nada digno de menção?

— Toda a guarda nacional esteve decentemente em muito boa ordem.

E' verdade. O José Carlos brilhou especialmente em seu commando! Chegou a gritar:

*Puche p'ra aqui, Sr. capitão.....*  
*O batalhão vae fazer roda.*

— V. é muito caçador! Pois o José Carlos ia lá dizer isso?

— Disse, que muita gente ouviu.

— Ora, va elle!

— Sr. fiscal *visitador da escuridão*, que mal lhe fizeram os rapazes, para o Sr. multal-os?

— Aquillo são uns preguiçosos; têm obrigação de limpar 60 lanternas, e alguns apenas limparam 48.

Mas, note que elles não haviam de limpar-as todas a um tempo; o Sr., com um *candeial* na mão, não acha quem lhe faça isso.

Eá, no meu districto da *Avó de Christo*, quero que a cousa ande muito em regra.

— Porém as más linguas andam a dizer que o Sr. não entrega essas multas *in totum* á empresa, e outros dizem que isso foi para resarcir os gastos dos pagodes dos dias 8 e 9.....

— Ora de quem é que não se falla neste mundo? Deixe-os fallar que não dou cavaco.

— E si lhe accusarem tambem de que Sr. não cumpre suas obrigações?

Si disserem que as suas *visitas* são apenas de dia e que de noite não ronda?

— Eu saberei me defender.

— Bem; e assim vai fazendo mal aos outros, sem receiar que lhe façam tambem?

— Que duvida!

Pedo-so aos Srs. Carne Virada & C<sup>a</sup>. que deem mostra do melhor educação às pessoas, que os vão procurar; do contrario, terão o troco á suas grosserias.

—Sr. Solabardote faz favor?

—Dis; õe alguma cousa desta pessoa?

—Pois não; tenho que lhe fallar.

—Primeiro que tudo, des jo saber á quem tenho a honra de me dirigir.

—Oh! não me conheci! Breve saberá quem sou, quando sentir na pelle os sons vibrantes da minha taca.

Nunca ouviu fallar no muxingueiro do *Alabama*?

—Muito, e é um o entilade com quem não desejo ter negocios.

—Isto dizem todos os patifes, os quaes fogem de mim ás legoas; porém eu os sei procurar, tanto assim, que chegou a sua vez, sem o esperar.

—A consciencia não me accusa de ter committido nada, por onde mereça andar ás voltas com o Sr. Sou um homem que em signal de minha boa vida trago uma *capella grande na frente, pelo que sou conhecido; vivo de consolar os moribundos, n'uma enfermaria do mar, e aconselhar e edificar os sãos de uma casa, onde ha tanta cousa, que era bem posto o nome de arsenal, se lhe deitassem.*

—O Sr. o que é, sei-o eu, é um grande esperto.

Porque não paga ao homem com quem associou no seu *quintal*?

—Eu não devo real neste mundo.

—Nada de mentiras; diga por que se nega a embelçar o pobre homem?

—Já disse que não devo nada.

—Pois eu lhe mostro, que deve, e depois lhe farei as contas com a minha taca.

O Sr. desemebeçou um homem, para que largasse a sua casinha onde morava na cidade, e que fosse tomar conta do seu *quintal*; que plantasse-o, indireitasse-o, para dividir os ganhos, quando estivesse em condições de dar lucro; emgambelou o incauto, dizendo—que lá não pagava casa, não comprava lenha, agoa, etc. O homem acreditou em suas palavras, e mudou-se para seu *quintal*; comprou sementes a sua custa, pagou trabalhadores, limpo, regou, semeou, e poz aquillo em ordem, quando o Sr. viu o *quintal* cheio de lorangeiras, hortaliças, etc., o despediu,

sem ao menos lhe querer pagar o seu trabalho, e apresentou-lhe com a maior desfeatez, uma conta de casa 24<sup>00</sup> rs., agua e lenha 30<sup>00</sup> rs.!

Isto não é roubar o suor alheio? Onde já viu quem mora n'um *quintal* que tem fonte comprar agoa?

—Sr. muxingueiro, o Luiz foi quem me aconselhou que cobrasse a agoa.

—Qual Luiz! foi a usura que encheu-lhe os olhos; e por isso o Sr. saltou torpemente ao que tinha contractado. O pobre homem era seu escravo, para ir se metter n'os confins de Judas, sem interesse; sendo obrigado a abancar de lá toda madrugada debaixo de lama, para vir para seu emprego, e quando voltava cansado, ir trabucar n'uma enxada, para agora o Sr. querer usurpar-lhe o suor?

—Conselhos do Luiz, Sr. muxingueiro.

—Não me falle mais do Luiz, que lhe metto a taca na cara. Si o Sr. fosse á *França* ou viajasse pelo estreito do *Guimarães*, havia de dizer que aprendeu lá esse e genhoso systema de roubar o trabalho alheio, tão improprio de um ministro daquelle que lhe deu o ser.

Agora prepare-se para ajustar-mos contas

Vou leval-o á rastos para bordo, lá com licença do capitão, lhe darei diariamente, por espaço de um mez 50 tacadas nesta cara, para não ser *espertalhão* e gostar de uso-fruir o trabalho alheio.

—Sr. muxingueiro, eu estou resolvido a pagar ao homem.

—Agora é tarde; eu sou inflexivel, ha de chuchar o castigo, e depois pagar quer queira ou não.

—O dia 16 de dezembro foi o 34.<sup>o</sup> anniversario da instalação do Monte pio dos Artifes.

—E passou em segredo.

—Que quer, [si a sociedade anda atarefada em emprezas lucrativas? O dinheiro que tinha comprou acções da companhia de Vehiculos Economicos.

—E fez tambem um rico oratorio n'uma casa alheia.

—Ah! é dos taes que faz filhos na mulber dos outros.

—Ora que esta gente hade, metter os Santos em suas rascadas?

—O que ha?

— E' que ha mandado do despejo contra Santa Luzia de Nazareth.

— Será por que a Santa esteja devendo muitos annos de aluguel de sua morada?

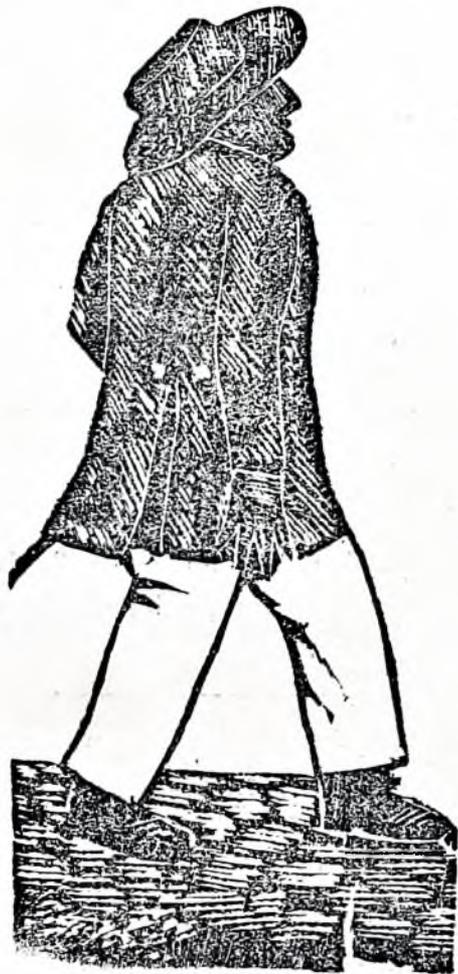
— Não; por que a capella foi edificada especialmente para Nossa Senhora, S. Gonçallo, e Santa Luzia.

— Então por que será?

— Dizem-me que por desintelligencias que ha entre irmandades, S. Ex. Revma. mandara terminantemente que a Santa fosse transferida para outra igreja qualquer.

— Essa theoria de desalojar o proprietario de dentro de sua casa, é nova.

— Ao passo que ha lugar para a irman do Sr. conego Rocha e elle alli morarem, não si sabe com que direito.



— Capitão, aqui estou.

— Seja bem vindo.

— Venho concluir a minha queixa contra o lazaro de spirito Medonho.

— Estimo que seja breve.

— Hei de cingir-me o mais que puder á materia, e quando eu inflingir o regimento de bordo, V. Ex. me chame a ordem.

Antes de principiar, conceda-me uma pequena digressão. Medonho quando

quiz surripiar a prata da igreja, que tom um *corpo santo*, e illudir para isso Joaquina com treizas de casamento, foi acompanhado de pessoa de confiança, da mesma ao padre, fallou-lhe no casamento, nos banhos, em licença, na realisação com brevidade, etc., e foi desta maneira que elle se serviu da boa fé do respeitavel sacerdote. Digo isso, para que alguém não interprete minhas palavras com juizo menos favoravel ao digno ministro de Christo.

— Estou sciente.

— Permitta ainda, que, antes de entrar na materia, lhe conte uma larcocira, que Medonho queria fazer com um pobre homem que *faz ferro*, na *quitanda* de vender *capim*.

— E vae Vm. divagando, e me estorvando o tempo.

— E' cousa diminuta, capitão.

Esse *fabricante de ferro* tem seu estabelecimento em uma casinhola, que o larapio Medonho possui na *quitanda* de vender *capim*, a qual é do tempo que Judas teve sarampo, em estava á desmonorar-se a qualquer hora, porque nunca soubera o que foi concerto. Como não fazia conta ao inquilino sabir d'ella; por estar conhecido e afreguezado, foi a Medonho para mandar concertar sua arapuca, o qual levou a *empandiar* com—hoje e amanha—sem nunca dar principio ao concerto. Por fim, porque o homem estava todo dia a esporeal-o para concertar a casa, ajustou com o morador, que fizesse os concertos á sua custa, e descontasse no aluguel; cahiu esse na asneira, e quando Medonho viu a casa prompta, apresentou-se para receber os alugueres, saltando infamemente ao que tinha tratado, dizendo que nada ajustara, que, si o homem tinha concertado a casa era por seu interesse, e exigiu que lhe apresentasse o contracto que tinham celebrado, pelo qual o authorisava a fazer semelhante despeza a custa dello. O homem nada teve a responder, porque o trato fôra feito de palavras e não havia clareza escripta, e esperou a ver si Medonho mordendo-lhe a consciencia, dissuadia-se de um roubo tão crasso! Mas

qual! Medonho, tratou de ajuizar o pobre homem, e este, vendo que indubitavelmente havia de pagar ao ladrão, usou de um raciocínio, o unico capaz de convencer os velhacos.

Foi com um bom cacete a Medonho, e disse-lhe que elle lhe havia de roubar o seu suor, porém que tambem tinha gosto de ir para a cadeia por lhe quebrar os ossos com aquelle pau. Medonho acovardou se e desistia da projectada bandalheira.

—Que genio de rapina!

—Caso egual pratica esse sanhudo mameluco, com um vendelhão de Santo Antonio dos Mouros, o qual anda atrapalhado, além de gastar seu dinheiro em concertar a *parte* de uma propriedade, que esse ladrão tem ahí; o que fez authorisado pela harpya.

—Si esse demonio vivesse em outra terra, que não fosse Latronopolis, já estava de barril ás costas e corrente no pé.

—Isso não é para aqui, onde os ladrões andam de cabeça alçada.

Na rua das *Bengalas* acaba elle de roubar um terreno de uma senhora, que lhe fica visinha do quintal, e com a mais atrevida audacia, o ousado ratoneiro mandou fazer uma fonte alli; sabendo a dita senhora e mandando perguntar-lhe —quem o authorisou a utilizar-se do que não era seu, fabricando até fontes, elle, descaradamente respondeu, que aquillo era para o bem commum.

E si essa senhora não tomar sentido, quando pensar que não, Medonho tem empolgado meia duzia de palmos de terra do seu quintal, porque elle não tem outra vida, sinão roubar o alheio.

Si esta vibora pudesse, devorava toda a humani lade.

—E levou Vm. ladeando, sem adiantar ideia. São horas do expediente, guarde sua historia para depois.

(*Continúa.*)

A festividade de Nossa Senhora da Gloria dos meninos na Cathedral ficou transferida para o dia 23 do corrente.

Poderá um escravo abrir casa do negocio, com distico na porta, sem licença de seu senhor?

*A formiga da casa n. 17 a baixa do Mau-fim.*

—Continúa a *Maria meia noite* em suas badernadas!

—Si a policia quer assim!....

—O diabo da mulher é origem até de irmãos andarem as porretadas. O Cruz, que brigou outro dia com o Gonçalo, eram irmãos, e entretanto iam se acabando por causa daquella *ostra!*

—Isto é uma vergonha para o nosso governo! Além de não cumprir o que prometeu aos voluntarios, ainda em cima não lhes paga o que ganharam, para andarem elles aqui miseravelmente esmollando vestidos com a blusa de *voluntarios*.

—Tem chegado muitos com pensões.

—A proposito, quer que lhe conte uma que acabo de ouvir tambem?

—Diga.

—Antonio Manuel Caetano Pojuca, sargento do 40 de voluntarios, voltou do Sul, apenas para vir morrer aqui; tres horas depois de desembarcado, tinha expirado; o ex-voluntario não trouxe vintem, porque o governo não lhe pagou o soldo; faça ideia as colicas que soffreu a mãe do mesmo, pobre mulher, para enterrar-o.

Aconselhada por alguém, foi ao governo pedir uma esmola, lá mandaram-na esperar, porque S. Ex. estava occupado: a mulher esperou de 9 até uma e meia da tarde.

—Para quem está com defunto em casa, de vespera, não é mau petisco.

—Queixando-se de tanto esperar, um dos aulicos de palacio disse-lhe: «S. Ex. ja deu audiencia, e hoje não falla mais; é melhor que a Sra. vá ver outra maneira de enterrar seu filho, e deixe-se de estar importunando a gente.»

Depois de tão dolorosa espera, sabiu a inconsolavel mulher de palacio com o desespero n'alma, sem ter para onde

lançasse as vistas, porque o governo, que, tinha obrigação de soccorrel-a, era o primeiro a desamparal-a!

Felizmente assim não aconteceu por que, graças á charidade de alguns conhecidos do finado, elle foi enterrado.

—Na verdade, é um exemplo edificante para adquirir novos voluntarios.

—Sr. *Eumacho* não faça artes de ficar com os 25\$ rs. que deram para as irmãs do homem.

--Logo que a sociedade do *Officio de S. José* se prestou a fazer-lhe o enterro, Vm. deve entregar os 25\$ rs a Sra !

O que lhe importa saber quantos covados de chita vestem cada uma?

Não é com essas que o Sr. hade pregar *totó* nos cobres; por que o *Culmão* ja está sciente da tragedia e ha de lhe ser custoso filar o coco.

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da freguezia da *Padroeira* do Imperio para um individuo de nome *Zeze Marçal do Lino* parente dos *Madureiras*, morador ao logar de *fabricar barcos*, o qual quando se embebeda sabe a descompor os visinhos e como semelhante imprudencia, praticada por muitas vezes, continua a sel-o, pede-se a S. S. providencias que façam tal mamarroto tomar geito.

## VARIÉDADE.

### O CAIXEIRO.

No afan continuo da brutal carreira,  
Cumpre o caixeiro seu destino vil,  
Da mocidade — suas bellas flores  
Todas se trocam por espiuhos mil.

Do leito se ergue quando mal desponta  
Ainda frouxa a matutina luz,  
O dia passa sem fruir descanso,  
Gemendo ao peso da pesada cruz.

Activo embora, desagrada sempre,  
Nunca louvores no serviço tem;  
Nascendo livre, a liberdade perde,  
E mais que o escravo a sujeitar-se vem!

Si elle professa sentimentos nobres,  
Nunca do — nada — sahirá então;  
Pois não se póde, em semelhante vida  
Da sua virtude possuir brasão.

Firme no posto que o dever lhe marca,  
Sujeito á infame, caprichosa lei,  
Passa o cotado a mocidade toda  
Soffrendo cousas que dizer não sei!

Tratada sempre com desprezo estúpido,  
A' tudo attende sem a voz erguer;  
Porque si falla, si repelle insultos,  
Incontinentemente vac á rua ter!

Não se diverte, não frequenta bailes,  
E' criminoso, si ao theatro vac;  
Si tem parentes — que bem perto morem,  
Nem por descuido a vizital-os sahe.

Quando namora, receioso vive,  
Teme si saiba da voraz paixão,  
Porque — aos olhos do patrão altivo,  
Amor é crime que não tem perdão.

Passam-se mezes no trabalho insano  
Nem um domingo de folgança tem:  
Tem conhecidos, mas amigos certos  
Poucos encontra q' lhe queiram bem...

As algibeiras, que andam sempre leves.  
Só vêm dinheiro quando finda o mez,  
E o que recebe nem ao menos chega  
Para as despezas que consigo fez.

Ao sapateiro quase sempre deve,  
O alfaiate sempre é credor:  
A livadeira la de vez em quando  
Manda-lhe cartas — que não são d'amor!

Por mais que faça seu servir não muda,  
Não deixa nunca de soffrer assim.....  
Todos lhe dizem: Sê prudente, espera.....  
Tem paciencia... e chegarás ao fim.....

E na esperança a mocidade passa,  
Sujeito sempre á rigorosa lei;  
Vem a velhice, e continúa ainda  
Soffrendo cousas que dizer não sei!

## UMA TOCANTE PREPARAÇÃO PARA O BAPTISMO.

Um chefe da Nova Zelandia, marido de doze mulheres, deixou-se tocar pela grandeza do christianismo e pediu a um missionario que o recebesse no seio da igreja.

O missionario respondeu-lhe que o christianismo prohibe a polygamia.

—Não posso baptisal-o, se possuir mais de uma mulher, concluiu o missionario despedindo o polygamo.

O chefe retirou-se cabisbaixo.

Dous mezes depois apresrutou-se de novo em casa do missionario.

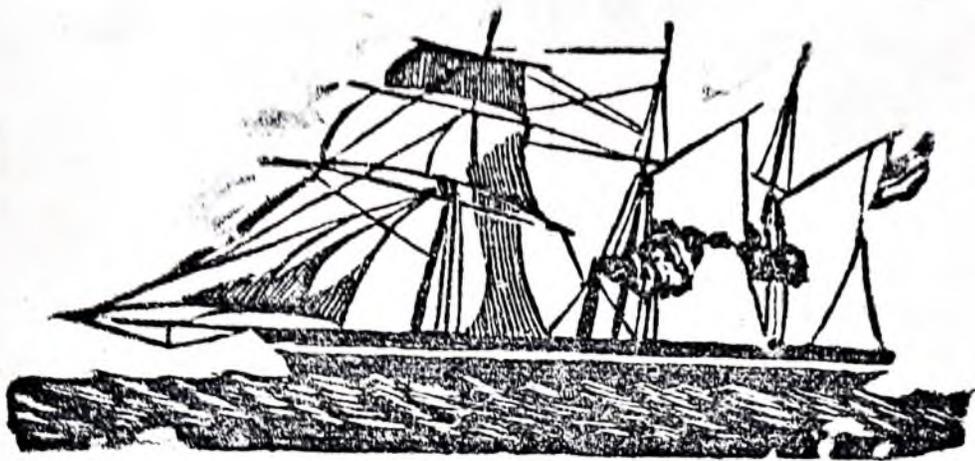
—Meu padre, disse o selvagem tocado da graça do ceu, já posso ser baptisado.

—E as suas doze mulheres?

O selvagem respondeu com o sorriso de satisfação:

—Comi-as, meu padre.

(Extr.)



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

21 DE DEZEMBRO DE 1866.

SERIE 15.<sup>a</sup>—N. 142

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, segundo nos informam, mora na loja do sobrado n.º 20, á rua do Bispo, uma viuva com quatro filhas, uma das quaes natural, a qual, por esse motivo incorreu na odiosidade da mãe, que a castiga cruelmente, mandando-a até fazer despejo na rua. A miseranda, anda sempre chicoteada, e sem camisa; á noite, é obrigada a coser por castigo até horas adiantadas, e si essa infeliz coxilla, mettem-lhe *mexas* de algodão ou papel, accesas, pelo nariz.

Pede-se por tanto a S. S. providencias á respeito.

—Não sei como o Sr. vigario de S. Pedro consente em tal!

—O que é?

—A irmandade do Rosario reduzindo a egreja a casa de pagode.

—Como, homem de Deus?

—Banqueteando-se os irmãos em commum amplexo com as *irmans*. Ainda no domingo houve uma folia destas; comeu-se a valer, bebeu-se a larga, fizeram-se saudes aos novos eleitos, e

depois vieram fraternalmente para as janellas da egreja verem astropas passar. Não vê S. Revm. que, por mais decencia e boa ordem que presida a uma patuscada destas, é impropria da casa de Deus, e que por força a um ou outro, que *tenha spirito* mais exaltado, ha de escapar uma palavra mais crespa, uma falta de respeito, etc.?

—Homem, tudo isso releva-se, por que é para engrandecimento do culto divino.

—Bem, estou calado.

—O Sr. Manuel Leovegildo Gomes de Sá ia sendo victima hontem de um grave sinistro.

—Que aconteceu?

—Conversava na rua Direita da Misericordia, quando do 2.º andar da casa n.º 29, *voou* um enorme caco cheiu de terra e plantas que veio cahir a dous passos distante d'elle.

—Que se hade fazer, si a nossa camara, não sei por que, so escolhe gente cega para fiscal?

### LA VAE VERSO.

**Artilheria raiada a Whit-worth.**

*Bateria de Estebordo.*

1.<sup>a</sup> CARGA.

Em brevo o spiritismo,  
No abysmo,

Do ridiculo tombará;  
 E deste pezado tombo  
 O ribombo  
 Pelo mundo echoará.  
 Ver-se-ha Zé-Couto a trote,  
 Como um zote,  
 Dos moleques a correr;  
 E a infeliz Pombinha,  
 Coitadinha!  
 Na lama a se debater.  
 E o anjo caricato,  
 Como um gato;  
 Contra o Telles reagir;  
 E entre as vaias do povo,  
 Como um ovo,  
 O cujo, murcho, fugir.  
 E o Rozalvo chorando,  
 Lastimando  
 A derrota que soffreu;  
 Dizendo no proprio beque  
 Do Espeque  
 — O Spiritismo morreu.  
*Allan Kardek.*

## A PEDIDO

— Immediato!  
 — Prompto.  
 — Chame a falla aquella vela, que  
 navega em demanda ás praias de Xequitaia.  
 — O' lá do barco?  
 — Que ordena?  
 — Que navio é esse?  
 — E' o brigue *Agosto Pequeno*.  
 — Em que se emprega?  
 — No commercio de traficancias,  
 usurpações e lubricidades.  
 — A que nacionalidade pertence?  
 — Tratantopolis.  
 — Que bandeira traz?  
 — A dos relapsos.  
 — Quem é o capitão?  
 — *Dias*.  
 — De onde vem?  
 — De *Lima*.  
 — Para onde vae?  
 — Para *Concupiscentopolis*, com  
 escalla por *Desfloratopolis*.  
 — Que carga leva?  
 — Uma alluvião de bandalhiras, e  
 escandalos.

— Vejamos o manifesto.  
 — *Embaçadellas, subtracções a bens  
 de orphãos, extorsões, honradez en-  
 capada, crapula, drogas, sabão, pan-  
 céas, elixiros, e mais objectos de phar-  
 macia.*  
 — Bem. Leva passageiros?  
 — Dous orphãos, despojados de sua  
 herança.  
 — Quem mais?  
 — Duas moças sobrinhas do capi-  
 tão, tambem orphans.  
 — Só?  
 — Uma menina, fructo de um amor  
 reprovado, á entregar nos *Pés de  
 Cruzes*, onde vae ser creada mysterio-  
 samente, afim de se encobrir a hedi-  
 onda devassidão de um tio, e se poder  
*suavemente* empurrar a algum papal-  
 vo uma buxa.  
 — Lá isso nada interessa.  
 Vamos aos papeis de bordo.  
 Em primeiro lugar, examinemos as  
 matriculas de bordo.  
 — Não ha; a tripolação é toda gente  
 aventureira e incognita.  
 — Oh! .. isso é rico....  
 E esses africanos?  
 — Fazem parte da equipagem.  
 — Acho exagerado.  
 Venha a derrota do navio.  
 — O navio é de contrabando, e  
 traficancias, e não traz papeis.  
 — Nem o itinerario da viagem?  
 — Nem isso.  
 — Olé! Temos á vista um insigne  
 pirata disfarçado!  
 Rapazeada de bordo, prepara para  
 abordagem.

(*Continúa.*)

— Ainda não vi homem mais estu-  
 pido e insolente do que este.  
 — Qual?  
 — Aquelle empregado, que está allí  
 dando guia.  
 — E' o *Piroca*?  
 — Pois é deste atrevido mesmo que  
 eu fallo.  
 — Não responda áquella besta,  
 que já se esqueceu do tempo em que  
 andava com o *Borges*, pela cavallaria,  
 empinando arraia, socado por dentro

das coxias, sujo como um *leitão*, o furtando as caunas dos tabareus!

—V sabe disso?

—Muito. Sei qual foi a criação, que elle recebeu do pao, e para prova ahí está o irmão, que é um perfeito reu do policia!

—Mas, hoje, já elle é empregado em *fazenda*!

—Qual empregado! Um servente tambem é empregado?

Mande esta besta ao pasto, não lhe dê resposta.

—Capitão, venho valer-me de sua justiça.

—Pode dizer o que quer.

—V. Ex. conhece o Papa-pinto?

—E' um sujeito que mora na ladeira da *Doença*, não?

—E' justamente este tratante, do quem venho queixar-me, e pedir o auxilio de seu incansavel muxingueiro.

—Mas o que ha?

—Esse safado tem por graça jogar agua para o telhado da casa vizinha, e mandar pelos seus malcreados filhos insultar a um honrado moço, que alli mora.

—O *Rodrigues* tambem ja veio queixar-se do proceder desse infame; mas conte-me os principaes factos d'elle, afim de eu poder mandar applicar-lhe o conveniente castigo.

—Então tenha V. Ex. a bondade de ouvir-me:

Este miseravel é *soldado da casa dos despachos*, e ganha a quantia de quatrocentos mil reis annuaes; embebeda-se todo o dia; dá constantemente pagodes e sustenta um grande luxo. Talvez que V. Ex. ignore a maneira mysteriosa porque vive este biltre; porém é muito facil de explicar-se.

Este tratante é como já disse a V. Ex., *soldado da casa dos despachos* em Latronopolis, e estes *soldados* são para não deixarem passar contrabando; mais elle os deixa passar quando está de vigia, mediante alguma quantia ridicula que recebe dos contrabandistas. Tem uma filha, a qual sempre vae passar em casa da madrinha, se-

gundo dizem, porém o que é certo é que ella não passa da casa em que mora um seu . . . . . padrinho.

—O que quer dizer o senhor com essas reticencias? Já vem com negocios de vida privada?

—Não é vida privada, por que é facto presenciado por toda visinhança, por consequente já é publico; mas certos casos horroisam contar e mesmo ouvir-se!

—Pode continuar na sua queixa que sou todo ouvidos.

—Este bedado alugou um miseravel que o acompanha para as tabernas, para descompor o moço, de quem ja lhe fallei. . . .

—Já vejo que o tal moço, goza da anthipathia dos tractantes e dos bebados.

—E' verdade; V. Ex. sabe que os tractantes não gostam dos homens probos e honrados. . . .

—Por força. Si não pactuam com elles!

— . . . . porque sabe que o tal bebado da *Quinta*, é inimigo do moço e a razão foi elle não querer dar-lhe as chaves de uma propriedade sua.

—Como um homem intriga-se com outro, só por não lhe querer alugar sua propriedade? Esta é mesmo de bebado!

—Tem ameaçado até a vida do dito moço!

—Estas ameaças são tolices! Logo que elle provar a taca do muxingueiro deixar-se-ha das ameaças.

—Pois bem: eu venho pedir a V. Ex. justiça para que este moço não esteja sendo incommodado a toda hora, por esse sevandija!

—O *Sena e o Bernardino* ja me tinham contado toda esta historia. Contaram-me mais que elle tem uma negrinha, que vive toda chicoteada. . . .

—E' verdade! Faz lastima olhar-so para ella!

— . . . . que tem um filho de nome João, o qual é um verdadeiro reu do policia, um perfeito *assassino dos filhos da patria*. . . .

—Tambem é exacto.

— . . . . que vem todas as tardes mamado para a casa e se põe na janella, junto com os seus insolentes filhos, cujas janellas deitam para os fundos das casas do *Maciel*, a proferirem palavras obscenas, o que prohibe as familias de estarem à tarde em seus quintaes; que apredejam o telhado do moço, e como elle falla, arredam as telhas para jogarem trampa dentro de casa, em cima da meza de jantar.

— E' exactissimo!

— Então já vê, que ando mais adiantado do que o Sr. A minha policia secreta é incansavel!

Muxingueiro!

— Ao seu dispor, capitão.

— Vae á ladeira da *Doença*, procura lá o Papa-pinto e traze-o já á minha presença!

(Continúa)

O que quer dizer o Sr. *de Bren* authorisar um fiscal a fazer multas clandestinas, na freguezia das Arcias, sem sciencia dos donos das vendas, e contra o que determina a lei?

Será porque estamos na festa, e precisam elles de *gordura*?

Cuidado! O negocio pode chegar aos ouvidos da *Illna.*, e então ahí está desmanchada a egrejinha.

— Quem mais vive mais vê! Soldados armados com cacetes!

— De que batalhão?

— 11.º

— Si não me engano, é o batalhão da *Matta*.

— Do matto é elle; e ahí é que está a minha admiração; por que não ha tabareu que não tenha seu trabuco para *enfiar* nm *jacú*.

— Deve ser muito pacifico o povo dessa localidade, que os soldados não precisam de armas!

— E vê o garbo com que elles perfilam os cacetes e vão marchando como se tivessem nas mãos uma boa carabina! . . . .

— Que padre incorrigivel!

*Cruz*, ente degenerado!

— Deixe o salabardote. Não basta a tunda que lhe deram?

— Ainda foi pouco. No mesmo dia, em que lhe deram as trompassadas nas bitaculas, foi á casa de uma moça sua amasia, no becco do *Açougue Pequeno*, e quebrou-lhe toda a louça, trastes, etc.

— Porque?

Porque, disse elle, a moça é quem, com ciúmes, tinha mandado deitar no *Alabama* as foscas, que elle andava fazendo á inexperiente menina da rua das *Estampas*.

— Oh! que padresinho da mão furada!

— Não sei mais o que fará aquillo tomar geito. Até o muxingueiro ja tem repugnancia de bater-lhe na encoscorada pelle.

---

## VARIEDADE.

---

### DOUS PACIORRENTOS.

Dous inglezes passavam em direcção opposta por um passeio muito estreito, e nenhum dos dons queria ceder o passo. Em vista d'isto, um d'elles sentou-se como quem diz: «Tens que esperar!» O outro, que viu aquella acção, fez o mesmo, e por fim tirou o *Times* do bolso, e começou a lê-lo com todo o vagar. O que primeiro se tinha sentado olhou com muita attenção, e disse-lhe com a maior delicadeza:

Quando acabar de ler, faz favor de m'o emprestar?

---

### AOS SRS. ASSIGNANTES.

#### FESTAS.

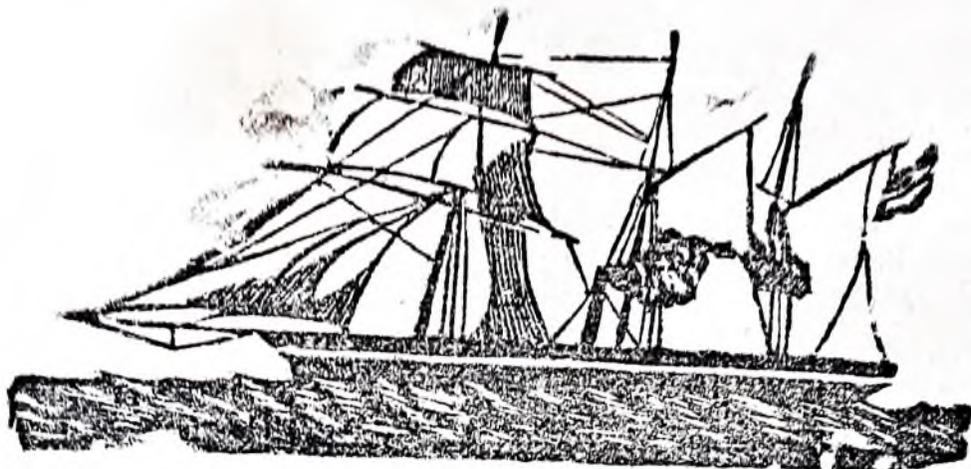
Com a primeira folha do anno vindouro, será distribuido pelos Srs. assignantes um quadro contendo as caricaturas de todos os marralheiros, que assignaram o *Alabama* e não pagaram, bem como, a dos principaes sujeitos conhecidos nesta cidade por tratantes e caloteiros.

E' de grande utilidade ás pessoas, que tem giro de negocio possuir um exemplar destes, para conhecer os melcorios.

Cada numero avulso custará 500 rs.

---

*Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 15.<sup>a</sup>—N. 143

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 semes, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de dezembro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, chamando a attenção de S. Ex. para o estado de indisciplina, que reina á noite, no quartel de cavallaria; ha constantemente algazarra e desordem entre os soldados, principalmente na hora de rezar terço, e, ha poucos dias, dous soldados desembainharam as espadas para acutilaram-se. Por bem da disciplina militar, e do socego da vizinhança, espera-se que S. Ex. faça cessar aquelle estado de anarchia.

—O vaporsinho do arsenal *Riachuelo* vae hoje para o Bomfim, e de lá partirá amanha em viagem de recreio para a Madre de Deus, levando diversas pessoas, que vão patuscar e comer cajus.

—Muito bem!

—Mandou-se preparar convenientemente o vapor, e fazer-se tres toldos novos para abrigar os distinctos viajantes dos ardores solares.

—Na verdade depois da nação gastar uns 40:000\$000 com o tal vapor, não se lhe pede dar melhor applicação

do que andar em viagens de pagodes particulares,

— Bem dita gente, que tão bom uso sabe dar ao pecunia populi!

— Desejava saber, si aquelle sentenciado tem mais privilegio do que os outros.

— Qual?

— O Cyriaco.

— Quem é o Cyriaco?

— Aquelle, que matou a mulher na ladeira de S. Francisco.

— Ah! já sei. Que tem elle?

— Passeia constantemente na cidade. O regulamento da casa de prisão dá essa faculdade?

— Pergunte ao chefe de policia.

### LA VAE VERSO.

#### Artilheria raiada a Whit-worth.

*Bateria de bom-bordo.*

2.<sup>a</sup> CARGA.

Diz o abaixo assignado  
(Já que não temos policia),  
Que nesta terra a malicia  
Sobe cada vez a mais.  
Por tanto, que o attendais  
Vem submisso vos pedir,  
Pois não ha mãos a medir,  
No que occorre a cada dia  
Da nossa infeliz Bahia

Nos mais immundos curraes.

Ha poucos dias um caso,  
Horripilante, terrivel,  
Um caso, meu Deus! incrivel;  
Todavia aqui se deu:  
E com tudo de um judeu  
Não partiu a tal historia,  
Pois o author teve a gloria  
De receber o baptismo;  
E diz com todo o cynismo:  
—Sou christão, não sou atheu!—

Pois bem! pretendendo o Telles,  
Da sogra se descartar,  
O que havia de inventar,  
Para da casa tangel-a?  
Dal-a por douda? Prendel a?  
Nada; temeu cahir nessa:  
Iel-a passar por possessa,  
E a força só de pancadas  
Lançou-a pelas escadas  
E nem mais procurou vel-a!?

Depois, do Dr. *Espeque*  
Os conselhos adoptando,  
Foi nos filhos despertando  
Contra a pobre avó rancor!  
Pois n'ella, n'ella, que horror!  
A Infertine (\*) execrada  
Se achava reencarnada  
Por um mysterio profundo  
Só conhecido no mundo  
Por esse parvo impostor.

A' vista pois, deste facto,  
Tão medonho e aviltante,  
Ridiculo, repugnante,  
Como outro egual não se vê,  
Pode o supplicante que,  
Mandeis vosso muxingueiro  
Tocar de taca o bregeiro  
Author dessa tramontana  
Um dia em cada semana,  
E receberá mercê.

*Allan Kardeck.*

## A PEDIDO

—Tenebrosos mysterios de Latronopolis!

—O Sr. todo é um tenebroso.

—E' que eu ando mais iniciado em certos mysterios, do que a nossa poli-

(\*) Spirito mau, que diz elle, encara ou-se no corpo da pobre velha!

cia, que não encherá dous dedos adiante do nariz, nem se dá ao trabalho de pesquisizar certos factos, que despertam suspeitas, pelas circumstancias, de que são revestidos.

—Creio que sua cachola é que anda atribulada, á imaginar crimes e horrores.

—Pode ser; comtudo, si eu dirigisse a policia, e chegasse a meu conhecimento o mais leve indicio, de que se havia perpetrado um crime, empregaria todos os meios para descobrir a verdade.

Por exemplo:

Imaginemos que o proprietario e morador no 2.º andar de um sobrado, entrando um dia, encontra sua mulher que sobe, e um morador do primeiro andar que desce, ambos trocando palavras ou cortejando-se.

O marido tem suspeitas, infundadas ou não; ha um conflicto entre os tres, a mulher desculpa-se que vinha do pavimento terreo, onde tinha ido tomar banho, porém o zeloso esposo não se convence, e continúa duvidoso sobre a fidelidade de sua esposa.

O inquilino do primeiro andar, teima em permanecer na casa, á despeito de ser intimado para mudar-se, o que augmenta as suspeitas do esposo.

Dias depois, um mez talvez, a mulher repentinamente adoce, e é quasi deixada em abandono; uma molestia violenta a faz succumbir em breve espaço; um medico não é consultado, um padre não é chamado para socorrer espiritualmente a enferma; e o enterro faz-se com a maior reserva possivel. Entretanto, uns linguarudos que moram na rua onde tem collegio á direita, propalam que a infeliz foi enviada, e o boato toma logo vulto no Largo do Messias, na bocca dos garotos, que vão palestrar na fonte publica.

Eu, maioral da policia, logo que meus agentes me participassem o occorrido, daria todas as providencias, assim de que se verificasse o facto, e não ficasse talvez um crime envolvido nas trevas do mysterio.

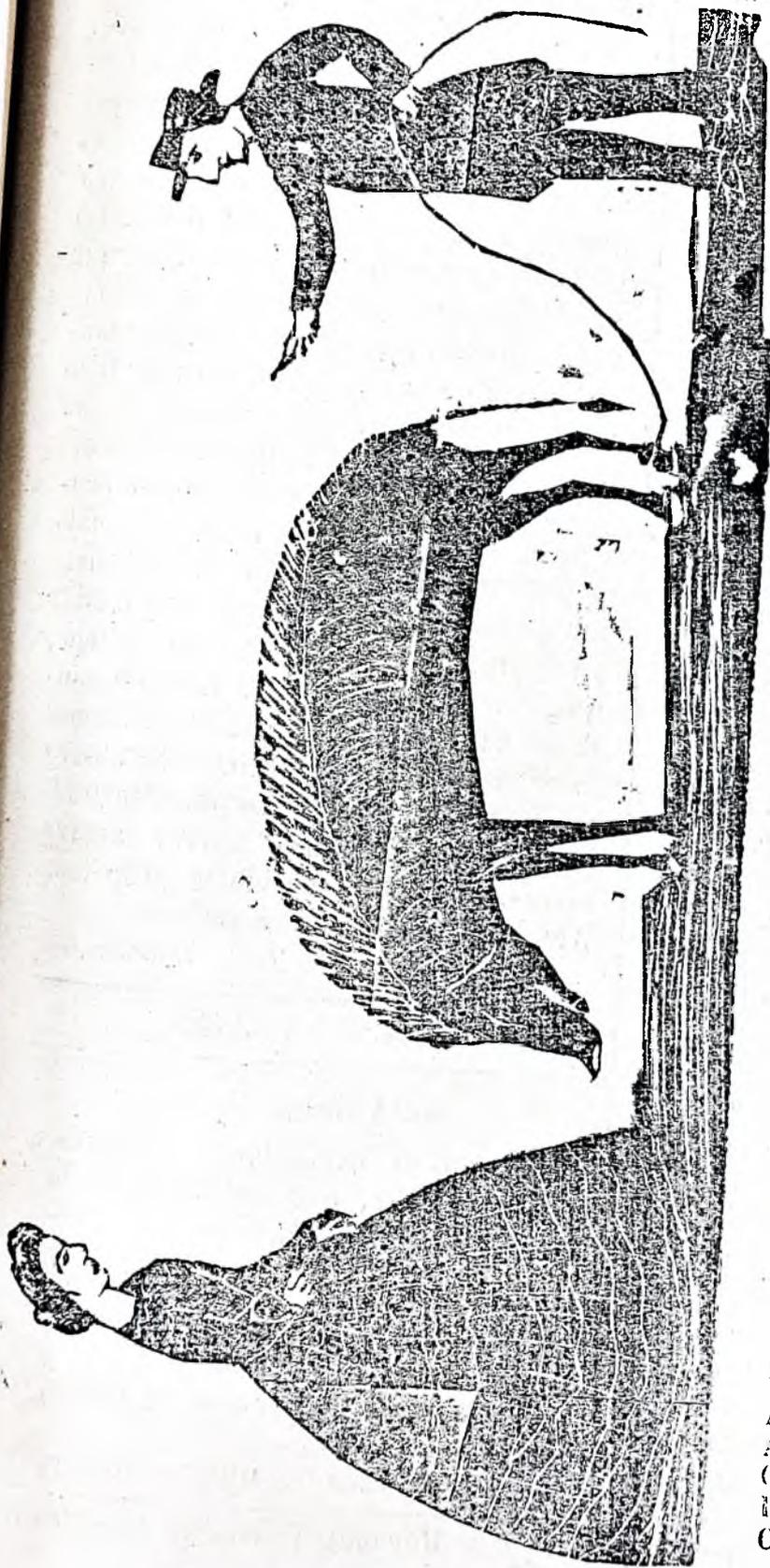
—E' justamente o que pratica a policia de Latronopolis, quando casos destes se dão.

—E eu estou capacitado do contrario  
 —Não creia; para isso tem ella  
 bons agentes, os quaes são capazes de  
 descobrir o mais incognito segredo.  
 O Sr. é que anda a inventar aventuras  
 ficticias.

Pede-se ao infame e covarde detractor,  
 que não teve coragem de appare-  
 cer em campo com as informações de  
 que deu noticia o *Alabama* de 19 de

PRESENTE DE FESTAS QUE MANDA O DR. PROGRESSO A SUA PRIMA D. BAHIA.

corrente, descubra-se (si é capaz) a-  
 fim de declarar e provar quantas ve-  
 zes tem morto a fome e dado o neces-  
 sario vestuario á negrinha Martinian-  
 na, bem como em que logares são  
 as cicatrizes de espancamento, uma  
 vez que são visiveis, para então ser de-  
 vidamente respondido e o publico  
 conhecer mais essa vilora de lingua  
 ferina, que assassina tão vilmente a  
 reputação alheia. — O *Everisto Gomes*.



Viva a sabia providencia  
 Pos ministros da nação;  
 Viva o seu terno cuidado,  
 Que a seu povo bem amado  
 Dá de presente um leitão.

Nada mais justo; equidade  
 E' do ministro o phanal;  
 Como perto ahí vem a festa,  
 Já um banquete se apresta  
 Para o dia do natal.

Em uma sessão secreta,  
 Foi que n'isto se fallou;  
 Ahí ficou discutido  
 O que depois foi sabido  
 E que assim se executou:

Que a côrte tivesse um pinto,  
 Que o Pará um leão;  
 Mas que tivesse a Bahia,  
 Por signal de primazia,  
 Um excellente leitão.

Vem elle: agora escutem  
 O que convém se fazer:  
 Fica-se já uma tulha  
 (Mas em segredo e sem bulha)  
 Que não lhe falte o comer.

A sim que estiver bem medio  
 E for dia de funcção,  
 Vá levado em romaria  
 Pelas ruas da Bahia,  
 Com solemne devoção.

Depois, então, se esparteje  
 No terreiro de Jesus,  
 E seja, allí mesmo, assado  
 Por um senhor deputado  
 Da terra de Santa-Cruz.

Feito isto, se divida,  
 Assim como eu vou marcar:  
 Um quarto p'ra o saquarema;  
 Cutro para os L. de gemma,  
 E dos mocoto's um par.

Aos L. P. cabe o toucinho,  
 A cabeça é da nação;  
 O resto, si assim for feito,  
 Leve, quem for de seu peito,  
 Co' as tripas á Opposição.

—Ha muito que não fallo nas *pipineiras* do *trem do mar* de Latronopolis. . . . .

—Ja tardava.

— . . . . . e da chusma do ratazanas, que inundam aquella spelunca. Não ha tintas, ferro, madoira, solla, papel cobre, etc., de quo esses terriveis *roedores* não deem cabo.

—Pelo geito, estou vendo que o Sr. quer tagarellar um pouco á respeito?

—Apenas fallar de uma *pepineira* ou desperdicio.

—Qual é ella?

—Uma despeza inutil, e despendiosa, que se acaba de fazer, para commodidade somente de um individuo.

—Ponha isso em pratos limpos.

—Somente para que certo *tenente*, *lemos* seu nome n'um papel, mas não nos lembra agora, não se incommode em fazer uma pequena digressão; mandou-se-lhe arranjar uma *passagem*, gastando-se pranchões de *pojumutú*, que se compram a 80\$rs., dias de serviço de operarios, materias etc., além de empatar o transito da *caldeirona*.

—É quem lhe disse que isso é por commodidade? Talvez seja para não desperdiçar o precioso tempo do homem, dando uma comprida volta; tendo alias cousas de utilidade em que se occupar.

—Enganou-se, elle é obrigado a *ajudar* o chefe na direcção da casa, e nessa condição, tem dever de visital-a e examinal-a; por tanto em nada prejudica o serviço um pequeno rodeio que é de obrigação; nem era isso motivo para se fazer tão extraordinaria despeza.

—Emfim. . . . .

—É que o homem considera aquillo como seu pat imonio, onde frue tudo que ha de commodo e bem-estar. Em quanto muitos nas *condições* d'elle andam por longe com as armas na mão, arrostando os perigos de sua profissão, elle em santo ocio habita um rico palacio, que custou dezenas de contos aos cofres de Latronopolis, com o fim de nelles se depositar *pequenos* meninos, que fossem *aprender* officio, passa uma vida folgada, faz obras suas com os operarios publicos, tem jardins,

eria animaes o gosa tudo quanto constituo uma vida delectavel e prazenteira.

—E assim é que é o fazer, meu charo; nesta epocha quem é tolo anda magro.

—E os espertos, que commettam, quanta patifaria lhes venha á cabeça.

### ATENÇÃO! ATENÇÃO!!

Um individuo, que tem uma artelecação de palavras com outro, e, depois, de caso pensado, arma-se de uma faca e vae tirar nova satisfação, parece-me que não é com boas tenções. Este facto foi presenciado por muitas pessoas que foram testemunhas no processo, em que o offendido deu queixa contra o offensor, por certo juizo; porém o accusado alardeia, que não dá cavaco, porque tem a seu favor o juiz, tanto que, depois que soube, que o offendido fez corpo de delicto para processal-o, elle offensor dá, no dia seguinte ao da queixa do offendido, uma queixa querendo processar as testemunhas do offendido para ver si assim se podia facilmente destruir os depoimentos d'ellas para melhor livrar-se do erime, que intentava prepetar. Então é ponta ou cabeça; por ora, nada podemos dizer a respeito, ficaremos de observação, a ver a tenção do illustrado juiz, para podermos narrar alguns factos, que neste sentido se propalam. Até logo que voltaremos.

João Bocorio.

### ANNUNCIOS.

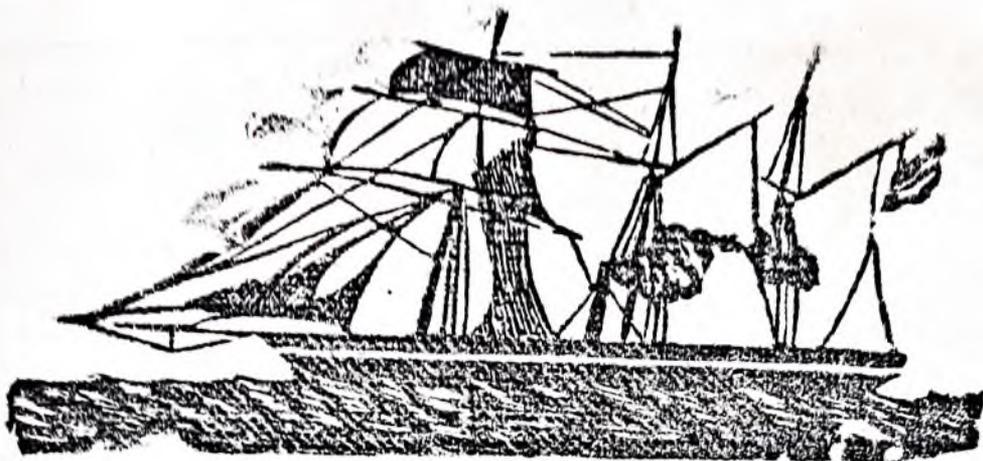
#### GRANDE QUADRO

*Contendo as caricaturas de todos os assignantes, que não pagaram o «Alabama;»*

E de todos os caloteiros, tratantes, velhacos, mal-casados e seductores, que povoam esta Latronopolis. Será exposte á venda no principio do anno vindouro.

Preço de cada exemplar — 500 reis.

*Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 15.<sup>a</sup>—N.º 144

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordi<sup>a</sup> n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de dezembro de 1866.

Não houve expediente.

—No dia de Natal morreu afogada no lique a parda Margarida Anna de Jesus.

A infeliz tinha ido lavar roupa; á tarde, quando retirava-se, succedeu que o vento carregou-lhe um vestido e atirou-o n'agoa, commetteu a imprudencia de querer ir apanhá-lo; e submergiu-se.

—Deus se compadeça de sua alma.

—Os ratos deram no *fundo* do banco e fizeram um estrago dos seiscentos!

—Aquillo não podia deixar de ser rato de casa; da rua não acertava para fazer um *rombo* tão bem feito e com tanta facilidade.

—A direcção dá 10:000\$000 a quem descobrir o *bicho*.

—Acho inutil. Ella que procure, lá por dentro mesmo, que o hade encontrar.

—Gostei muito da ingenuidade com que requereu ao chefe de policia—*providencias para acharem o dinheiro e conhecerem quem o tirou.*

—Ainda si a policia fosse *spiritista* podia ser que descobrisse.

—A Fonte de Santo Antonio acha-se n'um estado immundo.

Os canos por onde escoam as aguas estão entupidos, e ellas ficam estagnadas e putridas.

Os vadios satisfazem á noite suas necessidades corporaes alli; e consta que ja se tem visto pretas encherem barris daquelle tijuco para venderem por agua de gasto.

—Bem. Aspirante!

—Prompto.

—Onde encontrar o fiscal geral agarre-o, e leve-o pelo braço até a Fonte de Santo Antonio para ver o estado a que está reduzida.

—Aspirante Jão de Deus!

—Prompto.

Vá a casa do Bota de Prata e verifique si é verdade que elle tem um pobre menino preso constantemente a uma corrente.

Si for exacto isso que me informam, vá ao Sr. delegado participar-lhe para providenciar a respeito.

—Os guardas do 110 pintaram a *manta* na Praça com a Mata Cobca, na malrugada de 23!

Atropellaram a pobre mulher!

— Pareço que a guarda toda foi do pagode, porque eu passando no domingo á tarde pela frente della vi, no aposento do official, diversos sujeitos em mangas de camisa, como quem estava em sua casa.

— Foi ao concerto no Passeio Publico?

— Não; nem sabia disso

— Pois houve um em beneficio . . . . .

— Dos voluntarios?

— Não.

— De alguma viuva?

— Não.

— De alguma casa pia?

— Não.

— Para melhoramento do passeio?

— Não.

— Com os diabos, a beneficio de quem foi então?

— Si o Sr. não me deixou acabar a phrase . . . . A beneficio de um sujeito, que vende bebidas.

— Olá! essa não é má! Então o passeio converteu-se em theatro?

— Não, S. Ex. o Sr. presidente permittiu que o sujeito desse alli um concerto

— E por tanto quem quizesse entrar nesse dia no *Passeio Publico* havia de dar dinheiro?

— 500 reis apenas.

— Nesse caso seria bom, que si authorisasse tambem o cujo a mudar, nesse dia, o nome de *Passeio Publico*, para logar de protecção e arranjo particular, para que quem sahisse a tomar seu refrigerio, e como eu, não soulesse, chegando lá não passasse pela decepção de se ver esbarrado; não podendo entrar n'um logar, que dizem ser franco ao publico.

Quem disse que nesta terra so faltava ver-se um boi voar, não mentiu.

— Bagatella! Quem não teve dinheiro para entrar, que fosse tomar fresco nos assentos de S. Bento.

— Por que o patronato esganchado n'um portão e o menos-presos ao publico acocorado n'outro, estorvavam a entrada á quem não fosse metter 500 rs. no bolso do feliz beneficiado.

— A nossa camara municipal tem cousas!

— Diga — tem lembranças que parecem esquecimentos.

— E' verdade; V. sabe que a camara tem uns guardas que coadjuvam os fiscaes?

— Sim Sr.; por signal que ganham 800 rs.

— Pois a Illma. não teve a lembrança de dar foria aos homens por quatro dias?

— Economia meu rico.

— Diabo leve tão porca economia! Ou os homens são necessarios para ajudar a fiscalisação ou não são. Si não são para que os aturam? E si são, o municipio hade ficar estes dias entregue as baratas? Porque na verdade os fiscaes se não se animam a certas diligencias.

— Meu charo, grão, grão, galinha enche o papo; si não for assim não se ajunta dinheiro.

## A PEDIDO

— O que diz o fiscal do Banco da Bahia sobre o rombo que fizeram no mesmo?

— O que diz? Ora o moço anda por fora advogando, sabe la dessas cousas?

— Dá licença que lhe conte

Meu reverendo vigario

O pagode que fizeram

As crioulas do Rosario?

Houve bella feijoada

Com *xebés* e bem toucinho,

Cachacinha concertada

E garrafas de bom vinho.

N'uma valente terrina

Carne de porco ensopada . . . . .

A Andreolina mandou

Um guisado de *rabada*.

Na cabeceira da meza,

Repimpou-se o Germano,

Do outro lado estava

O *bacudo* Firmiano.

Em toda circumferencia

Só havia um logar vago,

Que estava reservado

A espera do Thiago.

Tudo mais, era occupado  
Por criulinhas faceiras,  
E os homens atraz dellas  
Por não haverem cadeiras.

O Horacio mui gamenho  
As rapatigas servia,  
Fazendo papel de bobo  
Em quanto a sucia comia.

Mafalda foi a primeira,  
Que a celemma levantou,  
Propondo uma saude  
A' juiza que findou.

Foi acceita com calor  
Da crioula a lembrança,  
E pedindo a palavra  
Levantou-se a Constança:

«Minha gente, esse brinde  
«Não deve ser assim só;  
«Vamos primeiro cantar:  
«De gostos sinhá Loló.

«E depois ipes e hurras  
«E tambem o papagaio.»  
Isso dizia mordendo  
Um gram pedaço de paio.

—Concordo, gritaram todas;  
Viva nossa irman Juiza!  
Em seguida foi a chula  
Entoando a Luiza.

Agora vamos beber  
Da juiza para o anno,  
A saude, diz Libania  
Do Valentim africano.

—Não senhora, esta fica,  
Diz Abra, p'ra derradeira  
Agora a procuradora  
E a actual thesoureira.

E quero uma saude  
De arrojo e entusiasmo,  
Que saia no *Alabama*  
A todos causando pasmo.

—Deus nos livre, gritam todas,  
De sahir em tal diabo.  
Tomara já haver quem  
Desse maldito dê cabo.—

Nisso vem tocando a musica  
Na praça da Piedade;  
Correm todas p'ra janella  
Com grande anciedade.

Umas vinham tropeçando  
Do *peso* que em si traziam,  
Outras correndo na igreja  
Grande barulho faziam.

Foi no dia da revista  
Da guarda nacional,  
Que as crioulas no Rosario  
Fizeram pagode tal.

Quando passaram as tropas  
Cada uma retirou-se,  
E não havendo mais vinho  
A patuscada acabou-se.

Não censinta, meu vigario,  
Que na sua freguezia,  
Si commetta para o anno  
N'um templo tamanha orgia.



—Venho concluir, minhas queixas,  
capitão.

—Ficando certo que não admitto  
mais delongas.

—Espero finalizar hoje, mesmo  
que tenho de retirar-me da cidade até  
fevereiro.

—Pois então, abra a bocca e falle.

—Sou parente de um antigo *tange-*  
*dor* de sinos, que era empregado na  
igreja principal de Latronopolis.

Medonho, quando rapaz, era muito

*faisca*, e amigo do mexer nos badalos dos sinos e, por isso, andava sempre pelas torres das egrejas a fazer travesuras.

O velho sineiro, a quem Deus haja, gostava das graças do Medonho e tratou com elle *intimas* relações.

Conhecendo o fraco do velho, que era gostar do *seccas*, doce que naquello tempo se usava, *fuzia*, com suas mãos, de vez em quando uma *secca* o lhe ia levar.

Tanto fez Medonho, que por fim installou se na torre da egreja como ajudante de locar sino, e tornou-se o companheiro intimo e amigo de *cama e meza* do velho.

Tinha esse sua meia duzia de patacas boas, fructo de economias, de que usavam os homens do tempo antigo.

Ent etanto uma vez a egreja ia levando a breca incendiando se. Com o susto que teve o pobre velho cabiu-lhe a quebradura e foi tamanho o choque que não sabiu mais da cama, sinão para a sepultura.

Medonho, cujos instinctos de rapina, cresceram com elle no berço, logo que o homem expirou foi a sua caixa e surripiou tudo que nella havia, de sorte que quando eu e mais parentes la chegamos achamo-nos em branco, e o ladrão locupletando-se com o que não era seu.

E em cima quiz alterar-se com-nosco.

— Ora, o Sr. a massar tanto tempo por uma cousa tão diminuta. Isso é nada, á vista das immensas bandalheiras, que tenho ouvido contar dessa hyena sanguisedenta de latrocinios.

— Concorde; porém é muito para os prejudicados.

Diz V. Ex. que tem sabido immensas bandalheiras desse salteador; assevero-lhe que ainda não ouviu a quarta parte das hediondas acções desse lazaroni.

Por exemplo não soube que elle sendo mestre das obras que não são publicas, recebeu para escorar uma egreja na ilha de *Guadelupe* 430\$ rs.,

quando com 80\$ rs se fazia o negocio.

Não sabe que elle recebendo dinheiro para fazer *casinholas* de abrigar os soldados das intemperies, aproveitou as madeiras do templo, ficando com o dinheiro.

Não sabe que elle chama operarios para lhe trabalhar, não paga, e quando os homens vão cobrar, elle os entretém mostrando-lhes uma machina, que diz inventou, e depois de muito tagarellar, despede os homens com os beijos com que mamaram.

Não sabe.....

— Meu amigo, basta isto é um nunca acabar; estou com os ouvidos atordoados.

O pau que torto nasce, tarde ou nunca se indreita.

Não ha vergalho por mais rijo, que faça a desfaçada cara desse bugre tomar verniz.

Quando o *Lazaro* que é outro tratante, não se quer comparar com elle, faça ideia que tal é!

— O caso é que esse diabo vae continuando a roubar sem nada lhe acontecer.

— Homem, o pote tanto vae á fonte, até que lá se fica.

Eu creio que desta vez, no fim de contas elle não hade ficar muito bem com o muxingueiro.

— Não se pode passar á noite no Pau da Bandeira.

— Porque?

— Porque ha sentinellas prohibindo.

— A rasão?

— Não sei.

— O que lhe affianço é, que por medo não é, porque S. Ex. não é dos que se assustam de *corujas*.

---

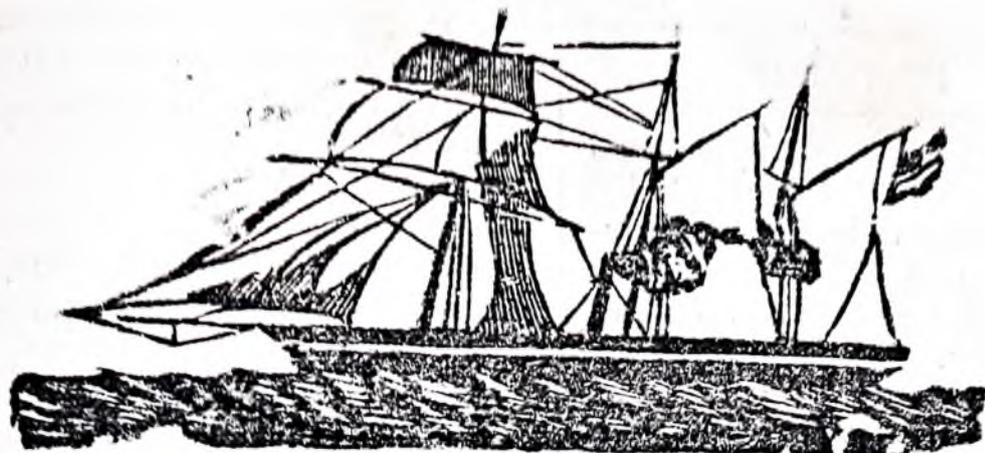
## ANNUNCIOS.

---

### GRANDE QUADRO

*Contendo as caricaturas de todos os assignantes; que não pagaram o «Alabama;»*

E de todos os caloteiros, tratantes, velhaços, mal-casados e seductores, que povoam esta Latronopolis.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 29 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 15.<sup>a</sup>—N.º 143

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 números, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de dezembro de 1866.

Portaria ao aspirante pedreste João de Deus, ordenando-lhe que procure o padre Rosa e apresente-lhe o inclusive figurino, de que devem usar os capellães do exercito, para que S. m. não ande pela cidade de bonezinho, mostrando o alisado cabello, e de sobre-casaco abotoado. Cumpra.

—Como andam os ladrões accesos! Tanto os da alta, como os da baixa classe, estão n'uma actividade espantosa!

—O tempo é proprio.

—Foram á matriz da Conceição da Praia, em pleno dia, e carregaram do corpo da igreja uma Imagem do Senhor Deus Menino, que, no meio de quatro tochas, estava exposta á veneração dos fieis!.....

—E' extraordinario!

—Os ladrões não tiveram em mira roubar a Imagem, mas o que ella tinha em si, que era—uma capella de ouro, cordão do mesmo no pescoco, botão de peito com pedra azul esmaltada, e cordão de cintura

com borlas de fio de ouro, e tunica de filó.

—A patuscada á Madre de Deus ficou burlada.

O vaporsinho *Riachuelo* não sabiu do porto.

—Então porque? Depois de tantos preparativos, arrependem-se?

—Porque o *Alabama* deu noticia da viagem.

—Ora, essa! De pouco cousa se assustaram.

—O arsenal de marinha de Latronopolis é o que se pode verdadeiramente chamar um arsenal completo; tem de tudo!

—E assim deve de ser.

—Até um chiqueiro de porcos.

—Ora vá bugiar! Eu logo vi que V. não passava sem uma das suas.

—Si duvida vá ver, que ha de encontrar chiqueiro, estribaria etc. E o fiscal que vá lá!

—Então, não quer que os homens, n'um dia de festa, se passem a carno gorda?

—E os cavalloos? Serão da cavallaria de marinha?

—La isso saiba do inspector.

## A PEDIDO

—O que tem aquella preta, que tanto lastima-se na *Alta* dos Sapateiros?

—Aquillo quer dizer, que a companhia do olho vivo não se compõe so da gente, que rouba carteira dos bolsos dos transeuntes.

—Explique-se.

—A pobre africana foi victima de um ratoneiro, que anda entre nós de colarinho em pé, que mui *limpamente* arrancou-lhe 35\$000.

—Conte lá isso.

—A gente do olho vivo roubou em certa quitanda a um tabareu e escapou-se. Recahiram suspeitas sobre a pobre africana a qual foi presa; verificada sua innocencia, mandou o *alcaide do bairro* solta-la.

Um sujeito, que ja padeceu o mal dos *lazaros*, porém que hoje é um moço *candido*, depois que foi a *Vianna*, offereceu-se para levar a portaria de soltura á paciente, mostrando grande interesse por ella.

Solta a africana, foi o moço *candido* a sua casa e exigiu-lhe 35\$000, dizendo que 15\$000 eraui para o *alcaide de Valença*, 15\$000 para o inspector, e 5\$ do seu trabalho. A preta chorou, maldisse seu destino e por fim cahiu com os *melões*, por que o rapina dizia-lhe que ella voltaria para a cadeia, si não pagasse. De maneira que, além de ser presa pelo que não fez, ainda pagou 35\$000 rs.!

—E Vm. como soube isto?

—O que se faz neste mundo, por mais recondito que seja, que não so vem a saber?

A preta encontrou o inspector e queixou-se de, além de ser presa injustamente, ainda dar 15\$ rs a elle, 15\$ ao *alcaide* e 5\$ ao tal *candido* moço. O inspector espirrou com a graça, foi ao *alcaide*, este mandou chamar o larapio e descobriu-lhe toda a massada.

—E o que fez o *alcaide* com esso rapina?

—Contentou-se em ordenar-lhe que fosse entregar o dinheiro da africana, o que elle não fez até hoje.

—Authoridades de contemplanções. Pois a bordo não ha destas indulgências

Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae procurar um tratante, que curou-se ha pouco do mal dos *lazaros* e inculca-se de *candido* moço, por que viajou em *Vianna*, e o traz para bordo.

—Ja. Conheço muito este rato roedor e algibeiras; immenssimas vezes tem elle provado esta taca.

—Logo que o pegares, vem sovando esse infame bandalho até a bordo onde se lhe destinará o castigo.

—Sr. Eu-macho, diga-me, V. tem cara de pau? que presidente é que foi visital-o, por saber que V. é *influencia* na freguezia dos saubaços?

—Capitão, foi.....

—Foi quem, impostor? Para que ha de V. ser estúpido? Todos sabem que isto é mentira; porém não vê, que si o leitão souber que V. diz que elle o visitou para pedir-lhe que ajude ao governo,—que isto lhe pode ser prejudicial, e V. ser posto em *ablativo* do arsenal?

### Raridades Calçadenses.

A retidão da Estrada de ferro.

As manhas do João Badega.

Os bigodes do Dudú.

A innocencia do Jacintho Reis.

A protervia do João do Talho.

A hospedagem do Totonho Oliveira.

A riqueza embalancada do *Agua do ar*.

Os gritos do Mendonça.

A altivez e impostura do Xico Gomes.

A bajulação do *Novissimo*.

A sabedoria do Baptista Francez.

A honradez de Salú Rei dos moleques.

O futuro processo do Antonio Broa.

Os calotes do Zezé Funileiro.

O coito negreiro do Zé dos Boncos.

A impafia do Cutilla.

A reunião de certo Hotel

As bobedeiras continuas do José Magro.

— Muxingueiro!

— Prompto.

— Vae á ladeira do *Santa Theté* e procura lá um *gato capudo*, e traz esse terrivel animal para bordo, afim de não incomodar quem por alli mora com seu terrivel e *desavergonhado miado*.

*Ge-nazareth*, 18 de dezembro de 1866.

Venho pedir-vos um cantinho de vosso jornal, porém que seja na mais obscura de suas columnas, bem abaixo do ultimo annuncio de escravo fugido, ou de barricas de bacalhau podre, a vender-se por atacado.

Perspicaz, comprehendeis desde logo, meu charo redactor, que é para tractar de cousa muito insignificante, de assumpto muito baixo, de um ente muito despresivel.

Eu vou descrever as qualidades e predicados da vida do mestre Mané Quelé das *caldas*.

O romancista francez, symbolisou no mestre schola o genio da mal-versação; o povo que lê no livro da sabedoria, chrisinou de mestre a esse velho —

Immoral:

Porque no templo de Deus, no hospital de charidade, deshonorou uma joven enfermeira, alli mesmo esbofeteada pela mulher desse monstro, e pouco depois arrojada ao lodaçal da prostituição e da miseria, em que morreu:

Porque tem de publico uma *costureira*, onde um certo Luiz toma lautas ceias á meia noite:

Porque é um frequentador, sem reserva nem escolha, das cazas de alcouce:

Porque foi coagido, de pistola ao peito, a assignar, ainda ha pouco tempo, ás 10 horas da noite, em certa sala, d'onde desappareceu a luz, e fechou-se a porta com a sua arrojada entrada, o seguinte recibo:

«Recebi do Sr. . . . seis bolos fortes e bem puchados, por ter tido a audacia de entrar em sua caza para seduzir a sua. . . . e para que fique

«certo e bem patente que reconheço «a infamia praticada por mim, e lhe «passo o presente de minha letra e «firma.

«Latronopolis . . do mez de . . . de 1866.»

(Segue-se a assignatura e o reconhecimento publico.)

Miseravel calumniador:

Porque descomprez até com o seu proprio nome ao infeliz Quincas Profririo, lançando-lhe todos os labeus infamantes, e depois procurava commungar com elle, que homem rancoroso, voltou-lhe sempre as costas, não o podendo todavia evitar-lhe o encontro nos circulos dos amigos:

Porque chamou a certo negociante de *Magalhães*, maroto, ladrão, stellationario, por ser credor de um fallido, e foi logo depois a um baile em sua caza, e, sem convite, ao jantar do dia seguinte, em que emborrachouse e intalou no meio do aranzel de palavras, que n'este estado proferia em ar oratorio:

Porque escreveu horrores contra o Dr. do *ermo mano*, juiz *direito*, e agora, de sua escada pede licença para entrar *um seu escravo*, e esbarrou na sua sala a um amigo, que se anticipava em servil-o de um copo d'agoa:

Porque não se lhe importa de dirigir, hoje, contra um homem a ultima palavra do insulto e amanha dar-lhe o osculo da amizade.

Avarento, impostor e invejoso:

Porque o seu dinheiro só sahe do azinhavrado cofre para o excesso da usura, ou para sustentar gazeta, emprestando-lhe qualidades e calumniando aos outros:

Porque não estende a mão á miseria, e inculca-se protector de orphãos e viuvias:

Porque tendo cobrado com vantagem o que gastou com certos parentes na infancia, inculca-se d'elles bemfeitor, não perdoa-lhes a distincta figura, esquecendo-se que a fortuna que tem é a elles em grande parte devida:

Porque promove pleito, sem interesse, e com dinheiro alheio, em nome de terceiro, contra seus desfectos,

sempre pela mais imperdoavel omulação:

Porque, supino ignorante, maluco bisonho e asqueroso, aspira um assento na assemblea provincial e o commando superior do municipio:

Porque, para não perder o assento que lho está reservado no averno, foi a ultima pessoa que dirigiu a palavra ao assassinado, enviando lembranças a Satanaz:

Incorrigivel, assassino e ladrão:

Porque, não lhe servindo de exemplo o destino fatal dos malvados, tem por unico estimulo do seu espirito o sofrimento dos outros:

Porque, si não assassina de emboscada na estrada, procura, malvado, assassinar a honra com as armas da calumnia:

Porque, finalmente, roubou a fortuna do padre, e tornou-se celebre *chapelista* no negocio de escamotagem de escravos vendidos para o centro.

—Nova maneira de castigar os escravos! . . . .

—Qual é?

—E' amarrar o paciente, pendural-o a um gancho no tecto da casa, e sovar-lhe á murros por baixo, até o miseravel ficar exausto.

—Isso é cassuada.

—O subdelegado da Sé acaba de proceder a corpo de delicto n'um preto, que foi victima de semelhante castigo no dia de Natal.

—Logo nesse dia?

—O Sr. em regosijo ao Nascimento do Deus Menino, tomou uma *carraspana* e metteu-se-lhe na cacholla, divertir-se por tal maneira. A cousa foi tão pouca, que os medicos deram 15 a 20 dias para tratamento.

—Quem é esse barbaro?

—Homem, não sei quem é pelo nome.

O cujo mora na casa nobre do *Maciel*; a qual, por signal tem na porta, pintadas, como tropheu de armas, um *Par-de-Aranhas*.

—Bem. O *Tonico* ou o *Freitas*, é que hão de me dizer isso pelo miudo.

—*Tempora mutantur et nos mutamus in illis.* Com a chegada do progresso, nada fica estacionario!

—O que vem V. dizendo ahi, meu choramingas?

—Admirando os *phenomenos* da natureza.

Diga-me, ja viu a *folhinha ecclesiastica e civil* deste arcebisado para o anno de 1867?

—Ainda não.

—Pois compre-a e verá que o anno vindouro é muito menor, que todos os que tem passado, os mezes de abril e maio supprimiram-se. O de junho principia no dia 4 tem, portanto, 26 dias. Setembro tem tambem só os quatro primeiros, seguindo-se de novo o de junho, que principia no mesmo dia 4.

—Homem onde vio V. isso?

—Aqui está—*Folhinha para 1867: typographia de Camillo de Lelis Masson & Comp.*

—Ora pelo amor de Deus! Isto é um erro da encadernação, ou antes um engano. . . . .

—Mas, meu amigo, obra imperfeita não se expõe á venda.

—Meu charo, não tenho tempo para occupar-me com taes ninharias. . . . .

— . . . . . Vendidas a 160 reis?

—Entenda-se com quem lhe vendeu e não me aborreça.

—Capitão, aqui está o safado do Papa-pinto. V. Ex. não sabe que trabalho me deu esta besta para trazel-a.

—Ora vem cá, meu grandissimo aquilê!

—Estou ao seu dispor, bem contra minha vontade, meu capitão.

—Ora dize-me, para que jogas agua para o telhado do visinho? Para que diriges palavras obscenas para as familias, que moram no *Maciel* e desta forma as prohibes, junto com os teus malcreados filhos, de chegarem nos seus quintaes? Para que arredas as telhas da casa visinha e jogas trampa dentro?

—E' porque gosto mesmo de me intrigar com os visinhos. Não ha uma rua, aonde eu tenha morado, em que não me intrigue com todos.

—E com que cynismo tu confessas isso! Para que alugaste o miseravel bebado da *Quinta* para atassalhar com o seu *magico oculo* a quem nunca te offendeu, meu refinadissimo ladrão!

—E' porque esse bebado da *Quinta*, de quem falla V. Ex., se presta á isso por um simples copo de cachaça, o como ainda eu queria ser o victorioso, além de insultante, recorri a elle; mas soube que esse bisborria já quiz fazer negocio disso, mandando por um Dr. pedir a esse, a quem eu mandei descompor, a quantia de 200\$000 rs., ou as chaves de uma sua propriedade, para morar por espaço de um anno, sem nada pagar, com a condicção delle *Quinta*, não aceitar mais publicações contra elle.

—Que ladrão! Acho melhor que este safado vá para a estrada pedir aos viandantes a bolsa ou a vida, do que estar profanando a imprensa, com suas ladroeias!

—Ora, elle tem feito cousas peiores.

Morava na propriedade de um conego, que se allumia com *brandão*, formou um artigo contra elle e o mandou levar, dizendo, que, si não quizesse que aquelle artigo sahisse, devia consentir lhe morar na sua propriedade de graça.

—Que infame!

—Fez tambem um outro artigo e mandou levar a uma pobre senhora casada, cujo marido se acha ausente estipulando logo a quantia, que ella havia de pagar, sob pena de sabir o artigo calumnioso, que elle tinha arranjado. A mulher chorou e, por fim, com receio de que o marido não acreditasse naquella calumnia, lhe mandou a quantia, que tinha pedido.

—Então, como tu sabias que este safado tem todos os defeitos, recorrestes a elle para descompor a um moço probo e honrado, não?

—A razão é porque, si eu recorresse a um outro, não publicaria, porque veria que era uma calumnia e ninguem quer se encarregar de propagar calumnias.

—E quem leva a elle uma historia de um roubo inventado, de umas fazen-

da em *Santo Antonio das Oliveiras*?

—Isso é um sujeito, que é inimigo desse moço, que o manda.

—Mas é uma mentira calva, porque este sujeito das fazendas, que quebrou fraudulentamente, antes de declarar a quebra, ou roubo feito aos seus credores, já tinha passado recibo de saldo de todas as transações, que tinha com o dito moço.

—Mas V. Ex. sabe que o *Quinta* inventa o que quer dizer.

—E o muxingueiro inventará tambem com a taca no costado desse infame, que roubou á um incauto, que teve uma sociedade com elle.

—Capitão; para lhe fallar a verdade, quem manda é o tal negociante quebrado.

—Pois esse ladrão é quem manda esta babuzeira? Um safado, que casouse com uma rica viuva, que gostava de seu *regação* e depois que a depennou, mandou-a para fora e, de combinação com o genro della, assassinou-a!

Um infame que se amasia com uma pobre rapariga, porque sabia que ella tinha uma rica mobilia no valor de um conto de reis, e a foi hypothecar a um rico negociante de *taboa-grande*, pela quantia de setecentos mil reis, sem a rapariga saber de semelhante ladroeira; depois inventou uma briga com ella, para poder mandar buscar os trastes da pobre *Vicencia*, e recolhel-os em casa do hypothecario! E até injuria se fallar nisso; mais si este tractante continuar com essas infamias tem de ajustar severas contas commigo!

Deixemos elle e vamos á ti men *Papa-pinto*.

Para que has de deixar passar contrabandos, quando estás de *espia*?

—E' porque a quantia que ganho, não me chega para matar a sede, que tenho pela cachaça e por isso cometto essa infamia!

—Não tens remorsos de seres um mau empregado, um falsario?

—Capitão, a cousa que mais remorsos tem me feito, foi um dia, me vendo sem dinheiro para um *prego*, lo<sup>ntar</sup> vender a honra. . . . .

—Que se andija!

—Muxingueiro, leva este patife, da lhe quinhentas chicotadas e, depois, colloca-o no alto da ladeira da *Docença*, afim de que todos os moleques cusпам-lhe nesta deslavada e infamo cara!

—Capitão, pareço-me que ainda assim este safado não se envergonha!

—Applica-lhe o castigo, depois vae lusear a minha presença o bebado da *Quinta*.

(*Continúa.*)

Chama-se a attenção do Sr. delegada para uma malta de moleques vadios, que se reúnem todas as noites no largo do Theatre. os quaes se dividem em varios grupos, denominados—contradansa—sahindo um na frente dizendo: vou dar o baile, e os demais gritando—pega na onça! E neste gosto vão proferindo tudo quanto ha de offensivo á moral publica. Confia-se no zelo e actividade de S. S., e espera-se que semelhantes vadios tenham conveniente destino.

Deseja-se saber do Illm. Sr. sub-delegado do Pilar em que ficou a questão do barbaro espancamento feito pelo portuguez Joaquim Marques Nogueira da Silva em uma infeliz mulher?

Terão tido força no animo de S. S. os pedidos e conveniencias da epocha, ou terá cerrado ouvidos ás condescendencias o se achado sobranceiro no desagravo da justiça?

—Será verdade que estão a oito dias detidos na Correção alguns escravos do Sr. Manuel Pedro Celestino, por não haver juiz, que lhes assigne a ordem de soltura?

—Qual! não creia.

—E' o que me disseram: que o juiz foi passear fora, não deixou substituto e a vara ficou acephala.

—Emfim... tudo pode ser.

## VARIÉDADE.

### ENIGMAS.

—Quaes são os individuos que veem

sempre o mundo debaixo de um cór celestial?

—São os que usam de oculos azues.

—E os que só veem a sociedade por um lado esquerdo?

—Os que são cegos do olho direito.

—E os que veem tudo negro?

—Os que se passeiam de nove.

—E aquelles que não dão um só passo digno de censura?

—O, entrevados.

—E os que não criam nunca cabellos brancos com os desgostos terrenos?

—Os calvos.

—E aquelles para quem é uma agonia cada passo no caminho da existencia?

—Os que uzam de botas apertadas.

—E o que antes de ser, já é?

—O vestido.

(*Extr.*)

## ANNUNCIOS.

### GRANDE QUADRO

*Contendo as caricaturas de todos os assignantes, que não pagaram o «Alabama»*

E de todos os caloteiros, tratantes, velhacos, mal-casados e seductores, que povoam esta Latronopolis.

Por baixo de cada caricatura irá as iniciaes do individuo para melhor ser conhecido.

Será exposto á venda no principio do anno vindouro.

Preço de cada exemplar — 500 reis.

### Attenção.

O vigario da Conceição da Praia, gratifica com 5\$ rs. a quem descobrir o Senhor Deus Menino, que furtaram da Matriz, no dia 27 do corrente.

Luiz Ferreira de Souza, armador, mudou sua residencia da casa á rua dos Marchantes, para o sobrado n. 32 á rua da Cruz do Pascoal.

### A'S PESSOAS DE GOSTO.

Está exposto á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha brasileira intitulada — **Nada possuo neste mundo**, — por José Bruno Correia. Preço 1\$.  
 Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuã